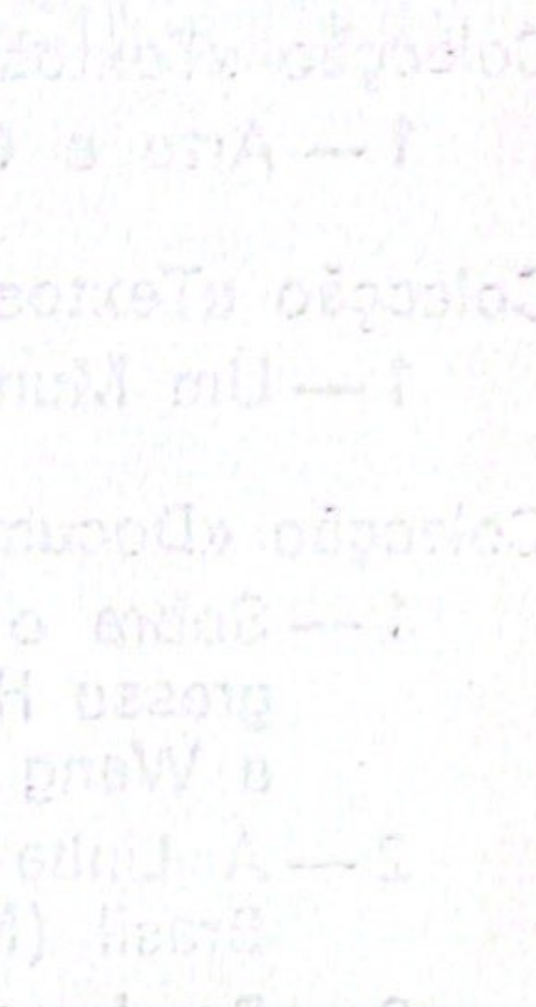
DOCUMENTOS

Guerra Popular_Caminho da Luta Armada no Brasil

Partido Comunista do Brasil (M-L)

EDIÇÕES MARIA DA FONTE



Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros publicados:

Colecção «Textos Maria da Fonte»

Série A:

1 — Trotsky e o Trotskismo —-Vários
(1.ª edição esgotada. Reedição em Novembro)

2 — Marx e os Sindicatos — A. Losowski (1.ª e 2ª. edições esgotadas. Reedição em Outubro)

3 — Mao Tsé-tung e a Política de Partido — Mao Tsé-tung (1.ª edição esgotada. Reedição em Dezembro)

4 — O P. T. A. e a Luta contra o Revisionismo — Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha

5 — Dimitrov e a Luta Sindical — Georges Dimitrov

Série B:

1 — A Metade do Céu — Claudie Broyelle
(1.ª edição esgotada. Reedição em Novembro)

Colecção «Textos Marte»

1 — Arte e Ciência da Guerra — Clausewitz

Colecção «Textos Confronto»

1 — Um Mundo Melhor — Jean Baby

Colecção «Documentos»

1 — Sobre o Trabalho de Propaganda / Um Congresso Histórico — Mao Tsé-tung, Chou En-lai e Wang Hong-wen (1.ª edição esgotada)

2 — A Linha Política Revolucionária do P. C. do Brasil (M.-L.)

3 — Proclamação-Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos

Colecção «Libertação Nacional»

1 — Quem é o Inimigo? Qual é o Nosso Objectivo? — Agostinho Neto (1.ª edição esgotada)

2 — Manual Político do P. A. I. G. C.
(1.ª edição esgotada)

3 — Textos e Documentos do MPLA sobre a Revolução Angolana — Vários

A sair:

Castro, Debray contra o Marxismo-Leninismo — Antoine Petit

Combater o Revisionismo — uma tarefa Revolucionária — Enver Hoxha

Guerra Popular
Caminho da Luta
Armada no Brasil

Colecção «DOCUMENTOS»

Dirigida por: Manuel Quirós

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

Capa: Maria José Sacadura

© Para a versão portuguesa de Edições Maria da Fonte

Guerra Popular
Caminho da Luta
Armada no Brasil

Partido Comunista do Brasil (M-L)

NOTA: A presente edição obedece, na íntegra, aos documentos publicados pelo Partido Comunista do Brasil. Não alterámos nem a ortografia nem a sintaxe porque são a expressão particular do povo a que o Partido Comunista do Brasil se dirige.

DESENVOLVER A LUTA IDEOLOGICA E FORTALECER A UNIDADE DO PARTIDO

A construção do partido revolucionário da classe operária é uma tarefa decisiva para a vitória da revolução. Nesta tarefa, o fator ideológico sempre desempenhou papel destacado. Na atualidade, porém, maior é ainda a sua importância.

Reflexo do aguçamento da luta de classes que se verifica no Brasil e em tôda parte, a luta ideológica intensifica-se nas fileiras partidárias. Surgem atividades desagregadoras e o inimigo de classe procura introduzir no Partido idéias que o desviem do caminho revolucionário.

Por isso, os comunistas precisam exercer a mais acurada vigilância contra as concepções antimarxistas no seio da vanguarda do proletariado e contra o trabalho de sapa do inimigo, elevar seu nível teórico e político, desenvolver sua combatividade e empenhar-se na aplicação da linha do Partido.

1. A construção do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL vem sendo realizada no curso de agudos choques de classes que se expressam, de modo particular, na esfera ideológica. Já a reorganização do Partido foi resultado de vigorosa luta de opiniões e representou uma grande vitória do marxismo-leninismo sôbre o revisionismo contemporâneo. Esta corrente burguesa, que atua no movimento operário, levara o Partido à degenerescência, transformando-o em uma organização

reformista, de tipo social-democrata. A defesa e a manutenção do partido revolucionário do proletariado constituiram acontecimento marcante na história do movimento comunista.

Continuador do velho Partido, fundado em 1922, o PC do Brasil é, na realidade, um partido nôvo. Desde o início de sua atividade, em fevereiro de 1962, o Partido teve de suportar os ataques furiosos dos revisionistas e, também, a ação insidiosa dos trotsquistas e da Polop (Política Operária). Principiando com um número relativamente pequeno de militantes que romperam com os revisionistas, o Partido cresceu, atraindo para suas fileiras muitos elementos revolucionários. Dentre êles havia pessoas de origem social não-proletária e que não tinham nenhuma preparação marxista. Alguns provinham de organizações ou movimentos pequeno-burgueses e ainda estavam sob a influência de seus métodos de atuação e de suas concepções políticas. Boa parte dêstes militantes via o caráter revolucionário do Partido, mas não se apercebia de seu cunho prolétário de classe, de sua feição socialista. Era inevitável, assim, o aparecimento, nas fileiras do Partido, de idéias estranhas ao proletariado.

O Partido Comunista do Brasil vem sustentando uma luta constante, em seu seio, contra as tendências adversas ao marxismo-leninismo. Logo após a sua reorganização, teve de enfrentar o aventureirismo pequeno-burguês que tentava arrastá-lo à luta armada, sem que existissem as condições necessárias e sem que houvesse uma suficiente preparação. Mais tarde, despontou uma tendência de fundo anarquista que advogava os métodos da chamada «ação direita». Tanto uma como outra manifestação foram derrotadas. Após o golpe de abril, apareceu, no Rio Grande do Sul, um pequeno grupo que, sob o pretexto da existência de «um movimento incontrolável» visando à luta armada, pretendia colocar o Partido a reboque da parte radical da burguesia. Esse grupo foi desmascarado e afastado do Partido. O Comitê Regional do Rio Grande do Sul assinalou, na época, que a formação do grupo resultou «da junção de dois fatôres: a existência no Partido

de alguns elementos imbuídos da doença infantil do 'esquerdismo' e a pressão exercida, nas próprias fileiras do Partido, pela burguesia radical».

Mais recentemente, começou a se articular outro grupo com maiores pretensões. Escondia solertemente seus propósitos e conspirava contra o Partido. Realizava, na sombra, uma luta sem princípios. Seus mentores diziam-se a favor da orientação política, mas nos bastidores manifestavam oposição à linha. Apresentavam estar de acôrdo com a direção do Partido, mas não perdiam oportunidade para atacá-la sorrateiramente e sem qualquer motivo. Desrespeitando a disciplina partidária, faziam proselitismo e estabeleciam contatos por fora das organizações, expondo o Partido aos golpes da reação. Insinuavam contar com o apoio do PC da China, o que não passava de deslavada mentira. Sua atividade desagregadora tinha como centro o ataque à direção. Ao aproximar-se a realização da VI Conferência Nacional do Partido, intesificaram seu trabalho fracionista. Repelidos pela maioria esmagadora dos delegados àquela Conferência, manobraram, aprovando a linha e a nova tática apresentadas pelo Comité Central. Continuam, porém conspirando contra o Partido.

O principal dirigente dêsse grupo era Tarzã de Castro, cujo passado, em outras organizações políticas, foi marcado pelo carreirismo e pelas ações divisionistas. Considerando que Tarzã se apresentava como um jovem desejoso de lutar pela revolução, a direção do Partido esforçou-se por torná-lo um verdadeiro militante comunsita, dando-lhe, neste sentido, as melhores oportunidades. O mesmo esfôrço foi realizado em relação a outros elementos que a êle se associaram. No entanto, nem êle nem seus sequazes foram capazes de assimilar os princípios do marxismo-leninismo nem os métodos e o estilo de um autêntico partido proletário.

Devido a seus contactos extrapartidários e à infração das normas do trabalho conspirativo, Tarzã de Castro acabou sendo prêso. Seus depoimentos na Polícia e no Exército são indígnos de um revolucionário. Delatou companheiros e revelou segredos partidários. Procurando ganhar as boas graças da reação, confes-

sou que estava organizado um grupo e indicou os nomes dos que com êle tramavam contra o Partido.

O grupo fracionista, mesmo sendo pequeno, causou certos prejuízos. Desviou alguns militantes de suas obrigações partidárias e ajudou a ditadura a golpear setôres da organização. Em que pese, porém, a maneira astuta e hipócrita de atuar, os participantes do grupo foram repudiados pela totalidade dos militantes.

Tais fenômenos negativos na vida do Partido são, de certo modo, inevitáveis. Enquanto houver classes e luta de classes sempre aparecerão, de uma forma ou de outra, tendências estranhas ao interêsse do proletariado e tentativas de fracionismo. Por isso, é necessário manter afiada vigilância e combater incessantemente as manifestações antipartidárias e as idéias perniciosas ao movimento revolucionário.

Não é admissível a existência de grupos ou frações num partido que se propõe realizar a revolução. Para cumprir esta tarefa a unidade e a disciplina são condições básicas. É impossível derrotar cabalmente os inimigos do povo brasileiro sem que sua vanguarda tenha unidade de pensamento e de ação. Os grupos e frações, abertos ou camuflados, contrariam esta unidade, minam a disciplina e abalam o princípio fundamental do centro único dirigente do Partido.

O método preferido, hoje, pelo imperialismo e a reação no combate ao Partido é desagregá-lo por dentro. Com êste objetivo fomentam o divisionismo, a criação de alas ou correntes na organização partidária e enviam, inclusive, seus agentes para realizar trabalho de sapa entre os comunistas. O Partido precisa estar prevenido contra esta atividade dissolvente. Mao Tse-tung, há quase 20 anos, alertava os revolucionários sôbre a atuação insidiosa do inimigo: «É preciso ter vigilância para não permitir aos agentes do inimigo introduzir-se em nosso Partido. Os serviços de informações dos imperialistas japonêses tentam sempre solapar o nosso Partido. Procuram utilizar as pessoas que traem em segrêdo, os trotsquistas, os elementos pró-japonêses e os degnerados, ajudando-os a infiltrar-se em nosso Partido sob a máscara de militantes».

2. Na luta em defesa da unidade do Partido, os comunistas devem estar precavidos contra a atividade e a penetração em suas fileiras de elementos do trotsquismo e da Polop. Êstes elementos apresentam-se como marxistas e fazem-se passar por amigos do PC da China. Em verdade, não são nem uma coisa, nem outra.

O trotsquismo surgiu na Rússia como corrente política antileninista. V. I. Lênin e, depois, J. V. Stálin combateram-na firmemente. Com o correr do tempo, as teses trotsquistas foram desacreditadas e derrotadas. A própria vida comprovou a falsidade das posições de Trotsqui e de seus seguidores. Sem apoio no seio do Partido Bolchevique e repelido pelo povo soviético, o trotsquismo deixou de ser uma corrente política e descambou para a provocação e mesmo para a espionagem. Em seu ódio aos dirigentes soviéticos, e desesperados com os êxitos da política staliniana, os trotsquistas chegaram, alguns anos antes da eclosão da Segunda Guerra, à suprema infâmia de trabalhar para os serviços de informações do nazismo. Não sòmente na União Soviética, mas também na China, na França, na Espanha e em tôda a parte atuaram como agentes do inimigo, agiram como provocadores e divisionistas. Com a vitória dos povos contra a Alemanha, a Itália e o Japão, o trotsquismo, desmoralizado, pràticamente desapareceu. Depois do XX Congresso do PCUS, no entanto, começou a ressurgir. Os ataques de Kruschov e seu bando a Stálin e a outros revolucionários soviéticos deram armas para que os trotsquistas levantassem a cabeça e procurassem se disfarçar como corrente política. Como seus crimes ainda estavam vivos na memória dos trabalhadores, passaram a usar uma dupla tática. Parte dêles aperece com a pròpria face trotsquista, filiada a uma hipotética IV Internacional. Outra parte encobre-se com rótulo diferente, como acontece no Brasil com a Polop. No período em que no movimento comunista predominou o revisionismo contemporâneo, sem que houvesse oposição aberta, os trotsquistas se aproveitaram para se exibir como defensores do marxismo e, assim, enganaram alguns revolucionários incautos. Continuam, porém, os

mesmos inimigos do proletariado e do socialismo, mascarados de «esquerdistas» e dizendo-se partidários de uma política pretensamente operária.

O método principal em que se baseia a atividade dos trotsquistas é o chamado «entrismo». Enviam ardilosamente seus aderentes a outras organizações com o propósito inconfessável de difundir suas idéias errôneas, fazer proselitismo e solapar a unidade do Partido. Tudo fazem para impedir a consolidação de uma autêntica vanguarda marxista-leninista da classe operária. Não revelam sua filiação. Fazem-se passar como membros da organização em que se infiltram. Pouco a pouco, vão destilando suas concepções prejudiciais e criando ambiente de confusão. É uma política sem escrúpulos e contra-revolucionária.

Trotsquistas e membros da Polop não podem, de nenhum modo, militar no Partido. Quando nêle ingressam, burlando a vigilância revolucionária, devem ser desmascarados e afastados. No Partido só há lugar para os comunistas, para os que se guiam efectivamente pelo marxismo-leninismo e dedicam sua vida à revolução. Tampouco na atividade prática, os comunistas devem confundir-se com os trotsquistas e membros da Polop, com os quais nada têm de comum. Referindo-se à ação dos trotsquistas na China, Mao Tse-tung acoimava-os de inimigos e traidores da nação. Em 1938, aformava: «Existem na frente única nacional agentes inimigos que realizam trabalho de sapa. São os traidores da nação, os trotsquistas e os elementos pró-japonêses».

A organização partidária não pode ter em seu meio esse tipo de agente. Precisa fortalecer-se com o recrutamento de operários, camponeses e de jovens revolucionários. No Partido só devem ingressar os que acreditam em seus princípios e estão dispostos a defender, intransigentemente e ardorosamente, sua orientação política, decididos a cumprir, rigorosamente, sua disciplina e resolvidos a trabalhar, apaixonadamente, pela causa da libertação nacional e do socialismo.

3. Para cumprir seu papel de vanguarda política da classe operária, o PC do Brasil, ao mesmo tempo que luta pela sua unidade e procura levar sua orien-

tação às grandes massas, deve defender-se tenazmente da influência das concepções antimarxistas. É preciso dar combate não apenas às teses revisionistas como também a outras idéias e teorias errôneas que circulam nos setôres de esquerda. Elas se apresentam com coloração radical. São elaboradas por certos intelectuais pseudomarxistas, tanto do Brasil como do exterior, e por alguns «teorizadores» da Revolução Cubana. Por sua vez, os trotsquistas e sua irmã-gêmea, a Polop, além de difundir suas surradas e desmoralizadas teses, divulgam também aquelas idéias e teorias que se aproximam de sua orientação.

a — Uma das principais opiniões a combater prende-se ao carácter da revolução. Volta à cena a velha e desmascarada tese trotsquista de que, nos países da América Latina, a atual etapa da revolução é socialista. Propala-se também que as tarefas nacionais e democráticas e as tarefas socialistas se fundem numa só revolução. Tais «teorias» entravam sèriamente o processo revolucionário. No Brasil, como nos demais países latino-americanos, a revolução tem duas etapas. Uma nacional e democrática e a outra socialista. Ainda que sejam parte de um processo único, elas são bem defenidas e têm conteúdo distinto. A primeira etapa da revolução é determinada por condições objectivas e subjectivas. Já, em 1905, Lênin, combatendo as absurdas idéias semianarquistas sôbre a realização imediata do programa máximo do Partido, dizia: «O grau de desenvolvimento econômico da Rússia (condição objetiva) e o grau de consciência e organização das grandes massas do proletariado (condição subjetiva indissolùvelmente ligada à objetiva) tornam impossível a libertação completa e imediata da classe operária». Nas condições atuais do Brasil, não existem condições objetivas nem subjetivas para a realização imediata de uma revolução de carácter socialista. Mas existem tôdas as condições para tornar vitoriosa a revolução nacional e democrática que abrirá o caminho para a passagem à revolução socialista. Num país como o nosso, onde se fazem sentir tão pesadamente a opressão e a espoliação imperialista, onde impera o sistema do latifúndio e onde predomina a reação política, seria sim-

plesmente um absurdo e imperdoável cegueira política não levantar bem alto a bandeira de luta pela independência nacional, pela democracia e pela entrega da terra aos camponeses, reivindicações que têm cunho democrático a não pròpriamente socialista. As fôrças que participam da revolução nacional e democrática são mais amplas do que as que participam da revolução socialista. Naquela, além do proletariado, dos camponeses pobres e médios, da pequena burguesia urbana, se incluem também os camponeses ricos e a burguesia nacional, uma vez que o gume do ataque da revolução não se dirige contra o capitalismo e sim contra o imperialismo e as sobrevivências feudais. Na etapa socialista, a disposição das fôrças de classe que tomam parte na revolução não inclui os capitalistas da cidade e do campo, porque o objetivo revolucionário é liquidar a propriedade privada dos meios de produção. A experiência histórica indica que tôdas as revoluções socialistas já realizadas passaram pela etapa democrática. O exemplo mais recente, o da Revolução Cubana, confirma esta regra. Cuba só ingressou na etapa socialista depois de realizar as tarefas da revolução agrária e antiimperialista. Sòmente nos países altamente desenvolvidos — como os Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha Ocidental — onde a etapa democrática já foi cumprida, está na ordem-do-dia a etapa socialista da revolução. Não fazer diferença, no Brasil, entre um e outro tipo de revolução significa colocar-se em posição sectária, que só serve ao inimigo, e marchar para a derrota. Por outro lado, erguer uma muralha entre uma e outra etapa, não ver o nexo que as une, representa uma atitude oportunista de direita.

b — Outra opinião que precisa ser desmascarada diz respeito às críticas feitas à posição internacionalista do Partido. Alguns elementos argüem que o Partido preocupa-se em demasia com os problemas internacionais. Para êles, o Partido deveria tratar ùnicamente dos problemas do país. Acham desnecessário prestar solidariedade e apoio ao PC da China, ao

Partido do Trabalho da Albânia e a outros partidos marxista-leninitas. Quem assim se manifesta não é um revolucionário proletário, internacionalista, mas um nacionalista burguês ou, quando muito, um democrata pequeno-burguês. O Partido é, antes de tudo, um instrumento da revolução brasileira, mas, ao mesmo tempo, como partido proletário, é um destacamento da revolução mundial. A solidariedade e a ajuda mútua são pilares do movimento operário internacional. Do mesmo modo que se deve dar todo o apoio aos movimentos revolucionários da América Latina, é dever sagrado prestar solidariedade ao Vietnã, à China e à Albânia. Não há dúvida que, por seu turno, a revolução brasileira só poderá triunfar se tiver o apoio dos povos revolucionários e, em particular, dos países realmente socialistas. Confundir a atitude internacionalista do PC do Brasil com falta de independência esconde, de facto, posição de neutralismo, quando não de hostilidade, face ao PC da China. Isto é inaceitável para uma organização marxista-leninista. Os Partidos Comunistas são independentes e iguais em direitos. Mas estão ligados por interêsses comuns resultantes da própria natureza da causa que defendem. A vitória ou a derrota de um Partido repercute, favorável ou negativamente, na luta dos demais Partidos. Não tomar posição clara e decidida ao lado da China, o mais poderoso baluarte da revolução mundial, é fugir à solidariedade de classe, é desprezar o principal aliado do povo brasileiro na luta pela emancipação do Brasil do jugo do imperialismo norte-americano. Nas condições atuais do mundo só é revolucionário proletário quem levanta corajosamente a bandeira da luta contra os revisionistas e em defesa da China Popular.

c — O ataque aos dirigentes marxistas-leninistas constitui também um dos temas preferidos pelos adversários do Partido. As origens dêsse ataque encontram-se, sobretudo, no XX Congresso do PCUS. Os revisionitas, objectivando quebrar a espinha dorsal do movimento comunista, passaram a denegrir os dirigentes efectivamente revolucionários, sob o pretêxto de

combate ao dogmatismo e ao culto à personalidade. Com êles fazem côro, nessa campanha, todos os inimigos do Partido. De má fé, êstes inimigos apreciam unilateralmente a história do Partido, vêem sòmente erros em sua atividade e põem de lado tudo que houve de positivo, e mesmo de glorioso, em sua existência. Tais detratores do Partido atribuem, malèvolamente, aos atuais dirigentes do PC do Brasil a responsabilidade de erros reais ou imaginários com o intuito de abalar seu prestígio. Escondem, propositadamente, o grande mérito dos que romperam com o revisionismo e souberam tirar ensinamentos das faltas e dificiências do passado. De maneira pérfida, não fazem nenhuma diferença entre Prestes e seus seguidores e os dirigentes que não aceitam o oportunismo e reorganizaram o Partido. Não foi ocasional que Tarzã de Castro e seu grupo tivessem tomado como centro de sua atuação antipartidária o combate à direção. Os que tentam destroçar o partido da classe operária procuram sempre atingir seu estado-maior. Um partido revolucionário não se pode desenvolver, consolidar e desempenhar seu papel sem possuir uma direção relativamente estável, prestigiada, com experiência e certa capacitação teórica. Só uma direção dêste tipo será capaz de conduzir com êxito o Partido na complexa situação que o país atravessa. Como os revolucionários mais antigos reúnem, em geral, maior soma de conhecimentos e de experiências são o alvo predileto de todos os que se afanam em impedir a construção da vanguarda da classe operária. A crítica aos defeitos e erros dos dirigentes é absolutamente necessária. No Partido não existem privilegiados. Mas esta crítica deve ser feita de maneira construtiva, nas reuniões, baseada em fatos concretos e não vagas hipóteses, nem, tampouco, fazendo insinuações ou difundindo calúnias. Defender a direção dos ataques desfechados pelos inimigos, ocultos ou declarados, é dever de todo militante cioso da unidade do seu Partido e que almeja a vitória da revolução. Na direção do PC do Brasil acham-se os elementos que reorganizaram o Partido, os mais ativos no combate ao revisionismo e na defesa de uma linha

revolucionária. São os que vêm contribuindo, em maior grau, para elaborar o pensamento revolucionário brasileiro, marxista-leninista, e para forjar um partido capaz de fazer a revolução.

d — Tese que também expressa a infuência de correntes hostis ao proletariado é a que preconiza a livre circulação nas fileiras comunistas de tôda e qualquer idéia, mesmo que ela seja contrária ao Partido e ao marxismo-leninismo. Esta tese dá margem a que certos elementos invistam contra o Programa e a linha política, contra os princípios e os dirigentes do Partido. Possibilita que se propaguem livremente na organização partidária pontos-de-vista falsos, de outras correntes. Permite que o inimigo veicule dentro do Partido opiniões que se chocam com as directizes do Comitê Central. Sem dúvida, o debate de idéias que precisam ser discutidas são, principalmente, as que concorrem para educar os militantes, favorecem a aplicação da linha política, ajudam a fortalecer o Partido e contribuem para fazer avançar o processo revolucionário. Não se pode impedir que aflorem ideias errôneas entre os comunistas. Quando isto ocorre é indispensável combatê-las, esclarecendo seu conteúdo prejudicial. Mas quando se trata de concepções antipartido, devem ser condenadas sem vacilação. Aceitar o debate em tôrno de semelhantes concepções é trazer a confusão e a incerteza, minar a unidade e paralisar a atividade do Partido. É provocar a desintegração ideológica, em primeiro lugar, e, em consequência, a desagregação orgânica. «Ao conceder amplos direitos aos seus membros — dizia Lênin — o Partido exige, ao mesmo tempo, como é natural, que êles sejam devotados à sua linha, aos seus objetivos e aos seus ideais. O Partido não permite a pregação de opiniões antipartidárias, por considerá-la incompatível com a permanência em suas fileiras». O Partido é uma organização em que se ingressa voluntàriamente. Os que a êle se filiam aceitam prèviamente seu Programa, seus Estatutos, sua linha política e se comprometem a militar numa de suas células. Quando não estão de

acôrdo com estas condições básicas não podem, evidentemente, ser militantes do Partido.

O combate às manifestações antimarxistas deve ser feito em duas frentes. Tanto a tendência de direita como a de «esquerda» precisam ser sistemàticamente desmascaradas. Ainda que na aparência sejam contrapostas, em essência ambas são oportunistas. Muitas teses atuais de «esquerda» se apóiam em opiniões do XX Congresso do PCUS. Por sua vez, certas idéias dêste congresso, Kruschov foi buscar no arsenal do trotsquismo. O desmascaramento da tendência de «esquerda» não significa amainar a luta contra o revisionismo contemporâneo, principal perigo para o movimento comunista.

4. O objectivo da luta contra as idéias nocivas e em defesa da unidade do Partido é fortalecer a organização partidária e fazer prevalecer as opiniões corretas. Nesta luta, tem a maior importância estimular o pensamento vivo em contraposição às fórmulas estratificadas, desenvolver uma argumentação alicerçada na prática em oposição às especulações abertas fora da realidade, defender inteligentemente a orientação política ao invés da enfadonha repetição de frases feitas. O debate é tanto mais proveitoso quanto mais contribua para levar o Partido à ação entre as massas e ajude a aplicar criadoramente seus princípios e sua linha.

A luta ideológica é um processo permanente que reclama tratamento cuidadoso. Para conduzir com êxito esta luta, são necessários métodos justos e adequados, que sirvam para esclarecer problemas controvertidos, educar os militantes e elevar seu nível teórico, político e de atuação prática. A persuação é o método principal a ser empregado, ou seja, convencer, com argumentos e fatos, que os princípios, o programa e a linha do Partido são acertados. A maioria dos que apresentam incompreensões é constituída de pessoas equivocadas. São elementos que sofrem pressão ideológica de correntes de esquerda ou pseudo-marxistas e se deixam influir pela propaganda do inimigo. Uma argumentação que os ajude a raciocinar

do ponto-de-vista de classe do proletariado levá-los-á a compreender os erros e a reconhecer a justeza das posições do Partido. É indispensável tratá-los fraternal e pacientemente, sem, no entanto, conciliar com as idéias falsas por êles defendidas. Se insistem nas opiniões erradas, causando danos ao Partido, devem ser advertidos. Isto não significa que se deva abafar opiniões divergentes. O direito de divergir é assegurado nos Estatutos. Mas o militante que diverge está obrigado a aplicar as decisões partidárias e sòmente pode levantar suas discordâncias na devida oportunidade. Quando se trata de conspirador ou de fracionista não se pode ser tolerante. O conspirador desenvolve atividade corrosiva contra o Partido. Está sempre tramando o assalto às direções e, neste sentido, faz aliciamento para organizar grupos. Não perde ocasião para criar ambiente de desconfiança. Por isso deve ser desmascarado e afastado do Partido.

No curso da luta ideológica, bem como na ação política e na atividade entre as massas, vai-se forjando o Partido revolucionário que a classe operária e o povo brasileiro necessitam. Ao combater as concepções antimarxistas e ao procurar o verdadeiro caminho da revolução, o Partido molda a sua fisionomia de fôrça de vanguarda do proletariado e de principal instrumento a serviço da emancipação do Brasil e da causa do socialismo. Neste sentido tem obtido êxitos. Em seus documentos, o marxismo-leninismo começa a encontrar sua forma nacional e a se expressar em têrmos de um pensamento e de um estilo realmente brasileiros, única maneira de aplicar correctamente, às condições concretas do país, a invencível doutrina do proletariado. Sua organização se amplia em quase todos os Estados e aumenta sua influência nas cidades e no campo. Jovens plenos de entusiasmo ingressam em suas fileiras e fazem sua a orientação que êle defende. O próprio desenvolvimento da luta ideológica é sinal de vitalidade, de que o Partido está vigilante, não se deixa enredar pelo revisionismo contemporâneo, nem pelo radicalismo pequeno-burguês ou pelo dogmatismo sectário. Marcha para cumprir sua missão histórica.

Desfraldando a bandeira vitoriosa do marxismo-leninismo, voltando-se mais e mais para as massas e lutando para aplicar as resoluções da VI Conferência, o Partido tem diante de si um futuro glorioso. Pertencer ao PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL é uma honra e motivo de orgulho revolucionário.

Maio de 1967.

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA
DO BRASIL

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL NA LUTA CONTRA A DITADURA MILITAR

Numa situação cada vez mais complexa, quando se aprofundam as contradições sociais, tanto na esfera internacional como na nacional, o Partido vem desenvolvendo sua atividade política. Em que pesem as dificuldades que enfrenta, o Partido Comunista do Brasil firma-se no cenário político brasileiro e esforça-se para ocupar seu pôsto de vanguarda na luta do povo pela independência, o progresso e a liberdade. Sua atuação é guiada pelos princípios estabelecidos no Manifesto-Programa e pela linha traçada na VI Conferência Nacional. O Partido vem enfrentando uma conjuntura difícil. A reação se acirra contra os comunistas, procura desesperadamente golpear suas organizações e tenta por todos os modos destruí-las. No terreno ideològico, o Partido luta em condições complicadas, em que se fazem sentir as mais variadas idéias sôbre a solução dos problemas brasileiros e a maneira de encarar os fenômenos que se desenvolvem na arena internacional.

Em sua atuação, o Partido tem alcançado êxitos e revelado falhas. Faz-se necessário analisar tais êxitos e falhas, esclarecer e aprofundar alguns pontos da linha política, refutar as concepções errôneas e debater as formas de impulsionar o trabalho do Partido em todos os aspectos. Há quase um ano e meio da realização da VI Conferência, já se pode fazer um exame de conjunto da atividade partidária. É imprescindí-

vel também apreciar, mesmo brevemente, os acontecimentos verificados nos últimos meses, no país e no exterior, captar o sentido em que se desenvolve a fim de que o Partido possa melhor aplicar a sua orientação.

Acentua-se a luta entre os povos e o imperialismo

Em fins de setembro, foi realizada no Brasil a reunião do Fundo Monetário Internacional, Nela estiveram presentes os representantes da quase totalidade dos países capitalistas. Os porta-vozes da alta finança internacional não puderam esconder o quadro sombrio da situação do mundo em que domina o capital. Nos debates verificados, ficou evidente a experiência de uma profunda crise. Schweitzer, falando pelos diretores executivos do FMI, afirmou, referindo-se à atual conjuntura, que «a queda econômica entre os países industrializados foi a mais pronunciada e vasta de quase uma década». Disse ainda: «Esta baixa, por sua vez, trouxe consequências adversas aos países em vias de industrialização». E aduziu: «Durante a primeira metade de 1967, a economia mundial parecia paralizada, apresentando pouco ou nenhum progresso». Em relação aos países atrasados, declarou que «a situação agravou-se indubltàvelmente durante os anos de 1966-67, devido a uma redução crescente da receita de exportação dos países menos desenvolvidos». Esta confissão de Schweitzer dá bem uma idéia do aumento das dificuldades que o imperialismo enfrenta e das contradições em que se debate. Os paliativos adotados, a exemplo do mercado comum e das medidas antiinflacionários, não dão os resultados esperados. Tampouco a corrida armamentista que se verifica nos Estados Unidos impede a manifestação da crise. O capitalismo encontra-se num atoleiro de onde não poderá sair. Suas contradições básicas se aguçam sem cessar. Nos países imperialistas, enquanto crescem astronômicamente os lucros dos trustes e monopólios, a situação da classe operária é cada vez mais difícil. As recentes greves da Ford, nos Estados Unidos, dos portuários e ferroviários na Inglaterra, e a decisão do Congresso das Trade Unions

contra a política salarial do Govêrno Trabalhista falam bem alto do aguçamento da contradição entre o proletariado e a burguesia. Também se acirra a contradição entre os países imperialistas e entre os grupos monopolistas. Isto é demonstrado pela posição da França contra o ingresso da Inglaterra no Mercado Comum Europeu e sua oposição a muitos aspectos da política norte-americana, assim como as divergências que se observam entre os grandes monopólios dos Estados Unidos. Com maior força ainda aflora a contradição entre as nações oprimidas e o imperialismo, em particular o norte-americano. Não é por acaso que os representantes dos países do chamado mundo subdesenvolvido, tanto na reunião do FMI como na Conferência de Argel há pouco realizada, clamaram contra a contínua queda dos preços de seus produtos de exportação e condenaram a espoliação de que são vítimas por parte das nações mais poderosas.

O imperialismo norte-americano, o maior explorador internacional, intensifica o saque de numerosos países e tenta impor sua hegemonia em todo o mundo. Com êste objetivo, desenvolve uma política de guerra e agressão. A economia ianque está voltada, em boa parte, para a guerra. 3,5 milhões de pessoas nos Estados Unidos trabalham exclusivamente em função do conflito no Vietnã. Fabulosas somas são investidas na indústria bélica. Sòmente para a construção de uma rêde de antibalísticos, o Govêrno norte-americano pretende dedicar 40 bilhões de dólares. Em agôsto último, Johnson assinou uma lei que destina 700 bilhões de dólares para fins militares e, nessa oportunidade, advertiu que, se julgasse necessário, lançaria mão de mais recursos para financiar a agressão no Sudeste Asiático.

O govêrno ianque prossegue em sua «escalada» no Vietnã. Os maciços bombardeios de Hanói e Haifond, atingindo, indiscriminadamente, a população civil, prenunciam a ampliação da guerra. O aumento dos efetivos militares dos Estados Unidos no Vietnã, a concentração de tropas ianques na Zona Desmilitarizada, a mobilização de mais soldados da Coréia do Sul, Tailândia, Austrália e Nova Zelândia são indícios de que os generais do Pentágono se aprestam para invadir a República Democrática do Vietnã. Ao mesmo tempo que planeja a

extensão do conflito, a Casa Branca realiza tôda sorte de manobras e a mais hipócrita propaganda visando a levar o govêrno norte-vietnamita a aceitar uma paz que sirva aos planos guerreiros e neocolonialistas dos Estados Unidos.

O centro da estratégia política e militar do imperialismo ianque é a China. Repetem-se as provocações antichinesas e medidas são postas em prática objetivando o cêrco dêste país socialista. Govêrnos reacionários, como os da Índia, Japão, Indonésia e Birmânia, submissos aos Estados Unidos, realizam sucessivas provocações contra a China Popular. Sob a batuta do imperialismo estadunidense e dos revisionistas soviéticos, desenvolve-se intensa campanha de calúnias e mentiras antichinesas destinada a confundir a opinião pública e tentar justificar os planos agressivos dos monopolistas norte-americanos.

Em ligação com êstes planos agressivos, intensifica-se a reação política contra as grandes massas, inclusive nos Estados Unidos. As liberdades democráticas vão sendo golpeadas em tôda parte onde se faz sentir a influência norte-americana. Em inúmeros países dominam férreas ditaduras militares. Na América Latina, o militarismo reacionário assenhoreou-se do Poder e impõe regimes fascistizantes. Lei Anticomunista na Argentina, estado de sítio no Paraguai, Lei de Segurança no Brasil, estado de emergência no Uruguai, suspensão de direitos e garantias individuais na Venezuela, estado de sítio na Bolívia, leis de excessão na Nicarágua — eis um quadro da reação latino-americana. Sucedem-se os massacres de trabalhadores e patriotas. Enchem-se os cárceres de operários, camponeses, estudantes e intelectuais. É cada dia maior o número de pessoas exiladas de suas pátrias. A repressão aos movimentos reivindicatórios e democráticos caracteriza-se pela ferocidade mais brutal.

Mas os imperialistas norte-americanos e seus lacaios não poderão impedir nem esmagar a luta dos povos. O emprêgo da violência mais selvagem contra as massas jamais conseguirá evitar a derrota dos reacionários. Ao contrário, a acção criminosa dos monopolistas ianques e de seus sustentáculos internos nos diferentes países só poderá estimular a atividade revolu-

cionária dos povos. É o que vem acontecendo em todos os lugares, em especial na Ásia, África e América Latina.

Multiplicam-se os reveses das tropas ianques no Vietnã, impotentes face à guerra popular dos vietnamitas. O número de baixas ianques e de seus títeres é cada vez maior. Dia a dia, torna-se mais poderosa a resistência patriótica e mais vigorosos são os golpes assestados nos invasores norte-americanos. Recrudesce com impetuosidade a luta guerrilheira na Birmânia, Malásia e Filipinas. As guerrilhas começam a desenvolver-se na Tailândia, Indonésia e na Índia. Crescem no Congo, em Angola e Moçambique. Afirmam-se na Colômbia, Venezuela, Guatemala e Bolívia. Em diferentes países erguem-se enérgicos protestos de massa contra a ação bandidesca dos Estados Unidos no Vietnã. Particular importância têm as manifestações pacifistas, em contínuo crescimento, na própria América do Norte, a exemplo da combativa demonstração popular diante do Pentágono. A luta dos negros norte-americanos por seus direitos entra em nova etapa. Êste movimento recorre, cada vez mais, à violência revolucionária e seus mais destacados porta-vozes relacionam a solução do problema racial com a derrota do sistema imperialista ianque.

Em sua luta contra os monopólios estadunidenses, os povos de todo o mundo têm na China sua principal base de apoio. Êsse imenso país socialista de 700 milhões de habitantes opõe-se decididamente aos planos de hegemonia mundial do imperialismo norte-americano e presta inestimável contribuição a todos os que lutam pela libertação nacional na Ásia, África e América Latina. Derrotando fôrças internas que adotavam o caminho da restauração do capitalismo, a Revolução Cultural reforçou a ditadura do proletariado e elevou a consciência revolucionária do povo chinês. A Revolução Cultural Proletária continua a obter imensos êxitos que fortalecem a potência econômica, política e militar do país. A produção atingiu índices bastante elevados. Avançaram a ciência e a técnica. A explosão da bomba de hidrogênio na China reforçou a sua defesa nacional e encorajou o movimento antiimperialista em todo

o mundo. Guiado por Mao Tse-tung, o povo chinês está mais unido do que nunca e em condições de enfrentar e derrotar qualquer inimigo.

A medida que se intensifica a luta dos povos contra o imperialismo norte-americano, mais se desmascara a traição dos governantes soviéticos. Seu conluio com os círculos dirigentes dos Estados Unidos assume proporções sempre maiores. As conversações de Glassboro entre Johnson e Kossiguin, depois da capitulação da União Soviética no Oriente Médio, é uma nova etapa na ação conjunta soviético-norte-americana objetivando a divisão do mundo em esferas de influência dos Estados Unidos e da URSS. Em cumplicidade com os norte-americanos, os revisionistas soviéticos apresentam projeto de tratado de não-proliferação das armas atômicas, tendo em vista assegurar o monopólio nuclear para a URSS e os Estados Unidos. Ajudam econômica e militarmente a Índia, aproximam-se do Japão, enviam tropas à Mongólia Exterior e estreitam relações com a Indonésia. Realizam provocações na fronteira com a China. Empenham-se num trabalho subreptício de conversações de paz no Vietnã, no interêsse dos imperialistas. E, dêste modo, colaboram com os Estados Unidos na tentativa de cêrco da China.

A situação internacional se caracteriza, assim, por um aguçamento da luta entre os povos e o imperialismo norte-americano. Os fatos indicam que a tendência é para choques cada vez maiores. A perspectiva que se apresenta não é de distensão ou calmaria, mas de revoluções e guerras. O imperialismo norte-americano prosseguirá em suas agressões. Por seu turno, os povos da Ásia, África e América Latina não se deterão em sua luta, levantarão com mais ímpeto a bandeira da emancipação nacional. Novos países se incorporarão à luta armada contra o jugo dos monopólios estadunidenses. Sejam quais forem as vicissitudes por que passem as fôrças revolucionárias, nêste ou naquêle país, a vitória final lhes pertencerá, enquanto que o imperialismo, o revisionismo e a reação, sejam quais forem os êxitos parciais que possam obter, marcham inevitàvelmente para a derrocada final.

Em crise a política da ditadura

Passados três anos e meio do golpe de abril e sete meses da posse de Costa e Silva, o Brasil encontra-se numa situação bastante difícil. A política da ditadura redundou no mais completo fracasso. Agravaram-se os problemas do país em todos os sentidos.

Desde o início, os golpistas alardeavam que iriam regularizar a situação econômico-financeira. Roberto Campos e, depois, Delfim Neto apresentavam-se como salvadores das finanças nacionais. Mas a orientação do FMI, que tão diligentemente aplicaram, deu os mais funestos resultados. O **déficit** orçamentário do ano em curso, previsto pelo govêrno em 600 a 700 milhões de cruzeiros novos, encaminha-se para a cifra de 1 bilhão e 300 milhões de cruzeiros novos. A política tributária da União vem acarretando verdadeira degringolada nas finanças estaduais. O Estado mais rico do país, São Paulo, encontra-se a braços com um pesado **déficit** em seu orçamento e o Govêrno estadual viu-se obrigado a suspender a execução de obras inadiáveis. Em Minas Gerais, a arrecadação de impostos sofreu uma redução superior a 100 milhões de cruzeiros novos. O professorado primário não recebe seus vencimentos há mais de dez meses e foi anunciada a venda de vários prédios do Estado para fazer face às dificuldades financeiras. Mais grave é a situação do Rio Grande do Sul, onde o **déficit** chega a 300 milhões de cruzeiros novos e a administração estadual enfrenta verdadeiro colapso. Se esta é a situação de três dos mais importantes Estados do Brasil, pode-se avaliar a dos outros mais pobres. O quadro do próximo exercício financeiro é ainda pior. O orçamento da União para 1968 registra elevado **déficit.** Grandes verbas foram destinadas a gastos improdutivos. O Ministério do Exército, por exemplo, consumirá 1 bilhão e 90 milhões de cruzeiros novos, representando um aumento de 45% em relação às dotações do ano em curso para êsse Ministério.

A maneira pela qual o Govêrno vem combatendo a inflação é extremamente nefasta ao país. Assemelha-se à de um médico que tentasse curar a doença de determinado órgão e acabasse provocando graves en-

fermidades nos demais órgãos do paciente. Se é verdade que tem diminuído o rítmo inflacionário, também é certo que se restringe sèriamente o mercado interno, paralisa-se o desenvolvimento econômico, provoca-se a falta de trabalho em escala cada vez maior, cria-se para as massas uma situação insustentável de fome e miséria. A política de combate à inflação, de Costa e Silva, só beneficia os monopólios ianques e um reduzido grupo de grandes capitalistas brasileiros. É desastrosa para o povo. Neste caminho, a Nação marcha para uma crise ainda maior. A solução para os problemas econômico-financeiros tampouco está no retôrno à política de inflação desenfreada dos governos anteriores. Esta política também acarretava sérias consequências para o país. Nos marcos das estruturas econômicas ultrapassadas, não se pode resolver a crise crônica em que o Brasil se debate. Mais uma vez evidencia-se que não existe outra saída senão a revolução. «O país sòmente sairá da profunda crise em que se debate — diz o Documento da VI Conferência — liquidando os principais entraves que se antepõem ao seu progresso, à sua completa independência e ao bem-estar de sua população».

No plano político, continua a vigorar um regime militarista, profundamente reacionário e liberticida. O Comitê Central do Partido já assinalou que o Govêrno de Costa e Silva era a continuação da ditadura instaurada no primeiro de abril de 1964. Ao mesmo tempo, observou que o nôvo govêrno apresentava certas diferenças secundárias em relação ao anterior. No início de sua gestão, Costa e Silva, tentando enganar as massas, acenava com modificações na política econômico-financeira e nas relações internacionais. Demagògicamente falava também numa possível «abertura democrática.» Adotava, assim, diferente tática. Em abril dêste ano, o Comitê Central, considerando que estas manobras demagógicas teriam curta duração, afirmou: «A tática empregada pelo Govêrno, devido a fatôres de ordem interna está fadada ao fracasso. Também não tem condições de êxito em virtude da situação internacional em constante agravamento». Esta previsão confirmou-se inteiramente.

Em poucos meses de govêrno, Costa e Silva arrancou a máscara. Declarou peremptòriamente que não permitirá qualquer revisão constitucional, que não haverá eleições diretas em 1970, que usará o exército para enfrentar as lutas populares e que continuará a aplicar de modo inflexível a política de arrôcho salarial. Deixou claro, enfim, que a ditadura pretende prosseguir no seu caminho de violências e arbitrariedades, sem concessão de qualquer natureza. Com esta atitude, pôs por terra as esperanças dos que alimentavam ilusões na possibilidade de modificações democráticas a serem realizadas pela atual administração.

As palavras de Costa e Silva correspondem à ação prática do Govêrno. Intensifica-se a repressão policial. Prendem-se e torturam-se inúmeros cidadãos no Triângulo Mineiro e em Brasília, em Goiás, no Paraná e no interior de São Paulo. Os tribunais militares condenam, quase diàriamente, patriotas e democratas a longas penas de prisão. Estudantes são frequentemente espancados em praça pública e suas demonstrações brutalmente dissolvidas. No Estado do Rio, vários prefeitos são destituídos de seus cargos sob a pressão de militares. As reivindicações dos trabalhadores por melhores remunerações são respondidas com o arrôcho salarial e com ameaças de punições rigorosas aos que tentaram recorrer à greve. O Govêrno intervém diretamente nas relações entre operários e patrões para impedir qualquer aumento de salário acima dos níveis estabelecidos pela ditadura. Sob o pretexto de combate à inflação, os atuais governantes descarregam o pêso das dificuldades que o país atravessa sôbre os trabalhadores.

Com a conivência de Costa e Silva, os imperialistas norte-americanos penetram cada vez mais no país, ditam a política governamental e controlam a máquina administrativa. Após dominar importantes ramos da economia brasileira, os monopolistas ianques estendem agora seus tentáculos ao campo. Objetivam a ocupação do território nacional. Vastas regiões, na Amazônia, Goiás, Mato-Grosso e Bahia, são adquiridas por agentes norte-americanos que nelas instalam campos de aviação, aparelhamento de rádio, serviços médicos e mesmo depósitos de armas e munições.

No atual Govêrno, a situação das massas continua agravando-se. Os salários e vencimentos estão pràticamente congelados. O poder aquisitivo do povo é muito inferior ao do período que antecedeu o golpe do primeiro de abril. O problema da habitação tornou-se uma tremenda sobrecarga para os que vivem de salários. São insuportáveis as condições de vida dos operários e camponeses. Boa parte da classe operária passa fome. A miséria acompanha permanentemente os homens do campo. O funcionalismo público não ganha para atender suas necessidades mínimas.

A ditadura constitui, assim, verdadeira calamidade para as massas. O regime militarista é essencialmente contrário ao povo, às liberdades e aos interêsses nacionais. Os militaristas que dominam o país agem de acôrdo com a orientação que vem dos Estados Unidos, estão enquadrados nos planos de guerra e colonização do Pentágono e da Casa Branca. Lacaios que são dos monopólios norte-americanos, querem transformar os brasileiros em escravos dos milhardários ianques. Sòmente a luta decidida do povo pode acabar com a tutela que os militares vêm impondo à Nação. Como destacou a VI Conferência Nacional, «sem a participação ativa do povo não se conseguirá modificar a atual situação, o país permanecerá sob a ditadura e continuará a sofrer as consequências de uma política de traição nacional».

A Luta contra o Govêrno Costa e Silva

Apesar da arrogância de Costa e Silva, de seus Ministros e dos generais que se consideram donos do país, a ditadura não tem o poderio que alardeia. As ameaças que Costa e Silva há pouco proferiu não são sinal de fôrça. Revelam fraqueza, temor ante a possibilidade de um ascenso das lutas populares. Ao realizar uma política profundamente antinacional e antipopular, a ditadura atrai o ódio da maioria esmagadora da Nação. A perseguição aos patriotas e o arrôcho salarial levantam a indignação das massas que desejam liberdade e não querem morrer de fome. As assertivas do grotesco marechal de que não permitirá qualquer

mudança na ordem instituída em abril de 1964 fazem aumentar o descontentamento contra o Govêrno, mesmo em áreas que não estão na oposição. A ditadura encontra-se cada vez mais isolada. Sustenta-se nas baionetas das Fôrças Armadas, no imperialismo norte-americano e nos setores sociais e políticos mais reacionários do país.

A oposição à ditadura se manifesta não sòmente no terreno popular como também numa parte das classes dominantes. No terreno popular, a oposição à ditadura tem caráter mais consequente. É bastante combativa o que mais desmascara o sistema ditatorial e o que melhor corresponde aos interêsses da luta democrática e antiimperialista. Revela-se nos ataques contra o Govêrno Costa e Silva que a classe operária, os camponeses e os estudantes vêm desfechando de variadas formas e em diferentes níveis. Manifesta-se nas tentativas de ações revolucionárias armadas e no sentimento generalizado de responder à violência da reação com a violência popular. Apodera-se da consciência das massas a idéia de que nada se pode esperar dêsse govêrno e que só através da luta armada é possível varrer o sistema político criado pelo golpe de primeiro de abril e conseguir um nôvo poder. Exprime-se também nas posições e na atividade revolucionária de diversas correntes que atuam no país. O objetivo dessa oposição é livrar o Brasil da ditadura e do regime militarista.

Cresce também a oposição em setores das classes dominantes. O MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e a Frente Ampla são expressões desta oposição. A Frente Ampla é uma tentativa de unir fôrças para modificar o sistema ditatorial vigente em benefício de correntes políticas alijadas do Poder com o golpe militar .As principais correntes que nela se agrupam são lideradas por Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Hostilizados pela ditadura, êstes políticos esforçam-se para levantar um movimento que, dentro da ordem atual, permita a conquista de certas franquias e lhes possibilite influir mais diretamente na vida política do país. Em especial, visam à realização de eleições diretas, através das quais pretendem chegar ao poder, uma vez que, na presente situação,

nem Lacerda, Juscelino ou Goulart tem condições de galgar os postos-de-mando da Nação. O MDB e a Frente Ampla desempenham determinado papel na luta contra a ditadura. A condenação que seus líderes fazem do militarismo, do caráter discricionário do Govêrno e das medidas de perseguição policial; a defesa que levam a cabo das eleições diretas e do direito de organização partidária; as restrições que apresentam à política econômico-financeira contribuem para isolar a ditadura. É, no entanto, um tipo de oposição inconsequente, que não objetiva a solução dos problemas brasileiros. Representa os pontos-de-vista de uma parte das classes dominantes, temerosas de que o agravamento da contradição entre o povo e a ditadura leve à revolução e, por isso, considera a existência de algumas liberdades e de govêrnos demagógicos o melhor caminho para manter os privilégios destas classes e evitar a guerra popular.

A oposição à ditadura, vista num plano mais geral, abarca inúmeras fôrças com as mais diversas opiniões. Vai desde as correntes radicais e consequentes, como o partido do proletariado, até elementos conservadores, como Juscelino Kubitschek. Seria grave êrro colocar-se a reboque da oposição de certos setores das classes dominantes e deixar que êstes assegurassem a sua hegemonia. Seria falso, igualmente, considerar que tais setores não desempenham nenhum papel no combate à ditadura. A oposição das fôrças populares, lutando de maneira independente em favor da ampliação e intensificação da luta contra o Govêrno de Costa e Silva, deve ter flexibilidade para realizar ações comuns com tôdas as fôrças e elementos antiditatoriais.

A luta do povo brasileiro contra a ditadura vem se expandindo. Generaliza-se o descontentamento e sucedem-se as críticas ao Govêrno. Apesar das violências surgem protestos em diferentes lugares. O proletariado realiza assembléias sindicais reclamando melhores salários e anuncia que recorrerá à greve. Em vários Estados, milhares de famílias camponesas oferecem resistência as tentativas de expulsão das terras em que vivem. Exemplo disto é o que ocorreu em Santa Terezinha, Mato-Grosso, onde os camponeses opuseram-se firmemente à ação perversa da CODEARA,

grande companhia de exploração rural, que pretende tirar-lhes as terras em que trabalham há muitos anos. No Nordeste, os assalariados agrícolas realizam greves pelo pagamento de salários atrasados. Flagelados invadem cidades. Os estudantes, em todo o país, efetuam passeatas e demonstrações de repúdio à ditadura. Não aceitam a dissolução de suas entidades tradicionais. Defendem suas reivindicações específicas e manifestam apoio e solidariedade ao povo do Vietnã. Inúmeros deputados levantam a voz para combater os desmandos e arbitrariedades da ditadura. Alcançou repercussão a denúncia da Comissão Parlamentar de Inquérito sôbre a venda de extensas regiões do território nacional a norte-americanos. O confinamento de um jornalista carioca provocou movimento em defesa da liberdade de imprensa.

Embora a resistência à ditadura aumente em todo o país, a luta do povo brasileiro não é suficiente para golpear sèriamente o Govêrno de Costa e Silva. O proletariado e as massas camponesas ainda não se empenharam em profundidade na luta por seus direitos, apesar da difícil situação em que se encontram. As ações que realizam não representam a resposta necessária à ofensiva do Govêrno contra seus interêsses vitais. Em certo sentido, suas ações são de nível inferior às que levam a cabo os estudantes. As massas ressentem-se da derrota sofrida em abril de 1964, embora, neste último período, comecem a demonstrar maior disposição de luta. Enquanto os trabalhadores das cidades e do campo não tiverem uma participação mais destacada e enérgica na luta contra a ditadura não haverá grandes modificações no curso dos acontecimentos. A mobilização da classe operária e, especialmente, do campesinato é problema decisivo.

Há condições, porém, bastante favoráveis para o desencadeamento de lutas, para desmascarar e isolar a ditadura. Esta, cada dia que passa, aparece mais claramente como agente do imperialismo norte-americano e representante do que há de mais retrógrado no país. É possível, assim, desencadear um poderoso movimento de massas que inclua tôdas as fôrças antiditatoriais, realizar grandes lutas, desde as demonstrações de rua até as greves, desde as manifestações de

protesto até as assembléias de massa, desde a resistência à expulsão da terra até as ações armadas. É possível unir amplos setores da população, forjar no processo da luta a frente-única das fôrças patrióticas e democráticas. Para isto é necessário orientar-se de maneira correta, saber encontrar os meios e as formas capazes de pôr em movimento as massas, elevar seu nível de combatividade e de organização tendo em vista o desencadeamento da guerra popular. A linha exposta na VI Conferência Nacional do Partido constitui um roteiro seguro para levar o povo brasileiro à luta e à vitória, é um poderoso instrumento nas mãos do povo para derrubar a ditadura e livrar o país de seus piores inimigos.

A Linha Revolucionária do Partido

Em sua VI Conferência Nacional, o Partido traçou uma orientação tática que corresponde às exigências atuais da luta do povo brasileiro. Esta orientação relaciona-se, intrinsecamente, com o Manifesto-Programa e dêle dimana. O Programa fixa os objetivos da revolução brasileira na presente etapa e define a linha estratégica do Partido. A tática da VI Conferência, ampla e revolucionária, visa a conduzir o povo à conquista dos objetivos da revolução nacional e democrática.

A tática do Partido pode ser assim resumida:

1 — Política de união dos patriotas pela independência, o progresso e a liberdade, união de tôdas as fôrças favoráveis à derrubada da ditadura.
2 — Concentração dos ataques no imperialismo ianque e na ditadura, que expressa os interêsses dos monopolistas norte-americanos e de seus sustentáculos internos.
3 — Ações de massas, cada vez maiores, nas cidades e no campo, em todos os aspectos.
4 — Primazia para o trabalho no interior do país, tendo em vista que aí se realizará a luta armada.

5 — Utilização de tôdas as formas de luta, tanto abertas como clandestinas, preparação e desencadeamento da luta armada, com o propósito de desenvolver a guerra popular.

A união dos patriotas é uma política ampla que visa a unir o máximo de fôrças contra a ditadura, neutralizar setores que poderiam ser por ela utilizados e isolá-la completamente. Objetivando esta união, o Partido formulou uma plataforma cujos pontos exprimem os sentimentos gerais da Nação a favor da derrubada do govêrno ditatorial e de todo o sistema político implantado no país com o golpe do primeiro de abril. Como êste govêrno e êste sistema político foram engendrados e são apoiados pelo imperialismo ianque, a plataforma, em última instância, tem seu gume voltado contra os monopolistas norte-americanos. «A concretização de um movimento como a união dos patriotas pela independência, o progresso e a liberdade — assinalou a VI Conferência — faria surgir uma poderosa fôrça capaz de enfrentar com pleno êxito os inimigos mortais do povo brasileiro, assestar golpes nos imperialistas norte-americanos e seus lacaios e descortinar uma nova situação política no país». A base principal desta união é a aliança dos operários e camponeses.

O povo brasileiro, na luta por sua completa emancipação, defronta-se com diversos inimigos. Mas não pode atacar a todos simultâneamente. Destaca entre êles o inimigo principal, cuja derrota abre o caminho para vencer os demais. Se assim não agir, tropeçará nas maiores dificuldades e não alcançará a vitória. Na presente situação, o inimigo principal a combater são o imperialismo norte-americano e seus sustentáculos internos, que encontram na ditadura sua expressão política.

A orientação do Partido é, antes e acima de tudo, voltada para as grandes massas. As ações de massa são indispensáveis em tôdas as fases da luta, tanto antes como durante a guerra popular. Elas servem para educar, organizar, unir e desenvolver o espírito

combativo do povo. Não se pode empreender exitosamente a luta armada e derrubar a ditadura sem a participação ativa das massas. As manifestações populares, as greves operárias, os protestos no campo ajudam a desmascarar o Governo abalar o poder ditatorial e concorrem para despertar grandes setores da população para a saída revolucionária.

A tática do Partido exige que sua atividade se realize fundamentalmente no interior do país. Isto é determinado não só pelo fato de que os homens do campo constituem a fôrça básica da revolução, mas também porque o interior é o cenário mais favorável à luta armada. O desenvolvimento desigual do país, gerou, em realidade, dois brasis: O Brasil das grandes cidades e o imenso Brasil do interior. Êste, inteiramente abandonado, carece das menores conquistas da civilização. Nêle reside o maior potencial revolucionário do país. A quase totalidade de sua população é pobre e vive em condições dificílimas. A sua juventude não tem perspectiva nem possibilidade de melhorar de vida. E não se trata apenas dos que residem no campo, mas também de uma grande massa dos que moram nos povoados, vilarejos, pequenas e médias cidades. Esta sofrida e vasta população do interior é que constitui a mola real da revolução. O Brasil das grandes cidades, onde estão concentradas a classe operária e uma extensa camada da pequena burguesia, desempenha, também importante papel. Tanto no período da preparação da guerra popular como no período mais ou menos longo de sua realização e na sua fase final. No período da preparação, as grandes cidades contribuem com a agitação política, as lutas de massas, o envio de elementos para o campo e o apoio e a solidariedade às lutas no interior. No segundo período, tôda a sua atividade revolucionária se subordina à luta armada que se processará no interior. Desenvolverão o máximo de esforços para impedir que o inimigo possa concentrar suas fôrças contra os destacamentos armados do povo, apoiarão êstes destacamentos com recursos materiais e o envio de combatentes, farão ações que dificultem o abastecimento e

as comunicações do inimigo. Na fase final, deverão realizar insurreições coordenadas com os exércitos populares.

A luta armada é o único meio de modificar o estado de coisas vigente, coloca-se como necessidade imperiosa para todos os que anseiam pôr fim ao odioso sistema político implantado pelos militares. Isto porque, nas condições atuais, devido ao rumo que toma a situação internacional e ao regime militarista instaurado no país, nem mesmo as reivindicações limitadas de uma política de liberdade, progresso e independência — expostas na plataforma indicada na VI Conferência — podem ser alcançadas pacìficamente. Assim, a revolução tem condições de ser iniciada com bandeiras bastante amplas, no curso da qual as massas populares criarão suas próprias fôrças armadas e farão avançar o processo revolucionário até o seu objetivo final.

Todos êstes aspectos da tática do Partido — união dos patriotas, direcção do ataque principal, ação de massas, preponderância do trabalho no campo e luta armada-— constituem parte de um todo, devem ser vistos num conjunto harmônico como a política do Partido em íntima conexão com seu Manifesto-Programa.

Semelhante política permite ao proletariado conquistar de fato a hegemonia da luta revolucionária. Voltando-se fundamentalmente para o campo, onde se travarão por longo tempo os choques armados, e ajudando os camponeses a despertar sua consciência política e a lutar firmemente contra os seus opressores, a classe operária, através do seu Partido, forjará a aliança operário-camponesa, condição primacial para assegurar a direção do proletariado na revolução.

É evidente, pois, que a tática do Partido é revolucionária. Sua elaboração representa um êxito e uma conquista dos trabalhadores. Aborda concretamente questões cruciais da revolução. Está subordinada e serve à estratégia revolucionária do Partido, estratégia que visa a alcançar o poder para o povo sob a liderança da classe operária.

Em Defesa da Linha do Partido

A linha da VI Conferência Nacional, por isso, foi recebida com grande entusiasmo pela maioria dos militantes. Abriu novos horizontes ao Partido e tem sido um fator altamente positivo na atuação dos comunistas. Êles sentem que a orientação traçada permite desenvolver maior ação política e não ficar apenas na defesa do marxismo-leninismo e na propaganda dos fins revolucionários do Partido. Percebem que se iniciou nova fase na luta concreta pelos objetivos do Manifesto-Programa.

Entre alguns militantes e amigos do PC do Brasil, porém, surgiram dúvidas e críticas à linha da VI Conferência. Uns levantam objeções por incompreensão ou insuficiente esclarecimento. Outros expressam em suas críticas concepções sectárias, dogmáticas e mesmo aventureiras. E há ainda os que atacam a linha do Partido de má-fé, com o propósito de golpeá-lo e impedir que cumpra seu papel. É necessário refutar as opiniões errôneas e dar mais argumentos em defesa da orientação partidária.

A principal objeção refere-se ao problema da união dos patriotas pela independência, o progresso e a liberdade. Afirma-se que esta união e a plataforma enunciada pelo Partido significam o abandono do Manifesto-Programa (*), sendo, portanto, uma posição de direita. Declara-se também que a amplitude da frente-única e as questões expostas na plataforma, em tôrno das quais é possível unir, no momento presente, o maior número de fôrças patrióticas e democráticas, não condiz com uma posição revolucionária. Tais assertivas não têm o menor fundamento. A tática exposta no Documento da VI Conferência não constitui de modo algum o abandono do Manifesto-Programa. Ao contrário, é a forma concreta e viável de alcançar os objetivos nêle assinalados.

O Partido marxista-leninista da classe operária deve proclamar seus objetivos revolucionários. Isto é fundamental. Sem fixar a meta a alcançar e sem deter-

---

(*) Consultar, para uma melhor compreensão do problema, A Linha Política Revolucionária do P. C. do Brasil (M-L), Edições Maria da Fonte. (N.E.)

minar o caminho para atingí-la, o Partido vaga sem rumo, perdido no vaivém das manobras táticas. Mas não basta tão-sòmente proclamar êsses objetivos. É necessário encontrar as formas reais capazes de conduzir efetivamente o povo à revolução. Entre a fixação dos fins programáticos e a conquista dêsses fins há todo um caminho a percorrer que exige uma orientação em concordância com a realidade política existente. É o que Lênin chamava procurar as formas de **passar** à revolução ou de **abordá-la.** Sem palavras-de-ordem que traduzam corretamente os anseios das grandes massas, e que aflorem com vigor no próprio curso dos acontecimentos, é impossível fazer avançar o processo revolucionário e ganhar a maioria do povo para os objetivos programáticos do Partido. O PC do Brasil, ao se reorganizar em 1962, estabeleceu com clareza suas metas revolucionárias. Declarou guerra ao revisionismo, oportunismo de direita que dominava o movimento operário. Era indispensável derrotar ideológica e polìticamente o revisionismo a fim de ganhar a vanguarda da classe operária para as posições revolucionárias justas. Durante certo período, o Partido concentrou-se nesta tarefa. E nela obteve êxitos. Mas isto não era o bastante. Se o Partido não traçasse uma linha política que exprimisse os sentimentos das massas e servisse para orientá-las no sentido revolucionário, transformar-se-ia numa seita, não podendo cumprir seu papel de vanguarda. Elaborar uma linha desta natureza foi justamente o que fêz a VI Conferência. A política que traçou visa a ligar o Partido ao povo e pensar na revolução em têrmos de massas e não de um pequeno grupo. Ater-se apenas ao Manifesto-Programa seria fixar-se ùnicamente nos objetivos estratégicos. É como se um engenheiro se auto-satisfizesse com o projeto do edifício sem levar à prática a sua construção. Tal atitude conduziria ao doutrinarismo e ao sectarismo, da mesma forma que ficar ùnicamente na tática, sem ter em conta que ela deve estar a serviço dos objetivos estratégicos, significaria cair no reformismo.

A plataforma apresentada na VI Conferência não substitui o Programa do Partido. É parte de uma política de frente-única que leva em consideração a si-

tuação atual do país. As questões levantadas na plataforma não constituem um objetivo em si. No curso da luta, as aspirações das massas se modificam, radicalizam-se, as correntes efetivamente revolucionárias adquirem fôrça e, portanto, novas reivindicações se colocam na ordem-do-dia. Assim, o Partido avança com as massas no sentido da consecução de seu Programa. E não fica nisto. Cumprida a primeira etapa da revolução, trata de ir adiante para o socialismo.

Argüi-se contra o fato de a plataforma incluir um govêrno democrático como uma das aspirações do povo. Diz-se que isto significa apresentar um objectivo **intermediário.** Tampouco procede esta argüição. O PC do Brasil luta pela conquista de um govêrno popular revolucionário tal como está expresso em seu Manifesto-Programa. Mas êste ponto-de-vista mais radical não é ainda o de outras correntes democráticas e populares. Uma plataforma de frente-única deve registrar não as reivindicações que são próprias de um único partido, mas as que são comuns às diferentes fôrças que a integram. Por esta razão, a plataforma apresenta como um dos anseios de progresso e renovação do povo um «govêrno democrático representativo de tôdas as fôrças patrióticas». Mas êste govêrno não é um objetivo **intermediário,** como não o é a plataforma em seu conjunto. É uma proposição de unidade para a luta comum das fôrças patrióticas e democráticas. No transcurso da prolongada luta pela derrubada dos governantes reacionários, as massas evoluirão e outros, lògicamente, serão seus anseios em relação ao poder. As grandes massas das cidades e do campo poderão avançar até as posições do Partido, que manterá sua independência e não abandonará seu trabalho de agitação e propaganda. Em tais circunstâncias, o govêrno a ser instalado será popular revolucionário. Pode ocorrer, no entanto, que se crie uma situação, no curso da luta, que determine a instauração de um govêrno do tipo mencionado na plataforma. Neste caso, o Partido continuaria sem vacilações a luta por um govêrno popular revolucionário, pelo avanço da revolução.

A política de união dos patriotas é, sem dúvida, uma política bastante ampla. O fato de se poder, no momento presente, ter uma tática de grande amplitude

é fator favorável para a revolução. Seria estupidez identificar amplitude na tática com oportunismo, da mesma forma que seria disparate confundir estreiteza na tática com revolucionarismo. Exemplo de amplitude, e, ao mesmo tempo, expressão de uma consequente posição revolucionária foi a tática defendida por Mao Tse-tung na Conferência Nacional do PC da China, em maio de 1937. No interêsse da formação da Frente Única Nacional Antijaponesa, o PC da China comprometeu-se a suspender a política de derrubar o Kuomintang pela fôrça armada e de confiscar as terras dos latifundiários. (Mao Tse-tung — «As Tarefas do PC da China no Período de Resistência ao Japão», maio de 1937). Uma tática com tal amplitude tinha, no entanto, um profundo conteúdo revolucionário, como a própria vida confirmou. Mostra como o PC da China procurava abordar de maneira viva e concreta os problemas da Revolução Chinesa. É certo que as condições do Brasil são diferentes das que se verificavam na China naquela época. Mas esta experiência ensina os partidos revolucionários a ter flexibilidade e amplitude na tática, sem perder o sentido da revolução.

Geralmente, os que se opõem à união dos patriotas confundem amplitude na frente-única com direção da burguesia. Uma coisa, porém, nada tem a ver com a outra. A tática flexível do Partido tem sempre presente a conquista da hegemonia pelo proletariado. O Partido admite a participação da burguesia nacional na frente-única. Mas não confunde **direcção** com **participação.** A burguesia nacional existe objetivamente e exerce influência em largos setores do povo. Tem contradições com o imperialismo. Atua a seu modo, e com as limitações que lhe são peculiares, contra a ditadura e certos entraves ao progresso do país, procurando, ao mesmo tempo, colocar o movimento democrático sob sua direção. Contudo, os fatos mais recentes comprovam que a burguesia na direção do movimento democrático e antiimperialista concilia com os inimigos do povo, capitula e conduz êste movimento ao fracasso. Precisamente a liderança do proletariado é a garantia de que a frente-única desenvolverá atuação consequente.

Os «críticos» da linha do Partido argumentam que a união dos patriotas em nada se diferencia dos movimentos oportunistas de frente-única surgidos no passado. E perguntam: que diferença existe entre a união dos patriotas e a frente-única propugnada atualmente pelo PC Brasileiro? A resposta está nos próprios fatos. A frente-única defendida pelo PC Brasileiro é tìpicamente reformista. Decorre da concepção de que é possível libertar o país gradualmente pelo caminho pacífico. Limita-se a conquistas parciais dentro do quadro do atual regime. Visa a obter hipotéticas reformas que modificariam, num processo gradativo, as estruturas do país. Objetiva conseguir sucessivos govêrnos nacionalistas burgueses que poriam em prática o programa da frente-única. Na atual conjuntura, a política de frente-única do PC Brasileiro identifica-se com a Frente Ampla. O partido revisionista trata de alcançar algumas liberdades democráticas, eleições diretas, etc.

Ao contrário, a frente-única preconizada pelo PC do Brasil, sob a forma de união dos patriotas, dimana da concepção de que não se pode livrar o país do domínio do imperialismo e da reação sem a derrubada violenta do poder das atuais classes dominantes. A união dos patriotas deve servir à luta revolucionária do povo. Ainda quando pugne por liberdades democráticas, medidas contra o imperialismo, reivindicações econômicas, etc., isto não deve constituir um fim em si. Está em função da mobilização do povo, do desmascaramento do atual regime e do esfôrço para ganhar as massas para a solução revolucionária. A união dos patriotas, movimento de oposição alicerçado no proletariado e nos camponeses, objetiva não sòmente combater a política do Govêrno como derrubá-lo.

Afirmam, por fim, os opositores da linha do Partido, que a união dos patriotas é uma orientação errônea porque, passado um ano da VI Conferência, ainda não se concretizou. O equívoco ainda é evidente. A VI Conferência não tratou da estruturação de determinada organização de frente-única. O que fêz foi elaborar a política de frente-única do Partido — a união dos patriotas pela independência, o progresso e a li-

berdade — para servir de guia à sua atividade entre as mais amplas massas e lhe possibilitar desenvolver a ação comum com outras fôrças populares e correntes antiditatoriais. Além disto, uma política de frente-única, de cunho revolucionário, não alcançará seus fins fàcilmente nem em curto período. É um longo processo de união e luta com as fôrças susceptíveis de serem unidas e pressupõe árduo e persistente trabalho em favor da aliança operário-camponesa, base insubstituível dessa frente.

A prática vem comprovando a justeza da linha aprovada na VI Conferência. O curso dos acontecimentos evidencia que a análise e a perspectiva apresentadas pelo Partido correspondem à realidade política. Apontam o caminho seguro e acertado para a libertação do povo brasileiro. De tôdas as fôrças políticas que atuam nas áreas democráticas e antiimperialistas, o PC do Brasil tem revelado maior clareza, compreensão mais profunda dos fenômenos políticos e orientação mais correta. É fora de dúvida que a linha política do Partido não está isenta de falhas e insuficiências. Não pode ser considerada completa e acabada. Sempre haverá que corrigir em aspectos secundários e sempre haverá algo de nôvo para enriquecê-la, que surge da própria vida. Mas, no fundamental, é uma linha correta que deve ser firmemente defendida e aplicada com espírito criador.

Posição Justa na Luta Ideológica

Foi correto o exame feito na VI Conferência sôbre a luta ideológica que se trava no movimento comunista, tanto em escala mundial como no Brasil. Confirmou-se também a justeza das posições adotadas nesse terreno pelo Partido. O PC do Brasil mostrou-se fiel ao marxismo-leninismo. Esta fidelidade é uma segurança de que trilhará por um caminho correto.

No período transcorrido desde a VI Conferência, o revisionismo contemporâneo mostrou abertamente seu caráter de traição e revelou mais ainda ser o perigo principal para o movimento operário. Os sucessores de Kruschov, aplicando zelosamente o revisionismo, aparecem como consumados manobristas e pessoas

sem escrúpulos. Quanto mais traem a revolução e se aproximam dos imperialistas norte-americanos, mais falam em marxismo-leninismo e mais se declaram continuadores da Revolução de Outubro. A prática da vida os desmascara a todo o momento. Sua face de renegados e de inimigos da luta de libertação nacional surgiu em tôda a sua hediondez nos acontecimentos do Oriente Médio, quando traíram vilmente os povos árabes e estreitaram sua colaboração com os Estados Unidos. Esta colaboração é a linha mestra da política exterior da URSS e a estrêla-guia da atuação dos revisionistas soviéticos. Seguindo uma orientação contrarrevolucionária, concentram seu ódio na China Popular e no camarada Mao Tse-tung. A imprensa soviética não faz outra coisa senão assacar infâmias e calúnias contra a Revolução Cultural Proletária e os marxistas-leninistas de todo o mundo. A idéia de realizar uma reunião dos partidos revisionistas, ardorosamente defendida por Kruschov, e cuja realização fracassou mais de uma vez, foi agora ressuscitada por Brezhnev e Kossiguin. Com esta iniciativa pretendem coordenar no plano mundial a atividade dos revisionistas contra o PC da China, o Partido do Trabalho da Albânia e os marxistas-leninistas que erguem bem alto a bandeira da luta revolucionária.

Sob o bastião-de-mando do PCUS, os partidos revisionistas da América Latina prosseguem no caminho do reformismo mais desbragado, de reboque à burguesia e dos furiosos ataques aos revolucionários. Os Corvalán, Codovilla, Chioldi, Prestes e companhia voltam-se contra a China Popular e seu grande líder. Saem pressurosamente em defesa dos acordos que proporcionam ajuda soviética às ditaduras militares e aos govêrnos reacionários da América Latina, afirmando cìnicamente que tais ajudas desempenham um «papel progressista», contribuindo para libertar o Continente do domínio norte-americano. O povo brasileiro compreende muito bem que tipo de papel progressista podem desempenhar os acordos econômicos da União Soviética com o Govêrno de Costa e Silva... Reforçam a ditadura a serviço do imperialismo ianque, concorrendo, portanto, para aumentar o jugo dos monopólios estadunidenses sôbre o país.

A medida, porém, que os revisionistas se afundam no lodaçal da política de traição aos interêsses dos povos, mais se isolam e mais são repudiados pelos trabalhadores. Os partidos revisionistas, a começar pelo PCUS, encontram-se em profunda crise. No Brasil, o partido de Prestes vai-se reduzindo cada vez mais a uma cúpula de oportunistas, carreiristas e aproveitadores inveterados. Com a reorganização do PC do Brasil, em 1962, os revisionistas sofreram duro revés, que assinala o início de sua desintegração. Agora, o PC Brasileiro recebe nôvo golpe: o rompimento de importantes setores dêsse partido com a direção prestista. Comitês Regionais inteiros rebelaram-se contra a sua linha oportunista e os mais conhecidos membros de seu Comitê Central adotaram posição pública de repúdio à orientação do organismo a que pertenciam.

Os que adotaram essa atitude proclamaram que a quartelada de abril foi «a constatação clara da falência da linha política defendida no V Congresso, marcada pelas ilusões de classe e pelo reboquismo em relação à burguesia, pela subestimação da aliança operário-camponesa e pela utopia de uma via pacífica para o processo revolucionário em nosso país». (AVANTE — Jornal editado pelo Comité Estadual do Estado do Rio do PC Brasileiro, número 1, setembro de 1967). Afirmaram que, há muito, a posição do Comitê Central do PC Brasileiro «é de abandono dos princípios revolucionários do marxismo-leninismo» e que, «corroído pela influência da ideologia burguesa reformista», colocou-se «a serviço do desenvolvimento capitalista». (Resolução do Comitê Estadual de São Paulo do PC Brasileiro, setembro de 1967). Reconheceram que «o grupo divisionista chefiado por Prestes enrolou a Bandeira Vermelha da Revolução». (Resolução da Maioria Revolucionária do PC Brasileiro na Guanabara, setembro de 1967). E destacaram que o Comitê Central do PC Brasileiro, com sua conduta arbitrária e medidas punitivas, visa a «mistificar os comunistas e arrastá-los pelo caminho do revisionismo já trilhado pelo Comitê Central nos últimos anos». (Declaração de Voto de Teles na reunião do Comitê Central do PC Brasileiro, de setembro de 1967).

Estas constatações são justas e retratam a imagem real do PC Brasileiro e a fisionomia política de L. C. Prestes. Elas comprovam de maneira contundente o quanto foi acertada a posição assumida pelos que, desde o V Congresso, em 1960, se opuseram firmemente à linha oportunista e, em 1962 reorganizaram o Partido. Os que divergiam naquela época, e hoje se encontram no PC do Brasil, já asseveraram taxativamente que a linha do V Congresso era oportunista e colocava a classe operária a reboque da burguesia. Quando, em 1961, o Comitê Central, dirigido por Prestes, publicou um nôvo Programa e novos Estatutos e alterou o nome do Partido, não vacilaram em denunciar que a direção prestista renunciava completamente ao marxismo-leninismo e que, com esta atitude, culminava a transformação do Partido numa organização social-democrata. Em pleno auge do reformismo, em 1962, indicaram a luta armada como o único caminho para a solução dos problemas brasileiros. Nos cinco anos decorridos da reorganização do Partido, desmascararam sistemàticamente o revisionismo do PC Brasileiro sem se deixar impressionar pelos seus êxitos momentâneos, aparentemente grandes, obtidos no período do Govêrno de Goulart. Esta firme posição de defesa do marxismo-leninismo e desmascaramento do revisionismo não podia deixar de contribuir para despertar setores do PC Brasileiro para a luta contra o oportunismo. Foi justa a posição do PC do Brasil de concentrar, na luta ideológica, o ataque contra o grupo liderado por Prestes que sempre foi o principal portador das idéias burguesas no seio do Partido.

O rompimento de amplos setores do PC Brasileiro com a direção prestista é um fato positivo, ainda que, misturados com revolucionários que saíram daquele Partido, se encontrem muitos elementos que adotam posição **intermediária,** vários oportunistas e mesmo liquidacionistas. Esta rutura abala sèriamente a base do revisionismo no Brasil. Tal fenômeno era inevitável. Da mesma forma que o PC do Brasil tende a crescer e a fortalecer sua unidade — porque expressa as exigências do desenvolvimento social e está ao lado da luta revolucionária de todos os povos — o PC

Brasileiro tende a se enfraquecer e a se dividir e subdividir — porque se coloca objetivamente contra o curso da história, contra as aspirações revolucionárias do povo.

O Documento Político da VI Conferência assinalou que, na luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo, não é admissível uma posição **intermediária.** Ou se adota as posições do proletariado revolucionário ou as da burguesia. Uma atitude de «neutralidade» serve ao revisionismo, expressão da ideologia burguesa no movimento operário. «No momento em que os revisionistas kruschovistas — diz o órgão teórico do Partido do Trabalho da Albânia — aliam-se aos imperialistas para tramar novas conspirações contra o socialismo, a revolução e o marxismo-leninismo, nenhum verdadeiro revolucionário comunista pode permanecer de braços cruzados. Tem o dever de assumir a responsabilidade de tôdas as tarefas que lhe são confiadas pela história e lançar-se firmemente à luta contra o revisionismo. (...) Quem quer que advogue a ação conjunta com êsses renegados, converte-se em renegado, porque o marxismo-leninismo e o revisionismo são absolutamente incompatíveis e inimigos mortais». (Artigo de **Rruga e Partisë** — órgão teórico do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia). São bem esclarecedores os exemplos do Partido Comunista do Japão e do Partido do Trabalho da Coréia. Tentando manter-se em aparente eqüidistância entre PCUS, que lidera o revisionismo, e o PC da China, que defende o marxismo-leninismo, manifestaram-se a favor da «ação conjunta» com os revisionistas e acabaram resvalando para o oportunismo mais podre.

O Partido Comunista de Cuba, sob a direção de Fidel Castro, tenta também simular posição de **eqüidistância.** Apresenta-se como uma terceira fôrça e com uma linha «independente» para o movimento comunista. Baseado no fidelismo, procura agrupar em seu redor correntes de esquerda da América Latina. O fidelismo constitui, hoje, todo um corpo de idéias sôbre a revolução no Continente. Distingue-se do revisionismo seguido pelos partidos ligados ao PCUS. Distingue-se também do marxismo-leninismo que orien-

ta os partidos operários revolucionários. Proclamando-se marxista-leninista é, na realidade, um revisionismo de nôvo tipo.

O fidelismo já passou por várias fases. Inicialmente, estimulou e ajudou na América Latina os movimentos da natureza do de Francisco Julião. Tendo fracassado neste caminho, mudou de orientação: apoiou-se nos partidos revisionistas, de que é exemplo a reunião de novembro de 1964, em Havana, de 22 partidos revisionistas latino-americanos, sob o patrocínio do PCUS. Também malogrou esta solução. Foi um curto período em que os partidos revisionistas passaram a elogiar a Revolução Cubana e seu líder. Agora, o fidelismo adota outra tática. Continua a levantar a bandeira da luta contra o imperialismo norte-americano e a apontar o caminho da luta armada. Apregoa que a revolução nos países latino-americanos é socialista e que se travará, como processo único, em todo o Continente. Considera que é desnecessária a existência do partido revolucionário da classe operária para desencadear a luta armada e que o partido se formará com os que empunharem as armas. Do ponto-de-vista militar, defende a teoria do «foco», expressa na idéia de que um núcleo armado é bastante para cumprir tôdas as tarefas relacionadas com a revolução. Trata-se de uma teoria falsa sôbre a revolução nos países da América Latina.

Não há dúvida que o imperialismo norte-americano é o único caminho para a libertação nacional. Mas não é correta a concepção fidelista da luta contra o imperialismo nem a da luta armada, Para lutar consequentemente contra o domínio dos Estados Unidos nos países latino-americanos e em todo o mundo é preciso adotar uma política capaz de mobilizar o máximo de fôrças contra êsse inimigo. É preciso apoiar-se, fundamentalmente na classe operária e nos camponeses, assegurar a liderança do proletariado e orientar-se pelo marxismo-leninismo. Quando se coloca, na atual etapa da luta, o socialismo como objetivo imediato, na prática restringe-se o campo das fôrças revolucionárias e amplia-se o do imperialismo. A experiência histórica confirmou os ensinamentos do marxismo-leninismo de que em países dependentes e

coloniais, como os da América Latina, a revolução tem caráter nacional e democrático, em sua primeira etapa. Só depois de vencida esta etapa é que ingressa na etapa socialista. O exemplo de Cuba mostra que não foi com bandeiras socialistas que ali se iniciou e se tornou vitoriosa a revolução.

A teoria da revolução continental, como é concebida pelo fidelismo, é estranha ao marxismo-leninismo. Já no Manifesto-Comunista, Marx e Engels afirmavam que «a luta do proletariado contra a burguesia, embora não seja na essência uma luta nacional, reveste-se primeiramente dessa forma. É natural que o proletariado de cada país, antes de tudo, deva liquidar a sua própria burguesia». A revolução será feita em cada país pelo seu próprio povo. O problema nacional é um dos fatôres básicos da luta emancipadora nas nações oprimidas pelo imperialismo. Todo país tem suas peculiaridades, sua formação histórica e suas tradições, sua cultura e composição étnica, seus hábitos e costumes. Todo o povo terá que encontrar as formas específicas de abordar a revolução. Lênin ensinava que é uma questão fundamental saber «investigar, estudar, descobrir, adivinhar, captar o que há de particular e específico, do ponto-de-vista nacional, na maneira pela qual cada país aborda **concretamente** a solução do problema internacional **comum»**. (V. I. Lênin — «A Doença Infantil do 'Esquerdismo' no Comunismo»). É absurdo varrer de uma só penada as diferenças nacionais entre os países latino-americanos para justificar a revolução continental única, com uma só tática, com exército e direção comuns. Uma das figuras mais destacadas do fidelismo, ardoroso lutador antiimperialista, afirmou: «Há uma identidade tão grande entre as classes dêsses países (do Continente, N. R.) que se pode falar no tipo 'internacional americano'. Ela é muito mais completa do que nos demais continentes. Língua, costumes, religião e patrão comum nos unem. O grau e as formas de exploração são semelhantes em seus efeitos, tanto para os exploradores quanto para os explorados de boa parte dos países da América». (Ernesto «Che» Guevara — Mensagem à Tricontinental).

É indiscutível que existem problemas comuns aos países dêste Continente. Em quase todos êles milhões de camponeses não possuem terra. Esta se encontra em mãos de uma ínfima minoria de latifundiários. O imperialismo ianque explora, saqueia e oprime os povos latino-americanos. A reação política e a perseguição policial predominam na maior parte da América Latina. Apesar dos aspectos comuns, as nações do hemisfério são, porém, bastante diferenciadas. Enquanto no Brasil é insignificante a percentagem de índios na população, na Bolívia e no Peru quase dois terços de seus habitantes são de origem indígena. Ao contrário dos demais países, no Chile o proletariado constitui a maioria do povo. No que se refere à língua, fala-se o espanhol na maioria dos países; português no Brasil, cuja população é quase a metade dos latino-americanos; guarani na maior parte do Paraguai; quechua e aimara entre a maioria da população da Bolívia e do Peru; francês no Haiti, Guadalupe, Martinica e Guiana Francesa; e inglês em Barbados, Trindade, Jamaica e Guiana. O grau de desenvolvimento econômico do Brasil, Argentina e México é incomparàvelmente maior do que o do Paraguai, Equador, Nicarágua, Guatemala e outros países. Os regimes políticos do Chile e Uruguai, com pequenas interrupções, sempre asseguraram certas liberdades democráticas. Ao contrário, no Paraguai, Nicarágua, Haiti e República Dominicana, com pequenos interregnos, sempre imperaram ditaduras. No Brasil, Argentina, Colômbia e Venezuela alternam-se os regimes de relativa liberdade, em geral de pouca duração, e os sistemas ditatoriais. Além do patrão comum — o imperialismo norte-americano — muitos países da América Latina sofrem também a exploração e a opressão das classes dominantes de nações como o Brasil e a Argentina. Não se pode falar, assim, em identidade entre os países ao sul do Rio Grande e muito menos em revolução continental nos têrmos em que é apresentada pelo fidelismo.

Os marxistas-leninistas admitem também o aspecto continental da revolução. Da mesma forma que no plano da luta contra o capitalismo a revolução socialista é mundial, de igual modo na América Latina, na

luta contra o inimigo comum — o imperialismo norte-americano — a revolução pode ser considerada continental. Qualquer golpe assestado nos monopolistas ianques em um país latino-americano ajuda a luta dos demais povos do Continente. A colaboração e a ajuda mútua entre os diferentes movimentos revolucionários é uma necessidade imprescindível, sobretudo, quando os imperialistas estadunidenses, em aliança com oligarquias latino-americanas, coordenam a atividade contra o movimento democrático e antiimperialista. Se um país da América Latina se levanta de armas nas mãos contra seus opressores, os povos latino-americanos têm o dever irrecusável de prestar-lhe tôda a solidariedade, inclusive o envio de voluntários se isto se tornar necessário. É provável que devido à longa duração da luta democrática e nacional-libertadora se chegue a uma situação em que grande parte do Continente esteja em armas contra os Estados Unidos. Neste caso é muito possível que as revoluções nos diferentes países, sob a direção do proletariado, encontrem pontos de maior entrelaçamento tanto no aspecto político como no militar, ressaltando mais ainda o seu aspecto continental.

É igualmente falsa a tese de que é desnecessária a existência do Partido para desencadear a luta armada e levá-la a bom têrmo e que o Partido se formará na guerrilha. «O exército popular — diz outro teórico do fidelismo — será o núcleo do Partido e não o inverso». (Regis Debray — «Revolução na Revolução»). Esta doutrina é uma generalização mecânica do que ocorreu em Cuba. A experiência histórica de milhões de pessoas demonstrou que nenhuma revolução triunfou sem que antes se houvesse formado um partido revolucionário capaz de dirigí-la. É verdade que no curso da luta armada, o Partido se tempera como organização de vanguarda e cumpre sua missão histórica. Mao Tse-tung, referindo-se ao PC da China, destacou: «Em meio de guerras revolucionárias foi que nosso Partido se desenvolveu, consolidou e bolchevizou nos dezoito anos transcorridos; sem a luta armada o Partido Comunista não chegaria a ser o que é hoje.» (Mao Tse-tung — Apresentação da Revista «O Comunista», 4 de outubro de

1939). Mas o Partido não se pode resumir a um simples destacamento armado, como quer o fidelismo. É o estado-maior do proletariado que dirige a revolução em todos os seus aspectos. A luta armada não é mais do que uma projeção, em plano mais elevado e decisivo, da luta política. Seu desencadeamento e desenvolvimento pressupõem certos requisitos indispensáveis, a começar pela concepção mesma da luta, fixação de seus objetivos, escolha das regiões, seleção de homens até o plano de disposição de fôrças, conhecimento das condições favoráveis e desfavoráveis, mobilização de massas, palavras-de-ordem fundamentais e parciais. Isto sem falar na formação de uma alta consciência revolucionária dos combatentes. Quem poderá enfrentar semelhantes tarefas senão um partido de vanguarda? Para fazê-lo é necessário um partido marxista-leninista. Não é o fator militar que dirige o político, mas justamente o contrário: o fator político é que dirige o militar.

Subestimando o papel do Partido e das massas, o fidelismo defende a idéia do «foco». Situa-se no plano puramente militar. Segundo esta idéia, é suficiente um punhado de elementos corajosos e bem armados, em lugares inacessíveis, para levar adiante a revolução. Em essência, é a falsa teoria dos heróis ativos que arrastam atrás de si as multidões. Indubitàvelmente, a luta armada se inicia, em geral, a partir de pequenos grupos de combatentes, de homens decididos e convencidos até a morte da justeza da causa que defendem. Durante certo tempo, continuam como pequenos grupos que, atuando num meio a êles favorável, garantem sua existência como destacamentos armados das massas. Mas êstes grupos devem estar profundamente identificados com as aspirações populares, em particular da região onde operam, necessitam atuar em função dos interêsses das massas, contribuir para despertar sua consciência política e ajudar sua organização. A ação militar dêsses grupos não é algo isolado. É parte da atuação geral do Partido em todo o país. Ao mesmo tempo que êles desenvolvem sua atividade, o Partido realiza intenso trabalho político e de organização entre as massas, sustenta por todos os meios os combaten-

tes armados e trabalha permanentemente pelo surgimento de novos e novos grupos. Pouco a pouco, a luta armada adquire prestígio e vai-se estendendo entre as massas até se transformar, num processo mais ou menos longo, em guerra de todo o povo. Tanto a teoria do «foco» como a da guerra popular têm como premissa o amplo emprêgo da tática de guerrilhas. Mas, enquanto na primeira os grupos se bastam a si mesmos e com suas ações esperam que as massas os sigam, na segunda teoria, os grupos guerrilheiros se apóiam nas massas e no Partido, esforçam-se para estabelecer bases de apoio no campo e sua atuação está fundamentalmente voltada para ajudar as próprias massas a se levantar e a fazer a sua guerra. «A guerra revolucionária — ensina Mao Tse-tung — é a guerra das massas, e sòmente pode realizar-se, mobilizando as massas e apoiando-se nelas». (Mao Tse-tung — «Preocupemo-nos com o Bem-estar das Massas, Prestemos Atenção aos nossos Métodos de Trabalho», 27 de janeiro de 1934).

O fidelismo é uma teoria eclética, caracterìsticamente pequeno-burguesa que tende a levar ao fracasso todos os movimentos que por ela se orientam. É outra face do revisionismo. Os partidos revisionistas, com o PCUS à frente, revisam o marxismo partindo de posições de direita. O fidelismo também revisa o marxismo, mas parte de posições de «esquerda». Não é por acaso que os trotsquistas e conhecidos aventureiros políticos utilizam-se do fidelismo para tentar desviar o movimento revolucionário de seu justo caminho.

A posição **intermediária** também se manifesta no Brasil. Podem ser considerados seus portadores a maioria dos elementos que romperam ùltimamente com o PC Brasileiro. Êstes elementos, em geral, procuram seguir uma política de combate à ditadura e ao imperialismo norte-americano e proclamam-se partidários da luta armada. Em relação às divergências surgidos no movimento comunista mundial, omitem-se completamente. Não atacam o revisionismo soviético e desconhecem a existência da China Popular e da Revolução Cultural Proletária. Apóiam, porém, Cuba e sua política. Uma parte daquêles ele-

mentos adota abertamente o fidelismo como norma de conduta. Assim procedendo, não têm nenhum futuro. É possível que muitos participantes das correntes que, hoje, se mantêm na terceira posição venham a evoluir integralmente para as posições marxistas-leninistas, o que seria positivo para o movimento revolucionário. Outros no entanto, insistindo na atitude **intermediária,** servirão, objetivamente, ao revisionismo com o qual pretendem ter rompido e acabarão chafurdando no oportunismo.

No Documento da VI Conferência, bem como na Resolução de maio de 1967, do Comitê Central, o Partido chamou a atenção de seus militantes para exercer maior vigilância contra a penetração do trotsquismo e dar combate às suas idéias antimarxistas e profundamente nocivas ao movimento revolucionário. Isto ajudou o Partido a se defender melhor das concepções alheias ao proletariado e a permanecer atento às atividades desagregadoras dêsses agentes do inimigo.

Em sua posição firme de defesa do marxismo-leninismo, o PC do Brasil apóia decididamente a Grande Revolução Cultural Proletária que se realiza na China. Coloca-se ao lado das fôrças autênticamente revolucionárias que defendem a linha proletária de Mao Tsetung e se opõem à linha burguesa de retôrno ao capitalismo. Êste destacado líder do povo chinês é o maior marxista-leninista da época presente, o inspirador e guia da Revolução Cultural. O Partido soube aquilatar de maneira justa o destacado papel que desempenha o pensamento de Mao Tse-tung na Revolução Cultural e no movimento comunista de todo o mundo. Salto qualitativo na Revolução Chinesa, o grande acontecimento que ora se desenvolve na China tem importância histórica para o movimento comunista mundial e ajuda o PC do Brasil a se orientar melhor na luta ideológica contra o revisionismo, a se livrar das velhas e errôneas concepções que ainda apresentam em seu seio e a encontrar o caminho da aplicação correta do marxismo-leninismo às condições brasileiras.

O PC do Brasil sempre manifestou sua indestrutível amizade e seu apoio sem reservas à posição dos

comunistas albaneses que têm à frente o destacado marxista-leninista Enver Hodja. Foi o que fêz ao saudar e participar do V Congresso do PTA. Vencendo tôdas as vicissitudes e o cêrco dos revisionistas e dos reacionários, a Albânia avança pelo caminho do socialismo e aumenta imensamente o seu prestígio entre os revolucionários de todo o mundo. O informe de balanço de Enver Hodja ao V Congresso do PTA e as posteriores medidas de revolucionarização da consciência das massas são contribuições valiosas à luta ideológica que se trava no movimento comunista. O Partido do Trabalho da Albânia é um sólido ponto de apoio para os que procuram trilhar pelo caminho revolucionário e se empenham na luta em defesa do marxismo-leninismo.

Fiel aos princípios do internacionalismo proletário, o Partido Comunista do Brasil estreitou seus laços de amizade e solidariedade com os partidos e organizações marxistas-leninistas de todo o mundo, em especial com os da América Latina. Êstes partidos e organizações avançam em seu desenvolvimento e se estruturam em quase todos os países. É uma indicação promissora de que o marxismo-leninismo acabará triunfando em tôda parte.

A análise feita das posições do Partido na frente ideológica revela a importância decisiva que esta frente representa para a atividade dos comunistas. Sem enfraquecer um só momento o trabalho na frente política e na econômica, é preciso pôr em primeiro plano o trabalho ideológico. Uma correta posição ideológica permite ao Partido levar adiante com êxito as tarefas políticas que se colocam na ordem-do-dia. O que se fêz até agora neste terreno tem dado bons resultados e dará ainda melhores no futuro. Prosseguir nesta atividade é questão primordial para o Partido.

O Partido na Aplicação de sua Linha

Não basta ter uma linha acertada e uma posição ideológica correta. Como ensinava Stálin, uma vez traçada a linha tudo depende do trabalho de organização para levá-la à prática. Desde a VI Conferência

o Partido vem-se esforçando para transformar em realidade a orientação elaborada naquela Conferência. Neste esfôrço houve lados positivos e negativos.

Na luta pela aplicação da linha, o Partido enfrentou certas condições desfavoráveis à sua atividade. No período transcorrido desde a VI Conferência a reação voltou-se com mais furor contra o Partido. Várias de suas organizações regionais foram duramente golpeadas. Também surgiram manifestações antipartidárias em alguns Comitês Regionais, que causaram prejuízos. Apesar disto, o PC do Brasil obteve êxitos tanto no que se refere à atividade política como no fortalecimento de suas fileiras. Aumentou seu trabalho entre as massas. Orientados pela linha da VI Conferência, organizações e militantes começam a romper com o isolamento e a voltar-se para o movimento de massas.

Melhorou o trabalho do Partido no interior do país. Vencendo a velha resistência ao trabalho no campo, o Partido tem dado maior atenção a esta tarefa. Certo número de quadros já atua nas áreas rurais. Os comunistas, hoje, conhecem mais a realidade interiorana, preocupam-se com os problemas do homem do campo. Algumas pesquisas foram realizadas. Novos vínculos entre militantes e a população se estabeleceram. Em alguns casos, êstes militantes têm orientado lutas e movimentos reivindicatórios. O trabalho no campo, por sua complexidade, reclama orientação específica. Mas esta tarefa depende de maior conhecimento da realidade das diferentes regiões e da obtenção de maior número de experiências. A circular da Comissão Executiva a respeito do trabalho no campo, dando indicações sôbre a maneira de atuar, é um importante passo neste sentido, um esfôrço a mais para formular a política agrária do Partido. Todavia, ainda não se conseguiu romper inteiramente com a subestimação do trabalho no campo. O Partido ainda está voltado principalmente para as cidades. São muitos os Comitês Regionais que nem sequer iniciaram a atividade nas zonas camponesas. O conjunto do Partido não está conquistado para a idéia de que o interior é o cenário onde se desencadeará e desenvolverá a revolução e que, por isso, nêle deve estar situado o

centro de gravidade da atuação partidária. Não se dá suficiente atenção aos camaradas que se encontram no interior nem se valoriza o esfôrço que realizam. Em geral, não tem sido suficientemente ajudados política e ideològicamente e suas experiências são pouco estudadas. Estas deficiências precisam ser superadas o mais ràpidamente possível. Disto depende, em grande parte, o avanço do movimento revolucionário. A correção de tais debilidades não pode ficar entregue ao espontaneísmo. É preciso travar a luta permanente em cada Comitê e Organização do Partido, para vencer as resistências ao trabalho no campo e para que se apliquem as diretrizes constantes da Circular da Comissão Executiva.

No terreno da classe operária, a atividade do Partido apresenta aspectos positivos. Alguns Comitês Regionais demonstram maior preocupação pelo trabalho nas emprêsas e nos sindicatos. Mas é bastante insuficiente o que vem sendo realizado. Apesar do contrôle dos sindicatos pela reação, a experiência mostra que é possível nêles atuar. Esta atuação permite, inclusive, estabelecer contatos com os trabalhadores nas emprêsas. Nada justifica o alheiamento dos comunistas em relação aos órgãos de classe. Constitui igualmente séria deficiência a falta de atenção para com as emprêsas. Precisamente porque o país vive sob uma ditadura, maior importância assume o trabalho nas fábricas para mobilizar a classe operária.

Entre os estudantes, já se faz sentir a influência benéfica do Partido. Em vários Estados, os comunistas têm participado ativamente nas entidades e nas demonstrações dos estudantes. Vão contribuindo para ajudar o movimento estudantil a se fortalecer e a encontrar o melhor caminho de uma atuação unitária e consequente. A atividade do Partido entre os estudantes se ressente, porém, da falta de uma orientação específica, moldada na linha da VI Conferência. Nas condições de um país como o Brasil, esta camada da população vem desempenhando importante papel na luta contra a ditadura e o imperialismo norte-americano. É altamente positivo o fato de que a idéia da revolução encontre enorme receptividade entre os

estudantes. Cada vez é maior o número de jovens partidários da saída revolucionária. No entanto, refletem-se nesse setor, com bastante intensidade, as mais diferentes e errôneas concepções políticas. Em tais circunstâncias, é imprescindível ter bastante clareza sôbre a orientação do Partido e a maneira de levá-la à prática. Se, de um lado, é necessário combater a influência do revisionismo, profundamente nociva à luta dos estudantes, de outro lado é preciso também combater firmemente as tendências ultraesquerdistas que nela se manifestam. Estas tendências, se predominam, podem ocasionar grandes divisões no movimento estudantil e acarretar o perigo de isolá-lo e enfraquecê-lo sèriamente. O Partido não pode fugir à responsabilidade de ganhar os estudantes para uma posição justa. Daí a necessidade de um documento que estabeleça uma orientação mais detalhada e precisa para a atuação dos comunistas no meio estudantil. Neste sentido, já foi elaborado um projeto em vias de ser aprovado.

Procurando aplicar sua orientação unitária e levar seus pontos-de-vista a outras correntes, o Partido manteve contatos com várias organizações políticas e personalidades. Êsses contatos contribuíram para melhor compreensão mútua e, em alguns casos, resultaram em ações comuns. Observa-se, no entanto, tendências sectárias, exclusivistas, ou de subestimação dos aliados. Isto sòmente pode servir para isolar o Partido. O PC do Brasil precisa ligar-se fundamentalmente com as massas trabalhadoras. A frente única só pode avançar se fôr encarada em têrmos de grandes massas e não de pequenos grupos de cúpula. Mas é necessário também dar atenção aos contatos com outras fôrças políticas, tanto nas cidades como no campo.

Em vários Estados, o Partido consolidou sua organização e recrutou novos membros. Sua propaganda registrou certas melhoras. Quase todos os Comitês Regionais montaram aparelhos de impressão. A CLASSE OPERÁRIA aumentou sua tiragem. Foram editados pelo Comitê Central diversos materiais de propaganda, entre os quais alguns trabalhos de Mao Tse-tung. Pequenos cursos sôbre a linha política foram

realizados. No entanto, o Partido apresenta debilidades. Reduzido é o número de militantes para as tarefas que se colocam diante dos comunistas. Há carência de quadros para desenvolver o trabalho no campo e nas emprêsas. A aplicação com êxito da linha do Partido em ampla escala demanda uma organização numerosa e qualitativamente forte. Nota-se ainda falta de impulso revolucionário em vários setores partidários. A composição social do PC do Brasil não é satisfatória. A maioria de seus membros não provém das massas mais pobres e oprimidas. O pêso específico de operários e camponeses no seu conjunto é pequeno. Paira sôbre o Partido a influência da pequena-burguesia, cujos setores mais radicais sempre desenvolveram atividades revolucionárias. Devido à orientação consequente do PC do Brasil a êle afluem muitos elementos desta camada social. Isto deveria, porém, ser acompanhado com o ingresso em maiores proporções de elementos da classe operária e do campesinato.

Não se pode afirmar que o coletivo partidário já compreenda plenamente a orientação traçada na VI Conferência. A discussão da linha não foi realizada, como era necessário, em extensão e profundidade. Há militantes que dela tomaram conhecimento de maneira superficial. Sòmente assimilando a orientação traçada, os membros do Partido podem aplicá-la com eficiência, atuar com entusiasmo e ter o máximo de iniciativa.

O Partido, em muitos aspectos, ainda é vulnerável aos golpes da reação. O não cumprimento das normas de trabalho conspirativo, indispensável a uma organização que atua em condições de perseguição policial, levou a que alguns Comitês Regionais, como os de Goiás e Brasília, sofressem duros golpes. São grandes as ilusões de classe. Muitos militantes ainda não se capacitaram do caráter da luta que o Partido enfrenta, da ferocidade do inimigo que não vacila diante de nada e comete os piores crimes para defender seus odiosos privilégios.

O surgimento de um grupo antipartido, logo após a VI Conferência, foi fator de entrave, em alguns lugares, ao desenvolvimento do Partido e à aplicação de sua linha. O mesmo se pode dizer quanto à infil-

tração trotsquista ou neotrotsquista nas fileiras partidárias. O Comitê Central analisou amplamente, na Resolução de maio dêste ano, a natureza dêsse grupo e as causas de seu aparecimento. A formação de um grupo fracionista e as manifestações antipartidárias de alguns elementos vieram chamar a atenção para o fato de que o inimigo procura utilizar métodos mais sutis para golpear o Partido. Tais métodos consistem em difundir idéias e opiniões contrárias à linha e aos princípios do Partido a fim de criar a vacilação e a dúvida entre os militantes ideològicamente mais fracos. Consistem, outrossim, em introduzir seus agentes, hàbilmente dissimulados, na organização partidária. Êstes agentes apresentam-se como comunistas e escondem cuidadosamente os objetivos que perseguem. A princípio proclamam estar de acôrdo com a linha do Partido, aparentam ser militantes ativos. Tudo fazem para conseguir postos de direção. Pouco a pouco, vão semeando a confusão, difundindo calúnias e mentiras, distorcendo a linha do Partido para melhor atacá-la e aliciando elementos para a luta contra a direção.

Diante das manifestações antipartidárias, o Comitê Central, de acôrdo com os Estatutos, e apoiado no coletivo partidário, tomou as medidas orgânicas que se impunham. O grupo foi desmascarado e expulso. Os organismos atingidos pelo trabalho fracionista foram reorganizados e funcionam normalmente. A derrota dêste grupo constitui uma vitória do Partido. Ao livrar-se dos desagregadores e de agentes diretos do inimigo, o PC do Brasil se fortalece, reforça sua unidade e tem melhores condições para aplicar sua linha.

É positivo o saldo do balanço da aplicação da linha do Partido. Mas há debilidades na atividade partidária, que devem ser superadas e sòmente o serão através de um profundo esfôrço realizado no curso da própria luta.

As causas que as determinam são várias. Umas de natureza interna e outras de caráter externo. A estas últimas corresponde a situação criada com o golpe de abril. A reação implantada no país é fator que, de certo modo, dificulta a atividade das organizações e

dos militantes. No que se refere às causas de ordem interna, algumas podem ser destacadas. O Partido se ressente das dificuldades oriundas de sua própria reorganização. Não é fácil a uma organização marxista-leninista, surgida nas difíceis condições em que se reestruturou o PC do Brasil, transformar-se num forte e poderoso partido num período relativamente curto. As debilidades que apresenta estão também ligadas a deficiências de direção e a métodos de trabalho. Mas sua causa principal pode ser encontrada no terreno ideológico. O PC do Brasil, na luta pela sua construção e pela aplicação de sua linha, enfrenta tôda uma série de idéias errôneas que circulam no movimento de esquerda e se refletem em suas fileiras. Sem ganhar o conjunto dos militantes e dirigentes para as concepções do proletariado e para a orientação marxista-leninista, o Partido defrontar-se-á sempre com obstáculos de tôda ordem. O PC do Brasil enfrenta também fenômenos negativos que se manifestam entre boa parte de seus membros. Sem formar autênticos revolucionários e sem que seus militantes se dediquem por inteiro à causa da revolução, o Partido não cumprirá bem suas tarefas.

Em que pesem as debilidades, o PC do Brasil tem um grande futuro. A linha do Partido não se tornará a linha das grandes massas da noite para o dia. Esta tarefa é, no entanto, perfeitamente realizável, dependendo do trabalho abnegado dos comunistas. A difusão, a propaganda e o esclarecimento da linha partidária devem ser acompanhados, passo a passo, com um continuado empenho de ganhar as massas para a orientação do Partido. A união dos patriotas pela independência, o progresso e a liberdade, o desencadeamento da guerra popular e a construção do Partido são três aspectos de um mesmo processo que se desenvolverão simultâneamente em todo o curso da luta revolucionária.

As tarefas políticas do Partido

Imensas são as responsabilidades do PC do Brasil na luta do povo contra a ditadura e o imperialismo norte-americano. Numa situação em que crescem a

revolta e o descontentamento popular, em que a idéia da revolução amadurece, em que as massas mais necessitam de orientação política e liderança conseqüentes, cabe aos comunistas ocupar seu pôsto de vanguarda, levar ao povo a linha do Partido e dar-lhe a perspectiva da saída revolucionária. A orientação dos marxistas-leninistas atende realmente os interêsses da maioria esmagadora da nação e possibilita o avanço do movimento revolucionário. As tarefas que o Partido tem diante de si podem ser cumpridas com pleno êxito. Torna-se cada vez mais difícil a vida das massas, a ditadura é odiada e repudiada pelo povo e o imperialismo norte-americano que a sustenta vem sendo acossado em tôdas as partes do mundo.

A condição primeira para aplicar a orientação do Partido é voltar-se para as massas. O PC do Brasil não é uma seita, mas um partido de ação política. Uma linha partidária, por mais acertada que seja, não dá frutos se as massas dela não se apoderam. E para que isto suceda mister se faz que os militantes e dirigentes se liguem estreitamente às massas e as ajudem a assimilar e levar à prática sua orientação.

Têm plena atualidade as tarefas traçadas na VI Conferência e nas últimas Resoluções do Comitê Central. A luta contra a ditadura e o imperialismo norte-americano devem estar mais e mais no centro da ação política dos comunistas e das massas populares. O desmascaramento do Govêrno Costa e Silva e a denúncia das atividades neocolonialistas dos Estados Unidos são tarefas permanentes. Esta luta reveste-se das mais variadas formas. Em cada lugar e em cada momento, é preciso encontrar aquilo que mais sensibilize as massas, as ajude a se pôr em movimento e a compreender a necessidade da revolução. A solidariedade ativa ao povo vietnamita precisa constituir preocupação constante dos comunistas, que devem empenhar-se decididamente na tarefa de impulsionar as ações de repulsa e condenação dos imperialistas norte-americanos pela monstruosa guerra que fazem no Vietnã. É necessário, além das questões gerais que dizem respeito à luta de todo o povo, como, por exemplo, o problema das liberdades e do combate ao mili-

tarismo ou o da crescente penetração ianque no país, levantar as reivindicações específicas de cada camada da população.

Particular importância tem o desenvolvimento da luta nas áreas rurais. É necessário encontrar as questões que falem mais diretamente às diferentes camadas do campesinato e das populações do interior e buscar as formas de luta e organização mais convenientes, adaptadas às condições locais. Melhoria de salário e de condições de trabalho e aplicação das leis trabalhistas são reivindicações sentidas dos assalariados agrícolas. A isenção ou redução de impostos é uma aspiração de amplas camadas do campesinato. A permanência na terra ou a garantia de sua posse são reclamadas pela grande massa de camponeses sem terra. A falta de trabalho, assistência médica, água, escolas, transportes, luz, estradas, etc. é o que mais sentem as populações do interior. A presença de norte-americanos, o descontentamento e o ódio dos camponeses e das populações interioranas contra esta ocupação do território nacional por estrangeiros. Partindo dêsses anseios e das reivindicações sentidas das massas, pode-se desenvolver extensos movimentos populares contra a ditadura e os imperialistas ianques pela terra. Isto exige atuação nos sindicatos rurais, nas cooperativas, nas associações camponesas. Exige também a criação de comissões e outros tipos de organização temporária nos locais de trabalho, nos povoados, etc. As formas de luta devem subordinar-se ao nível de consciência das massas. Não se deve desprezar as formas mais rudimentares de mobilização popular como os abaixo-assinados, os memoriais, as visitas às autoridades, as manifestações, levar à prática desfiles, demonstrações, comícios, greves e outras ações mais enérgicas.

A luta por aumento de salários, nas condições atuais, é uma forma de que se reveste o combate à ditadura. A política salarial do Govêrno coloca os trabalhadores numa situação de fome e miséria. A burguesia disso se aproveita para intensificar a exploração da classe operária. Levantando suas reivindicações por melhores salários, o proletariado funde sua luta de classe contra a burguesia com a luta po-

lítica contra a ditadura. Devido à orientação de arrôcho salarial de Costa e Silva, as ações de massas por aumento de salários e contra a carestia de vida podem transformar-se em poderoso movimento de oposição à ditadura. A arma principal é a greve. Apesar da reação, é possvel realizar amplas paralizações. Para isto é necessário utilizar o sindicato. Ainda que sob o contrôle do Ministério do Trabalho e da Polícia, os sindicatos desempenham certo papel na preparação das lutas. O mais importante, porém, é a criação de comissões unitárias por aumento de salários e o trabalho nas emprêsas.

Os estudantes e a intelectualidade têm reivindicações próprias que se ligam estreitamente à luta comum de todo o povo. As manifestações contra o acôrdo MEC-USAID, pelo ensino gratuito, direito de livre organização estudantil e por mais verbas para o ensino põem em movimento os estudantes. O desmascaramento da ditadura e a repulsa ao imperialismo ianque estão sempre presentes em sua atividade. Neste últimos anos, o movimento estudantil tem acumulado rica experiência. Pode, no entanto, desempenhar papel mais destacado do que joga atualmente na resistência à ditadura, desde que não se deixe levar pelo sectarismo de certas correntes de «esquerda», pelas posições capitulacionistas do diálogo com a ditadura nem pelo apoliticismo preconizado por setores reacionários. Os comunistas devem contribuir para que o movimento estudantil assegure sua unidade, eleve sua combatividade e possa, pela justeza de suas posições, unir-se a outros setores da população a fim de ampliar a luta contra a reação e o imperialismo norte-americano.

Ao desenvolver a luta pelas reivindicações específicas das massas, os membros do Partido não devem descurar um só instante as tarefas fundamentais assinaladas no Documento da VI Conferência. A luta pelas reivindicações específicas é um importante aspecto das tarefas gerais em que se empenham os comunistas. Ajuda a mobilização das massas contra a ditadura, facilita o desmascaramento do sistema governamental, possibilita a elevação da consciência política do povo. No entanto, por si só, esta luta não

conduzirá o povo brasileiro à conquista de uma vida de liberdade, progresso e bem-estar. O caminho da libertação é o caminho da luta armada. Por isso, ao pugnar pelas reivindicações específicas, deve-se ter sempre em mira a perspectiva da revolução. «O povo brasileiro — indicou o Partido já em agôsto de 1964 — enfrenta o dilema de permanecer na dependência do imperialismo norte-americano, viver humilhado e sem liberdade ou fazer a revolução. Não há um terceiro caminho. Não é possível repetir, sob outras formas, o mesmo ciclo já antes percorrido, ou seja, conquistar pouco a pouco algumas liberdades, conseguir um relativo avanço do movimento popular e, em seguida, suportar o pêso de um golpe militar, perder as posições conquistadas e recomeçar tudo de nôvo». As tarefas do Partido, pequenas ou grandes, e em todos os terrenos, têm sempre em vista conduzir o povo às posições revolucionárias. O Partido objetiva fazer a revolução. Sua atividade entre o povo deve estar impregnada dêsse espírito. Por isso, no curso das lutas e em tôdas as oportunidades, procura elevar a consciência política e a combatividade das massas, despertá-las para as ações contra o atual regime, indicar-lhes a verdadeira solução dos problemas do povo e fazê-las compreender que delas depende o êxito da revolução. Cada comunista deve esforçar-se para ser não só um líder e organizador de massas, como também um agitador e propagandista ardoroso das soluções revolucionárias indicadas no Programa do Partido.

Se o objetivo do Partido é fazer a revolução, êle deve preparar-se e preparar as massas para a guerra popular, que se desenvolverá no Brasil do interior. Por esta razão, é necessário transferir o centro de gravidade da atuação do Partido para as zonas rurais, desenvolver aí intenso trabalho de massas, levar a idéia da revolução ao campo e cuidar com seriedade das questões relacionadas com a luta armada.

Fortalecer o Partido

A luta pela aplicação da linha da VI Conferência está ligada ao fortalecimento do Partido. Êste é o instrumento básico da revolução. Para cumprir seu papel,

tem que ser uma organização revolucionária, quantitativa e qualitativamente forte, unida e disciplinada, disposta a todos os sacrificios. Deve orientar-se pelo marxismo-leninismo e servir fielmente ao povo.

O PC do Brasil é ainda pequeno face à magnitude de suas tarefas e não é das melhores sua composição social. Seu crescimento tornou-se uma exigência da revolução brasileira. O recrutamento de novos militantes é questão das mais importantes. Já a VI Conferência, referindo-se ao fortalecimento do Partido, assinalou que êle devia recrutar seus membros entre as massas mais pobres e oprimidas da população. «É preciso trazer para as fileiras comunistas — sublinhou o documento daquela Conferência — os elementos mais combativos da classe operária e do campesinato». Esta indicação é de todo oportuna. Há possibilidades de transformar o Partido numa poderosa e combativa organização. Milhares de operários e camponeses e inúmeros estudantes e intelectuais desejam ardentemente mudar a atual ordem de coisas e dão mostras de estar dispostos a sacrificar a própria vida pela causa da revolução. Não se justifica, portanto, a lentidão com que se processa o afluxo de novos membros para o Partido. É preciso romper decididamente com o espontaneísmo e procurar os meios para conquistar novos militantes. Recrutar é uma tarefa permanente. Todo membro do Partido deve preocupar-se em trazer para as fileiras comunistas os melhores filhos do povo.

Uma debilidade do Partido é ainda o número reduzido de quadros dirigentes intermediários. Impõem-se dispensar a máxima atenção, como assinalou a VI Conferência, na formação dêsses quadros. Um dos meios para superar esta debilidade é a promoção de militantes de base, que, embora não tenham ainda nível político elevado, revelem-se fiéis ao Partido, à revolução e à causa do proletariado. Atribuindo-lhes responsabilidades de direção e ajudando-os em seu trabalho, tais militantes poderão ràpidamente transformar-se em bons quadros do Partido.

Em sua atividade quotidiana, o Partido não pode negligenciar a vigilância. Uma organização que atua na mais dura clandestinidade deve preocupar-se perma-

nentemente com o trabalho realizado pelo inimigo para golpeá-la. A estrutura e o funcionamento do Partido precisam ser de tal natureza que lhe permitam desenvolver sua atividade sem ser sèriamente atingido pela reação policial. É indispensável manter o sistema de organizações estanques e obedecer rigorosamente as normas do trabalho conspirativo. É da maior importância saber combinar o trabalho legal com o ilegal. Isto representa uma garantia contra as investidas da ditadura.

O Partido sofre a ausência de um bom trabalho de agitação e propaganda. Apesar de terem sido editados inúmeros materiais, sua divulgação é ainda bastante restrita. Muitos militantes se satisfazem com sua leitura individual e não procuram levá-los a um maior número de pessoas. Tais documentos, pelos assuntos que abordam e pelas soluções que apresentam, constituem meio de educação dos comunistas e poderoso instrumento de ação política. Através dêles, o Partido aparece polìticamente e exerce um papel orientador. É preciso trabalhar mais com êsses documentos, não só discutí-los e estudá-los como difundí-los amplamente. É oportuno examinar as possibilidades concretas de utilizar recursos legais ou semilegais para difundir as opiniões do Partido. A CLASSE OPERÁRIA merece maior atenção e precisa ser mais divulgada. Ela expressa e transmite a orientação partidária.

A assimilação da linha política assume particular relêvo. A medida que os militantes a dominem, encontrar-se-ão mais aptos a aplicá-la e levá-la às grandes massas. Por isso, é indispensável organizar a discussão dos materiais do Partido e realizar cursos sôbre sua linha. Tais cursos devem basear-se, fundamentalmente, no Manifesto-Programa, no Documento da VI Conferência e nas demais Resoluções do Comité Central.

O Partido é um organismo vivo que se compõe de pessoas conscientes e avançadas. Os seus êxitos dependem da soma do trabalho de cada um. Todos os comunistas são responsáveis pelos destinos do Partido. Não basta proclamar-se marxista-leninista e membro da organização de vanguarda do proletariado. É necessário que os atos correspondam a esta condição.

Um revolucionário deve perguntar-se todos os dias o que fêz pela revolução e para fortalecer o Partido. Não se pode conformar com a rotina e a passividade. O critério para julgar se uma pessoa é ou não revolucionária consiste em saber se seu trabalho contribui para ganhar as massas para a revolução. É necessário viver e atuar como revolucionário proletário.

As concepções burguesas e pequeno-burguesas devem ser estripadas. Esta é uma longa batalha que deslinda os campos e é através dessa batalha e da prática revolucionária que se forjará um partido verdadeiramente proletário e combativo.

Novembro de 1967.

O COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

PREPARAR O PARTIDO PARA GRANDES LUTAS

A reunião do Comité Central de novembro do ano passado fêz um exame da situação política a da atividade do Partido desde a VI Conferência. Aprovou um documento que vem ajudando os militantes a aplicar com maior firmeza a orientação partidária. Abordando problemas candentes da atualidade, tanto políticos como ideológicos, êste documento é um roteiro seguro para a atuação dos membros do Partido.

Na presente reunião, é necessário analisar os acontecimentos dêstes últimos meses, que têm extraordinária importância para o movimento revolucionário e exigem maior atenção dos comunistas. Impõem-se tirar ensinamentos das lutas ocorridas no país e adotar medidas para melhorar e impulsionar a atividade do Partido.

Em Ofensiva os Povos contra o Imperialismo, a Reação e o Revisionismo

A luta de classes intensifica-se em tôda parte e a revolução mundial marcha a passos acelerados. Os povos acompanham com emoção e entusiasmo a ofensiva da primavera desencadeada pelos gloriosos combatentes da Frente de Libertação Nacional do Sul do Vietnã e a revolta dos negros norte-americanos após o assassinato de Luther King. Rejubilam-se com o

avanço da Revolução Cultural na China. Como um vendaval, o movimento de libertação açoita vastas áreas da Ásia, África e América Latina. As guerrilhas desfecham potentes golpes no imperialismo e na reação, transformam-se em instrumento dos mais eficazes para varrer a dominação estrangeira e conquistar o poder para o povo. Nos países capitalistas mais desenvolvidos, explodem fortes movimentos de massas e realizam-se combativas manifestações de rua contra as fôrças reacionárias.

A ofensiva vietnamita abalou profundamente o poderio militar dos Estados Unidos no Sudueste Asiático. Evidenciou que os imperialistas ianques podem ser totalmente derrotados. Em poucos dias, numerosas cidades e aldeias passaram às mãos dos patriotas. Até mesmo Saigon foi dominada pelos guerrilheiros, que dali só se retiraram depois de alcançar objetivos prèviamente estabelecidos. Esta magnífica vitória repercutiu intensamente entre os povos revolucionários de todo o mundo e influindo-lhes nôvo ânimo.

A rebelião dos negros norte-americanos, que se estendeu a inúmeras regiões dos Estados Unidos, pôs em relêvo o grande potencial revolucionário representado pelas massas negras, que não querem permanecer submetidos à opressão dos monopolistas ianques. Em sua própria cidadela, os impelialistas vêem-se acuados. Os negros já não se limitam a reclamar certos direitos civis. Exigem sua completa emancipação. Apelam para a violência revolucionária em revide aos crimes e arbitrariedades dos monopolistas contra êles praticados. É uma luta de classes sem precedentes na história da América do Norte.

Greves de milhões de operários com a ocupação de fábricas e grandiosos desfiles de estudantes convulsionam a nação francesa. Desde a II Guerra Mundial não se verificava na Europa movimento de massas de tal magnitude. Numa França aparentemente tranquila irrompeu o enérgico protesto do proletariado, dos estudantes, de camponeses e da intelectualidade, fazendo tremer os alicerces da sociedade burguesa.

A vitória da Grande Revolução Cultural na China, consolidando a ditadura do proletariado e revolucionarizando massas de centenas de milhões de pessoas,

tornou mais poderosa ainda a principal base de apoio da revolução mundial. É um imenso êxito dos povos e uma contundente derrota do imperialismo e do revisionismo contemporâneo. Contribui em larga medida para despertar e estimular as massas exploradas e oprimidas de todo o mundo para novas e combativas ações.

Os imperialistas norte-americanos e seus parceiros defrontam-se com dificuldades insuperáveis. Grave crise financeira atinge o mundo capitalista, em especial os Estados Unidos. Por duas vêzes, em curto prazo, a Inglaterra viu-se obrigada a desvalorizar a sua moeda e, à duras penas, o govêrno estadunidense mantém o valor nominal do dólar. Desde 1929, o capitalismo não enfrenta uma crise de tal dimensão. O imperialismo ianque está minado por contradições agudas e irreconciliáveis que auguram o seu fim. Revela-se cada vez mais um colosso de pés de barro.

Batidos no Vietnã e alvo do ódio dos povos, debatendo-se numa séria crise, os monopolistas ianques manobram numa desesperada tentativa de aliviar a situação em que se encontram. Johnson foi forçado a retirar sua candidatura à presidência da República e substituiu Westmorelend no comando das tropas norte-americanas no Vietnã. Libertou as reservas de ouro dos Estados Unidos objectivando deter a alta do preço dêste metal. Anunciou a suspensão parcial dos bombardeios do Vietnã do Norte e voltou a bater na surrada tecla das «conversações de paz», tentando embair a opinião pública. Em conluio com os revisionistas soviéticos, o imperialismo norte-americano esforça-se para alcançar, na mesa de conferências, um acôrdo prejudicial aos interêsses nacionais do Vietnã e à luta libertadora dos povos. Nas atuais circunstâncias, são injustificáveis as chamadas conversações de paz. Elas representam verdadeira armadilha dos **gangsters** de Washington preparada contra o povo vietnamita e não passam de cortina-de-fumaça para encobrir os planos da Casa Branca e do Pentágono de domínio do Sueste Asiático e de agressão à China Popular.

Não apenas os imperialistas ianques encontram-se em dificuldades. Seus comparsas, os revisionistas da URSS, sofrem duros golpes e isolam-se cada vez mais.

O sistema da alianças do govêrno soviético na Europa desagrega-se. A Tchecoslováquia segue aceleradamente o caminho da traição à causa do proletariado, restaura o capitalismo e volta-se para o Ocidente. Grupos nacionalistas, que levantaram a cabeça com a política revisionista da camarilha de Gomulka, reclamam a instauração na Polônia de um regime ainda mais de direita. A Romênia rompe as amarras com a União Soviética e adota uma política nìtidamente burguesa.

O revisionismo contemporâneo está em plena bancarrota. A reunião de Budapeste, longamente preparada para unir os partidos revisionistas sob a batuta do PCUS, malogrou e nela revelaram-se agudas contradições entre os chovinistas soviéticos e os nacionalistas burgueses das demais delegações participantes. Por sua vez, acentuando a crise do revisionismo, na Polônia e na União Soviética ressurgem as vanguardas marxistas-leninistas que, embora atuando na mais dura clandestinidade, desmascaram a traição dos renegados e se mostram fiéis à causa do socialismo.

A intensificação da luta em todo o mundo e o conteúdo revolucionário que adquire constituem uma das características da atual situação. O heroísmo dos combatentes do Vietnã suscita admiração e serve de exemplo para todos os povos. As massas desafiam o inimigo e atrevem-se a lutar. Amadurece uma profunda crise revolucionária. O imperialismo norte-americano tem seus dias contados. Como assinalou Mao Tsé-tung, a revolução mundial entra em nova fase.

Em sua agonia, o capitalismo torna-se mais feroz e comete crimes hediondos. Emprega os meios mais bárbaros de repressão. Quer nas aldeias e selvas do Vietnã, Laos, Indonésia, Colômbia e Venezuela, quer nas avenidas e praças de Paris, Madrid, Roma, Berlim, Novo Iorque, Tóquio e Rio de Janeiro, impera a violência criminosa e indiscriminada. A civilização do capitalismo moribundo é a civilização do cassetete, do gás lacrimogênio, das torturas requintadas, das matanças de negros, do extermínio de populações civis. É a civilização do **napalm.** Nada, porém poderá salvar o imperialismo da derrota. A revolução avança no turbilhão da luta de classes, em meio a grandes conflitos sociais e agudos choques ideológicos.

Assim, o quadro da situação internacional indica que a humanidade vive um período crucial. O mundo se encaminha para batalhas de classe cada vez mais intensas e para guerras de libertação em vastas áreas. É hora de levantar mais alto a bandeira da unidade da classe operária e dos povos oprimidos. É hora de fortalecer as vanguardas do proletariado e o movimento marxista-leninista no plano mundial. A existência de partidos marxista-leninistas, que saibam se orientar acertadamente nas difíceis e complexas condições da atualidade e sejam firmes na defesa dos interêsses cardeais da revolução, é a garantia para um desfecho da crise revolucionária favorável às massas exploradas e oprimidas, à democracia popular e ao socialismo.

Nôvo estágio na luta do povo brasileiro

No Brasil, o movimento de massas entrou em ascensão. Desde o golpe militar de 1964, não se conhecia lutas populares como as verificadas nos dois últimos meses. Estas lutas tiveram elevado nível, voltaram-se frontalmente contra as classes dominantes e expressaram o grau de consciência revolucionária do povo.

As demonstrações verificadas na Guanabara, Brasília, Goiânia, Fortaleza, Belo Horizonte e outras cidades, em fins de março e na primeira quinzena de abril, são importantes jornadas democráticas e anti-imperialistas que assinalam nôvo estágio nas lutas do povo. Sem temer as ameaças e violências da ditadura, os estudantes e as massas populares ganharam as ruas e enfrentaram corajosamente as fôrças de repressão, como há muito não se observava no país. No Rio de Janeiro, dezenas de milhares de pessoas manifestaram, no entêrro de um estudante assassinado, seu repúdio ao govêrno ditatorial e ao imperialismo ianque. Durante vários dias, estudantes, intelectuais, trabalhadores e donas-de-casa realizaram atos de protesto e entraram em choque com policiais e soldados. Em Brasília e Fortaleza, os jovens fizeram desfiles, incendiaram viaturas da polícia e atacaram os escritórios dos serviços de propaganda do govêrno norte-ame-

ricano. A reação, em pânico, cometeu arbitrariedades de tôda ordem, não só contra estudantes e operários, como também contra sacerdotes, artistas, jornalistas, etc. Nada pôde, porém, deter o ímpeto do movimento de massas.

Estas jornadas populares assinalam o surgimento de uma nova situação política. Puseram por terra as manobras demagógicas articuladas por setôres das classes dominantes, visando a manter o atual estado de coisas sob outra forma. Desde o início do ano, vinham-se avolumando os manejos de «pacificação» e as soluções pseudo-democráticas. Alguns militares defendiam a necessidade de manter, pelo menos na aparência, as Fôrças Armadas à margem das responsabilidades do govêrno, a fim de evitar que estas se comprometessem ainda mais com os crimes e fracassos dos atuais governantes. Tais planos ruíram. Com as manifestações populares, a ditadura revelou mais abertamente seu caráter militarista. O Exército foi a principal fôrça de repressão e se desmandou nas truculências. Sem conseguir atemorizar as massas, os generais ameaçam com a implantação de uma ditadura pior que a atual, demonstrando, assim, sua fraqueza. A concretização desta ameaça acabaria radicalizando ainda mais o processo revolucionário e as massas assestariam novos e mais poderosos golpes na camarilha militar.

Importante aspecto da nova situação é o fato de que a oposição popular à ditadura, orientando-se por um caminho independente e sem se subordinar aos interêsses de correntes políticas das classes dominantes, adquiriu maiores dimensões. Nos embates com a raeção, consideráveis setores das massas ganharam confiança em suas fôrças e sentiram que é possível enfrentar com êxito a tirania, compreenderam que sòmente pela violência conseguirão derrubar a ditadura. Diferentes camadas da população despertaram para a luta. Os trabalhadores, que se encontravam retraídos, começaram a recorrer à greve.

A paralização de cêrca de 20 mil metalúrgicos de várias empresas, em Minas Gerais, foi uma condenação enérgica da política de «arrôcho salarial» do govêrno. Os operários não se amedrontaram com o de-

safio do Ministro do Trabalho e com as provocações da polícia. Quebraram o tabu da proibição de greves. As comemorações de Primeiro de Maio já tiveram aspectos diferentes das dos anos anteriores. Em alguns Estados, dirigiram-se contra o atual regime. Na capital de São Paulo, operários e estudantes expulsaram da Praça da Sé o agente da ditadura que ocupa indevidamente o cargo de governador, incineraram a bandeira norte-americana, símbolo da opressão imperialista, realizaram comícios e passeatas de protesto. O repúdio a Abreu Sodré tem grande significação política. Mais recentemente, obtiveram repercussão duas manifestações estudantis. Uma delas em Belo Horizonte e outra em Curitiba. Em ambos os casos, os universitários mostraram, uma vez mais, alto espírito de combatividade.

Em diversas regiões, as massas camponesas começam também a movimentar-se, ainda que suas ações sejam de menor envergadura. Lutam contra grileiros que procuram expulsá-los da terra, exigem preços compensadores para seus produtos, crédito e facilidade de transporte. Reclamam a posse da terra. Levantam tôda sorte de reinvindicações locais. No interior do país, espraia-se o descontentamento, cresce o ódio aos usurpadores norte-americanos que açambarcam extensas áreas do território nacional, aumenta a indignação das massas pela cobrança de impostos extorsivos e condena-se pùblicamente a ditadura. Acumulam-se fatôres de revolta no campo.

O povo brasileiro tem diante de si a perspectiva de grandes lutas. O imperialismo norte-americano prosseguirá em sua política neocolonialista, procurando fortalecer seu domínio e espoliar mais ainda o país. A ditadura militar, apesar de desmoralizada e repudiada pela nação, não pretende modificar, de nenhum modo, o sistema implantado com o golpe de primeiro de abril de 1964. A situação econômica e política do Brasil tende a se agravar sèriamente. Assim, as massas populares não terão outro recurso para defender seus interêsses vitais senão o de levantar-se contra seus opressores através de ações sempre mais enérgicas. Não terão outro caminho senão o da luta armada para a conquista de um govêrno de democracia, progresso e indepen-

dência nacional. Por enquanto, sòmente pequena parcela da imensa fôrça revolucionária do povo entrou em ação. Não tardará muito o dia em que milhões de brasileiros se incorporarão à luta. Face a tal perspectiva, o Partido precisa viver com intensidade a atual situação a fim de aplicar acertadamente sua orientação política, ligar-se mais às massas e esforçar-se para cumprir seu papel dirigente.

Deve preparar-se e preparar as massas para a revolução.

Aprender nas lutas de massas

As demonstrações estudantis e populares, assim como as greves operárias, trouxeram grandes ensinamentos para o povo em seu combate à ditadura e ao imperialismo norte-americano. O Partido Comunista do Brasil, como organização revolucionária do proletariado, tem o dever de examiná-las, no que têm de essencial, e tirar as necessárias conclusões.

Os últimos acontecimentos possibilitam avaliar o estado de espírito das massas. Demonstram que o povo, em defensiva desde o golpe de 1964, começa a tomar a iniciativa e dispõe-se a passar à ofensiva. É profundo o descontentamento popular e as massas vão perdendo as ilusões numa saída pacífica e nos métodos de luta legalistas. Importantes setores da população sentem que é preciso lutar com mais energia e enfrentar a ditadura em todos os terrenos. A forma como reagiram os manifestantes na Guanabara, Brasília, Fortaleza e outros lugares, as greves de Minas Gerais, as comemorações de Primeiro de Maio em São Paulo e as demonstrações de Curitiba comprovam esta constatação. As medidas arbitrárias e as violências policiais já não amedrontam boa parte das massas. E, na luta, elas aprendem que a ditadura não é tão forte quanto aparenta.

Em tôdas as manifestações de rua surgiu uma constante: reclamava-se a derrubada da ditadura e condenava-se veementemente o imperialismo norte-americano. Não é por acaso que os participantes das demonstrações exclamassem repetidamente «Abaixo a

Ditadura» e expressassem seu ódio as Fôrças Armadas que vêm oprimindo a nação. Também o sentimento antinorte-americano se manifestou em tôdas as oportunidades. O povo queimou bandeiras dos Estados Unidos e apedrejou sua Embaixada e seus escritórios de propaganda. O fato de que as massas façam suas as indicações defendidas, há muito, pelo Partido, isto é, que o gume das fôrças patrióticas e democráticas deve voltar-se contra a ditadura e o imperialismo norte-americano, comprova que tais indicações correspondem à realidade e tocam os sentimentos mais profundos das massas.

Nas demonstações foi ressaltada a necessidade da luta armada. Os manifestantes, de um modo geral, proclamam que «sòmente o povo armado derruba a ditadura». Eram frequentes os pronunciamentos favoráveis à solução revolucionária. O sentido das demonstrações era marcado por uma atitude irreconciliável em relação à ditadura e os protestos não se dirigiam contra êste ou aquêle aspecto da política governamental, mas contra o atual regime. A orientação reformista baseada na pressão de massas para conseguir simples modificações parciais na política dos governantes, e que hoje se sintetiza na exigência de que a ditadura realize uma «abertura democrática», vai sendo repelida. Isto é indício de que a idéia da revolução se estende a setores mais amplos da população.

As manifestações de março-abril revelaram as enormes possibilidades de união dos patriotas e democratas para a luta contra a ditadura e o imperialismo ianque. Elas não expressaram sòmente a unidade de ação das diversas correntes progressistas que atuam no movimento estudantil. Na Guanabara, por exemplo, houve adesão total dos artistas de teatro. Êstes, ao tomar conhecimento das violências contra os estudantes, decidiram suspender todos os espetáculos em sinal de solidariedade. Inúmeros parlamentares, jornalistas, cineastas, artistas plásticos e funcionários públicos deram seu apoio aos jovens. Muitos sindicatos lançaram manifesto, aplaudindo o movimento estudantil e condenando os atos atrabiliários da polícia. Em outros Estados, a luta também teve grande amplitude. Tudo isto exprime que a união dos patriotas e de-

mocratas se forja no curso da própria vida. Vão-se unindo diferentes camadas sociais e correntes políticas no fogo da luta contra a ditadura e o imperialismo norte-americano.

Os jovens, particularmente os estudantes, foram a mola propulsora das manifestações desencadeadas no país. A juventude iniciou o movimento e com grande entusiasmo levou-o adiante. Demonstrou decisão, coragem e elevado espírito revolucionário. Imprimiu às ações o sêlo de sua combatividade, não ficou prêsa às normas e regulamentos oficiais. Rompeu com todos os processos «legais» e fêz valer sua vontade. Ficou evidente que nenhum movimento democrático e popular de amplitude, para ter êxito, pode prescindir da participação ativa dos jovens. O desprendimento e a energia da mocidade, bem orientados, são fatôres de radicalização das lutas. É sintomático que a maioria das vítimas das arbitrariedades policiais e a quase totalidade dos prêsos fôssem constituídas de jovens. Nem por isso a juventude deixou de revidar às tropelias da reação e de intensificar mais e mais os protestos populares.

Os acontecimentos iniciados no Calabouço vieram comprovar a existência de dois tipos de oposição à ditadura: a oposição das fôrças populares e a oposição dos setores das classes dominantes. Isto já fôra constatado pelo Partido em seu documento de novembro do ano passado. As ações que agora se realizaram em todo o país, iniciativa da oposição popular, tiveram caráter combativo e cunho revolucionário. Predominou a idéia de que é necessário responder à violência da reação com a violência do povo, de que é preciso derrubar a ditadura e varrer com a dominação imperialista para assegurar a democracia e independência nacional. A oposição de setores das classes dominantes apoiou, em certa medida, o movimento estudantil. Diversos de seus líderes condenaram a brutalidade policial e deputados e senadores do MDB e da Frente Ampla verberaram a conduta do govêrno. Mas essa oposição revelou vacilações e inconsequências inerentes à condição de classe de seus participantes. Logo de início, externou seu apoio aos jovens, pretendendo com isto tirar vantagens políticas. Mas,

à medida que a luta se radicalizava, começou a lamentar os «excessos» e alguns de seus membros passaram a condenar as ações mais enérgicas dos estudantes.

As vigorosas manifestações realizadas nos centros urbanos mais populosos fizeram sobressair o papel que as grandes cidades poderão desempenhar no processo revolucionário. É indiscutível que, nas condições atuais, o Brasil do interior — particularmente o campo — é o terreno principal onde se desenvolverá a revolução. As zonas rurais constituirão as vastas áreas de manobra para os destacamentos armados do povo e nestas zonas encontra-se o maior potencial revolucionário. Nelas vivem as massas exploradas e oprimidas mais numerosas da população. Precisamente os homens do campo serão a base fundamental das fôrças armadas do povo. No entanto, as cidades ocuparam lugar importante na revolução. Foi o que revelaram os fatos recentemente ocorridos. Êles tiveram profunda repercussão em todo o país, despertaram grandes massas para a causa revolucionária e mostraram que as ações de envergadura nas cidades obrigam a reação a concentrar grandes contingentes militares nos centros urbanos. Propiciaram, assim, uma visão mais ampla da marcha da revolução no Brasil. Mostraram que é possível desencadear grandes lutas nas cidades e que a coordenação da luta política com a preparação da luta armada é uma necessidade. Esta necessidade tornar-se-á mais premente à medida em que as lutas se intensificarem. Se as ações nas cidades não forem acompanhadas de movimentos armados no campo não terão maiores consequências. Quando a classe operária e amplos setores populares tomarem parte ativa nas lutas urbanas, e, ao mesmo tempo, se desenvolver o movimento de massas e os choques armados no campo, então os inimigos do povo brasileiro defrontar-se-ão com obstáculos insuperáveis e marcharão para a derrota final.

Tornou-se mais uma vez patente o papel de traição desempenhado pelos revisionistas do PC Brasileiro. Seus aderentes, no curso dos acontecimentos, empenharam-se de corpo e alma em impedir que a luta se radicalizasse. Suas palavras-de-ordem prega-

vam a moderação e a capitulação diante do inimigo. Procuravam amainar os choques e tentavam induzir as massas estudantis a aceitar as propostas dos agentes da ditadura. Com esta atitude, foram repudiados pelas massas e ficaram ainda mais isolados.

Também ficou provado o quanto é errônea a posição dos que negam a importância da luta política de massas e defendem a tese do «foco», isto é, de que a ação revolucionária deve-se resumir à atividade de pequenos grupos armados desligados das massas.

Intensificar o Trabalho entre os Operários, Camponeses e Estudantes

O ascenso das lutas populares nas cidades veio chamar mais ainda a atenção do Partido para a necessidade de incrementar o trabalho no interior, tendo em vista desenvolver o movimento camponês. Por mais importância que tenham as lutas nos centros urbanos, elas por si só não conduzirão o povo à vitória. O fator decisivo é o movimento de massas e a luta armada no campo. A justa e estreita combinação das ações revolucionárias, armadas e não armadas, no campo e nas cidades, é o caminho para tornar vitoriosas as fôrças do povo e para derrotar o imperialismo norte-americano e a reação interna. Estas duas grandes frentes de luta — o campo e as cidades — influenciam-se mùtuamente e estimulam uma à outra. O movimento político de massas nas cidades cria condições para preparar e desencadear ações armadas no campo. Por sua vez, as lutas no campo darão nôvo impulso ao trabalho revolucionário nas cidades. Uns e outros preparam o caminho da guerra popular. O atraso do movimento camponês pesa negativamente nas lutas das cidades e estas sòmente terão significado revolucionário mais profundo se houver lutas enérgicas no campo. Se o trabalho no campo não avança, a revolução será entravada. Imensas são as possibilidades de luta nas zonas rurais. No interior do país sucedem-se frequentemente lutas camponesas. Seu número é apreciável, embora não alcancem repercussão devido serem ainda limitadas e porque a rea-

ção procura escondê-las. Os comunistas precisam ter audácia e confiança nas massas camponêsas, contribuir para elevar sua consciência política e encontrar a maneira mais adequada de levar-lhes a orientação partidária. Todos os Comitês Regionais do Partido têm o dever de tomar medidas concretas para fortalecer a atividade partidária no campo.

À classe operária e ao seu Partido de vanguarda cabe o papel dirigente da revolução. Se no conjunto do país, o centro de gravidade de atuação do Partido é o campo, nas cidades grande atenção deve ser dada ao proletariado. É cada dia maior a concentração de operários nos centros urbanos mais populosos. São Paulo, Guanabara, Belo Horizonte, Pôrto Alegre, Recife e os arredores dessas cidades são importantes áreas fabris onde trabalham cêrca de 2 milhões de proletários. O fato de que a classe operária não esteja, hoje, empenhada em grandes lutas não nega seu papel de vanguarda, nem quer dizer que não venha a realizar ações de envergadura. A situação dos trabalhadores é muito difícil e, após o golpe de primeiro de abril, aumentou enormemente o grau da sua exploração. Há firmas industriais, particularmente estrangeiras, cujos lucros chegam a 200, 300 e até 500% sôbre o capital. Nas emprêsas estatais, o govêrno procura diminuir os **déficits** à custa da redução drástica do nível de vida de seus empregados. Importantes conquistas foram liquidadas e a classe operária não goza das liberdades mais elementares. As greves ùltimamente desencadeadas põem em evidência as possibilidades de mobilização da classe operária. Ainda que não tivessem sido plenamente vitoriosas, foram demonstrações de fôrça e de combate à ditadura. O sistema instituído com o golpe militar, por seu caráter antipopular e antinacional e pela rigidez da política ditatorial, faz com que qualquer luta, por mais elementar que seja, se volte diretamente contra o govêrno. Se os operários se dispõem a lutar, liquidarão o «arrôcho salarial», conquistarão seus direitos e, juntamente com as massas populares, varrerão a ditadura. Mas isto demanda lutas enérgicas, inclusive greves gerais, e outras ações radicais. Neste sentido, é preciso chamar o proletariado a cumprir sua missão revolucionária e a romper com

as tendências reformistas ainda bastante arraigadas em seu seio, das quais os revisionistas e pelegos são os principais portadores. Ao intensificar sua atuação entre os trabalhadores, os comunistas têm em mira a mobilização do proletariado contra a ditadura militar e o imperialismo norte-americano. Esta mobilização dará grande impulso ao movimento popular em todo o país, elevará o nível das ações nas cidades e repercutirá profundamente entre as massas camponesas.

Compreendendo a significação do movimento estudantil nas lutas urbanas, os militantes do Partido devem, também, incrementar sua atividade entre os estudantes. Tal atividade objetiva organizar e unir os universitários e secundaristas para as ações revolucionárias. O movimento estudantil é parte essencial na luta de libertação nacional. Sua função precípua é impulsionar e apoiar as lutas democráticas e antiimperialistas e em defesa da cultura. Está estreitamente vinculado com as lutas populares e com elas deve cooperar em todos os sentidos. Devido a certas particularidades da situação presente, os estudantes vêm levantando, antes que outros setores sociais, reivindicações gerais do povo e lançam-se ousadamente a intrépidas manifestações. Aos comunistas cabe contribuir para desenvolver o movimento estudantil, elevar sua combatividade, fortalecer sua união e ligá-lo sòlidamente com a classe operária, o campesinato e outros setores populares.

A experiência evidencia que os comunistas devem desenvolver seu trabalho não só entre os operários, camponeses e estudantes, como também entre outros setores da população. Numerosas foram as fôrças que, nos últimos acontecimentos, se opuseram à ditadura e ao imperialismo ianque e se colocaram ao lado do povo. A atitude dos sacerdotes católicos, condenando as violências policiais, e a posição dos artistas, solidarizando-se com os estudantes, patenteiam a imensa amplitude que assume o movimento democrático e antiimperialista. Os membros do Partido precisam aproximar-se de sacerdotes progressistas, da intelectualidade democrática, de elementos de profissões liberais e de políticos nacionalistas. Cada um dêsses

setores pode contribuir, dentro de sua esfera de ação, para a luta comum. Assim agindo, e apoiando-se fundamentalmente nos operários e camponeses, os comunistas ajudam a forjar a união dos patriotas pela independência, o progresso e a liberdade.

Por um Estilo Revolucionário de Trabalho

O Partido Comunista do Brasil teve ativa participação nas recentes ações de massas. Em todo o país, sua presença contribuiu grandemente para a mobilização popular e a elevação do nível das lutas. Ombro a ombro com as massas, seus militantes enfrentaram a reação, procuraram exercer seu papel de vanguarda e aprenderam com as massas. Estreitaram ainda mais seus vínculos com o povo. Em muitos lugares, mostraram combatividade e espírito de iniciativa. Empenharam-se ardorosamente na aplicação da linha do Partido. Dos encontros, com a reação, os comunistas adquiriram experiências e ganharam nôvo ânimo. Saíram mais retemperados e convencidos da justeza da orientação partidária.

O Partido se norteia por uma linha correta cujo acêrto vem sendo comprovado pela vida. O exame dos problemas fundamentais do país, feito pelo Comitê Central, e as soluções que êste apresenta correspondem, de fato, à realidade brasileira. Diante do crescimento das lutas do povo e da perspectiva de choques mais agudos, cabe ao Partido colocar-se à altura da atual situação. Para isso, não é suficiente ter uma linha correta. É imprescindível adotar também um estilo revolucionário, de àrduas lutas, sem o qual não se poderá pôr em prática esta linha. Os membros do Partido precisam desenvolver semelhante estilo de trabalho.

Ao tirar ensinamentos das lutas, os militantes devem compreender em sua plenitude a situação atual de ascenso do movimento popular, preparar-se para dirigir grandes embates de classe, tanto nas cidades como no campo, e adestrar-se em todos os sentidos para a guerra popular. Mais do que nunca é preciso atuar revolucionàriamente, transformar a linha do Partido em algo material, expressá-la em poderosas ações.

Os comunistas precisam ter mais audácia em sua atividade quotidiana junto às massas. A prática mostrou que elas respondem aos apelos de luta e seguem aquêles que se revelam mais combativos e decididos. Interpretando corretamente o estado de espírito do povo, os militantes devem convocar as massas para a luta e ocupar seu pôsto de vanguarda, ter sempre iniciativa e não ficar ao sabor do movimento espontâneo. Se houvesse maior iniciativa na Guanabara, por exemplo, as manifestações teriam sido mais vastas. No dia do entêrro do estudante, pequenos grupos poderiam ter ido às portas das fábricas convidar os operários a paralisar o trabalho e acompanhar o féretro. Isto poderia também ser feito numa fábrica por um de seus operários. Trabalhadores de uma emprêsa, dirigindo-se a outras, obteriam novas adesões. Com êste procedimento, é bem provável que conseguissem a cessação das atividades em muitas emprêsas. Era perfeitamente viável o êxito da realização desta tarefa porque o clima existente entre a classe operária era de indignação diante das violências policiais.

Os membros do PC do Brasil têm obrigação de aparecer diante das massas como os elementos mais destemidos, abnegados e capazes de indicar proposições justas para o desencadeamento e o desenvolvimento da luta. Têm que fazer denúncias políticas vivas ligadas aos fatos do momento, dar a conhecer as opiniões do Partido e lançar palavras-de-ordem que respondam a cada situação e elevem o nível de consciência das massas. Esta é uma das formas de estender a influência do Partido. É indispensável que o povo o veja em ação. Os Comitês Regionais da Guanabara e de São Paulo, procurando orientar as massas e assinalar a presença do PC do Brasil durante os acontecimentos que o país viveu, lançaram pequenos manifestos. Foi uma medida acertada. No entanto, tais manifestos ainda se ressentem de uma linguagem pouco objetiva. Eram mais de análise da situação do que instrumentos de agitação política, quando o mais importante era fazer o desmascaramento da ditadura e chamar as massas para a luta. As organizações do Partido precisam estar aparelhadas para melhor desenvolver seu trabalho de agitação e propaganda. Faz-se mister

possuir meios de comunicação com o povo. Numa situação determinada, um alto falante portátil é da maior utilidade para se dirigir à multidão. Da mesma forma, um mimeógrafo, pincel-atômico, lápis-de-cêra, etc. são necessários para difundir palavras-de-ordem do Partido.

A condição primeira de um comunista é ser um lutador a serviço do povo. O militante ensina às massas a lutar e também aprende com elas. A melhor maneira de aprender a lutar contra a reação é participar das lutas de massas. Aprende-se a lutar, lutando. Muitos membros do Partido na Guanabara resolveram fazer seu aprendizado nas refregas de rua. O mesmo ocorreu em outros lugares. Estas refregas trouxeram ensinamentos que precisam ser discutidos e valorizados. Nos entrechoques com as fôrças de repressão, os manifestantes improvisaram as mais diversas formas de defesa e de ataque. Utilizaram as pedras das calçadas, rôlhas e bolas de gude contra a cavalaria, pedaços de madeira e foguetes juninos. Encontraram meios de proteger-se contra o gás lacrimonênio. Viraram automóveis e ergueram barricadas. Dividiram-se em pequenos grupos para desorientar os policiais e melhor enfrentá-los. Recolhendo as experiências das lutas, os militantes se preparam para as ações futuras. Impõe-se o estudo da técnica de autodefesa. Mas o melhor aprendizado é a prática da luta de massas. Um revolucionário que só conhece a teoria, não participou de uma greve ou de uma demonstração de rua, não enfrentou a cavalaria carregando contra o povo, não sentiu o cheiro do gás lacrimogênio, não esteve presente à dissolução violenta de um comício ou não se defrontou com os jagunços e a polícia investindo contra os camponeses — é um combatente despreparado para dirigir as massas. Cada comunista precisa adestrar-se para ser um lutador da guerra popular.

Aplicando uma orientação revolucionária, os membros do PC do Brasil utilizam as possibilidades legais de luta, sem, no entanto, subordinar-se à «legalidade» da ditadura. As greves operárias de Minas Gerais, assim como as passeatas estudantis, indicaram que é preciso passar resolutamente por cima das proibições e ameaças dos governantes. Quando, porém, não há

proibições é necessário aproveitar a situação para fazer avançar o movimento de massas. Em São Paulo e na Bahia, por exemplo, os governantes, temendo que a repressão policial gerasse represálias violentas por parte dos estudantes, autorizaram, demagògicamente, a realização de passeatas de protesto. Em casos semelhantes, é justo fazer bom uso da «concessão», sem ficar em seus estreitos limites. Isto significa levar a cabo vasta mobilização popular, a fim de que os atos programados tenham ampla repercussão. Com antecedência, é necessário promover pequenos comícios nas escolas, nas portas das fábricas, nos bairros pobres, desmascarando a ditadura e o imperialismo ianque e conclamando a massa para tomar parte em tais atos. Aproveitar as possibilidades legais significa também utilizar órgãos de imprensa que circulam livremente. Os comunistas, participando das organizações estudantis, sindicais e outras, podem refletir nos jornais dessas organizações os pontos-de-vista que defendem.

Ao voltar-se audazmente para as massas, atuando diretamente entre elas e procurando colocar-se à frente de suas lutas, os militantes precisam combinar hàbilmente o trabalho aberto com o trabalho clandestino. O Partido está sob a mira da reação que tudo faz para destruir suas organizações. Por isso, os comunistas não devem permitir que a polícia descubra sua filiação partidária. Não se justifica, por exemplo, realizar certas atividades, onde se corre o risco de ser prêso, conservando em casa documentos do Partido ou participar de ações em que, caso se seja detido, não se possa explicar a situação pessoal. Isto, no entanto, não significa que o militante sempre tenha que declarar na polícia seu enderêço e sua identidade. Quando tal declaração possa ferir os interêsses do Partido deve terminantemente recusar-se a fazê-la.

O trabalho de direção, em todos os escalões partidários, precisa ser feito de maneira viva. Os métodos rotineiros e burocráticos são incompatíveis com um partido de ação, que se propõe a dirigir as massas e a realizar a guerra popular. É necessário combater o formalismo, a atitude conselheiral, a falta de espírito prático e o espontaneísmo. A justa aplicação da linha do Partido é feita de modo muito concreto, ligada

estreitamente aos problemas candentes das massas com as quais os comunistas devem estar permanentemente vinculados. O trabalho de direção não se reduz a transmitir uma discussão política, debater um documento ou recolher informações. Ao discutir nos organismos, o dirigente arma os militantes para a ação prática e ajuda a encontrar a saída para os problemas que estão na ordem-do-dia. Isto exige conhecer, não apenas as questões atinentes às organizações partidárias e a orientação geral do Partido, mas também os problemas das massas. Para atuar com acêrto é preciso interpretar bem a disposição de luta do povo. Só conhecendo o estado de espírito das massas é possível lançar palavras-de-ordem adequadas, organizar lutas de acôrdo com a realidade e imprimir ao movimento de massas uma direção correta. Se os comunistas, na aplicação da linha do Partido, apontam soluções e formas de luta que se adiantam ou se atrasam em relação ao estado de espírito das massas, acabarão se isolando. Cada comunista tem a obrigação de ser um agitador e um organizador, ocupar as primeiras filas da luta, dar exemplo de capacidade e de desprendimento.

Um estilo revolucionário de trabalho impõe o estudo cuidadoso de como abordar as massas e estimular as suas iniciativas. Grandes contingentes da população, apesar das enormes dificuldades em que vivem, ainda não vislumbram o caminho da luta, não têm bastante confiança em suas fôrças e nem se dão conta de que ùnicamente das massas depende a solução de seus problemas. Há setores populares que ainda se encontram apáticos, acreditam que seus sofrimentos resultam de uma fatalidade e aguardam pacientemente providências dos governantes. O papel dos comunistas é despertar a consciência das massas, ajudá-las a compreender que elas possuem uma gigantesca fôrça que, posta em movimento, varrerá com a opressão e a exploração, com tôdas as dificuldades. As massas serão invencíveis quando se dispuserem a lutar e a exigir seus direitos.

Os militantes do Partido, face à qualquer possibilidade de luta, têm que pôr em tensão tôdas as suas energias, examinar concretamente a maneira de como atuar e não ficar na passividade. Na preparação e no

curso de uma demonstração popular, de uma greve ou de outro ato de massas, precisam ter clareza sôbre o que pretendem fazer e adotar as medidas práticas que julgarem convenientes. Se têm em vista, por exemplo, prestar solidariedade aos vietnamitas é preciso munir-se de uma faixa com os respectivos dizeres ou de uma flâmula da Frente de Libertação Nacional do sul do Vietnã. A agitação política exige, antes de tudo, imaginação e audácia.

Faz-se necessário encontrar os meios e as formas mais diversos para fazer propaganda da orientação partidária. A difusão de A CLASSE OPERÁRIA e dos materiais editados pelo PC Brasil é uma das maneiras de levar às massas a linha do Partido e aumentar sua influência. Foi o que fizeram inúmeros militantes no decorrer das últimas manifestações. Distribuíram volantes e documentos partidários, fizeram inscrições murais e falaram às massas. Portanto, há possibilidades enormes para difundir materiais do Partido e levar ao povo a linha partidária. Cabe planificar a distribuição dêsses materiais e organizar o debate sôbre os principais assuntos nêles abordados. Como a ilegalidade não permite grandes tiragens dos materiais do Partido, convém aproveitar ao máximo cada exemplar, tornando-o conhecido do maior número de pessoas. Tem importância fazê-los chegar às mãos de todos os que possam divulgar as idéias que êles contêm.

Para cumprir suas imensas tarefas, o Partido precisa multiplicar suas fôrças. Numa situação de choques abertos de classes, de crescentes ações revolucionárias, de preparação da guerra popular para derrotar o imperialismo e a reação e conquistar um govêrno popular revolucionário, sòmente um partido proletário, de nôvo tipo, pode conduzir as grandes massas da população brasileira à completa vitória. Os reacionários e certas correntes pseudo-marxistas apresentam uma imagem deformada do partido dos comunistas com o objetivo de impedir que êle se consolide e exerça sua função. Ora acusam-no de dogmático e antidemocrático, ora de reformista e contrário à revolução. Tratam de confundi-lo com o desmoralizado Partido de Prestes. Os comunistas têm que levar em conta êste fato. É necessário mostrar às massas, pelo exemplo, ação

e conduta política, a verdadeira fisionomia do Partido e fazê-las compreender que êle é a fôrça mais revolucionária da sociedade brasileira. É indispensável forjar a organização de vanguarda da classe operária, fortalecer o PC do Brasil, assimilar e propagar o marxismo-leninismo. «Para realizar a revolução — diz Mao Tsetung — é indispensável um Partido revolucionário. Sem um partido revolucionário, criado à base da teoria revolucionária marxista-leninista, é impossível conduzir a classe operária e as amplas massas populares à vitória na luta contra o imperialismo e seus lacaios».

No momento em que as lutas populares adquirem nível mais elevado, é possível trazer para o Partido milhares de jovens lutadores, corajosos e abnegados, que reforçarão suas fileiras e injetarão sangue nôvo na organização política do proletariado. Os choques com a reação vão revelando os elementos mais combativos e abnegados do povo. As portas do Partido estarão sempre abertas para os autênticos lutadores. Urge recrutar os melhores filhos da classe operária e do campesinato. O Partido necessita de homens e mulheres capazes de assimilar o estilo bolchevique do período heróico de Lênin e Stálin, a tenacidade e a firmeza revolucionária dos comunistas chineses e albaneses, o espírito de decisão e a fibra inquebrantável dos combatentes da Frente de Libertação Nacional do Vietnã. Precisa de militantes fiéis ao exemplo dos heróis e mártires do movimento comunista no Brasil. A experiência demonstra que um partido, embora não muito numeroso mas que se compõe de revolucionários, é capaz de dirigir massas de milhões.

A formação de quadros é outra tarefa vital. O Partido não os possui em número satisfatório para atender ao desenvolvimento de seu trabalho. Os Comitês Regionais pedem seguidamente companheiros capacitados para ajudar a construção do Partido e para impulsionar a ação política. Neste aspecto, o Partido atravessa uma crise de crescimento. Esta falta de quadros terá de ser resolvida, enfrentando as dificuldades, no curso da própria luta. O Comitê Central considera que é preciso promover os militantes que, embora não possuam um nível político elevado, tenham qualidades

de revolucionário e revelem dedicação ao Partido. Os cursos, palestras e conferências ajudam a formação dos quadros, mas a verdadeira escola de quadros é a luta revolucionária.

A época atual exige um Partido cujos militantes saibam se orientar nas condições mais difíceis e considerem que o êxito da linha do Partido está em suas mãos. Exige um partido que se apóie nas próprias fôrças e esteja indissolùvelmente ligado às massas.

* * *

Travam-se, hoje, embates dos quais participam massas em número sempre maior. Ninguém poderá ficar à margem dêsses embates. Grave responsabilidade recai sôbre o Partido. Incumbe aos comunistas preparar-se mais e melhor para cumprir sua missão nesta fase em que se acentua o ascenso das massas revolucionárias.

O Partido só realizará sua tarefa histórica se fôr capaz de ganhar para suas posições amplos setores da classe operária, dos camponeses, dos estudantes e de outras camadas da população, se tiver capacidade de colocar-se à frente de suas lutas.

Quaisquer que sejam os percalços, o Partido Comunista do Brasil saberá vencer todos os obstáculos e levar adiante a bandeira da revolução.

15 de Maio de 1968.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO
COMUNISTA DO BRASIL

ALGUNS PROBLEMAS IDEOLÓGICOS DA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

No cenário convulsionado da América Latina onde populações oprimidas e espoliadas pelas velhas oligarquias e vorazes monopólios estrangeiros tomam consciência de seu destino, trava-se, simultâneamente com as demonstrações patrióticas, as greves e as guerrilhas, um choque de idéias de grandes proporções. A vaga de rebeldia que se espraia do Rio Grande ao Estreito de Magalhães faz brotar as mais diversas teorias, as mais variegadas soluções, os caminhos mais discrepantes. É um fenômeno que expressa a opinião das diferentes classes e camadas sociais e revela o espírito combativo das massas ou a capitulação diante do inimigo, o desejo de mudanças revolucionárias, ou as tentativas de travar a marcha da História.

Extensos setôres do povo e amplos círculos culturais mostram enorme interêsse pelas novas idéias. Não por teses abstratas, carentes de objetividade e sem qualquer sentido prático, mas por concepções que envolvem problemas cruciais do momento. Na mente de milhões e milhões de pessoas reflete-se uma realidade social de espantosas injustiças, miséria crescente, exploração cruel, odiosa dominação imperialista, arbitrariedades inomináveis e de truculência militarista. Quanto mais o capitalismo se afunda numa crise sem saída e se debate nos estertores de uma agonia que pressagia seu fim, mais difícil se torna a situação dos povos e dos trabalhadores da América Latina, maior

é seu anseio de libertação. Daí porque as massas populares voltam-se com inusitada atenção para as idéias renovadoras, para o debate e para a busca de novos horizontes, de um caminho que as conduza a uma vida livre, digna e feliz.

Grande parte das idéias políticas que circulam na América Latina apresentam-se como sendo de esquerda. Mesmo as de cunho retrógrado procuram mascarar-se de revolucionárias. Presentemente, devido à radicalização das massas e à experiência por elas adquirida, não há receptividade para as idéias abertamente de direita. E muitos defensores das chamadas idéias de esquerda dizem-se marxistas-leninistas. Isto porque a doutrina do socialismo científico conquistou extraordinário e merecido prestígio internacional. Seus princípios se afirmam como verdades irrefutáveis.

Há, porém, o autêntico e o falso marxismo. Existe o marxismo revolucionário de Marx e Engels, de Lênin, Stálin e Mao Tsetung, que tantas e significativas vitórias tem alcançado na luta de classes e sob cuja inspiração centenas de milhões de sêres humanos livraram-se das mazelas do capitalismo. E há também o pseudo-socialismo de Kautski e Bernstein, o «marxismo» de Kruschov, Brezhnev e Kossiguin, de Tito e Togliatti, que tantos e graves danos ocasionou ao movimento operário e tem acarretado, onde predomina, amargas derrotas. As idéias do verdadeiro marxismo orientam no sentido da revolução e da completa libertação do homem. O falso marxismo dos revisionistas semeia a confusão, cria dificuldades à luta dos povos e serve objetivamente à reação e ao imperialismo. Também são nocivas as «teorias», pretensamente marxistas, do neotrotskismo, ultra-esquerdista em palavras e direitista na prática. Por sua vez, o fidelismo tão em voga na América Latina, embora se proclame marxista-leninista, indica soluções que não se coadunam com a realidade dos países do Hemisfério e tenta rever postulados básicos da doutrina fundada por Marx e Engels.

No momento em que se acentuam os entrechoques de idéias na América Latina, é oportuno debater uma série de questões relacionadas com a revolução nesta

parte do Continente e que têm suscitado inúmeras controvérsias. Não é objetivo dêste artigo traçar rumos para outros países. Nêle procura-se tão-sòmente opinar sôbre problemas de interêsse vital para o movimento revolucionário. Os pontos-de-vista expendidos apresentam, sem dúvida, lacunas e insuficiências. É natural que isto aconteça. A situação da América Latina evolui ràpidamente e é bastante complexa. O processo de formação histórica de cada país tem suas peculiaridades e existem características nacionais bem diferenciadas. Êste trabalho é uma tentativa de expor, de maneira sistematizada, um conjunto de questões que preocupam os revolucionários brasileiros. Pretende ser uma contribuição ao debate em tôrno de teses que dizem respeito à ingente tarefa de libertar as nações dêste Hemisfério.

Dominação crescente do imperialismo norte-americano

No primeiro quartel do século passado, os povos da América Latina, em sua maior parte, conquistaram, através de lutas memoráveis, a independência estatal. Despedaçaram os grilhões que os acorrentavam às decadentes metrópoles espanhola e portuguesa. Formavam-se, então, as nações latino-americanas que, no entanto, não estavam consolidadas. As guerras de independência, por uma contingência histórica, foram dirigidas pelos representantes mais destacados da burguesia comercial, dos grandes proprietários de terra e da intelectualidade liberal, inspirada nas idéias da Revolução Francesa e nos princípios que nortearam a independência dos Estados Unidos. Livres do jugo colonial, estas nações criaram as premissas para seu desenvolvimento independente. Usufruíram, em determinado período, da soberania política. No entanto, os governantes da época, por sua condição de classe, não foram capazes de adotar medidas radicais que abrissem o caminho para o progresso, seguiram uma orientação conservadora. Mantiveram a estrutura agrária baseada na grande propriedade rural, nos restos feu-

dais, e mesmo escravistas, e negaram a liberdade às grandes massas da população.

Com o surgimento do imperialismo, em fins do século XIX, iniciou-se nova fase na história das nações dêste Continente. Os grandes trustes internacionais dividiam entre si as colónias e procuravam submeter nações formalmente independentes, mas débeis e pouco desenvolvidas. Apoiados nas oligarquias nativas, formadas de latifundiários e de capitalistas ligados ao comércio exterior, gradativamente, foram penetrando na América Latina. Durante certo tempo, particularmente na América do Sul, esta penetração foi feita pelos imperialistas ingleses, seguidos pelos franceses e alemães. Os monopólios norte-americanos já no fim do século passado faziam a primeira guerra imperialista, tendo em vista apoderar-se de Cuba. Na década de 20 dêste século, intensificam sua atividade na América Latina para deslocar seus rivais europeus. Após a Segunda Guerra Mundial, se constituem no principal explorador imperialista do Continente.

Hoje, não há país desta parte do Hemisfério, à exceção de Cuba, que não esteja submetido à ação rapace dos trustes ianques, não existe país que não tenha contraído, em condições leoninas, vultosas dívidas com os Estados Unidos que as utilizam como instrumento de subjugação. Desenvolveu-se entre a América do Norte e a América Latina um intercâmbio desigual de mercadorias. Os preços dos produtos exportáveis das nações latino-americanas caem contìnuamente no mercado norte-americano e sobem, sem cessar, os preços dos artigos importados dos Estados Unidos. Os monopólios ianques assenhorearam-se do petróleo da Venezuela, do salitre e do cobre do Chile, do estanho da Bolívia, do ferro e do manganês do Brasil. Obstaculizam, tanto quanto podem, a industrialização da América Latina. Controlam a economia e as finanças dos diferentes países ao sul do Rio Grande. O imperialismo ianque se apossa de imensas riquezas produzidas com o suor e o sangue dos trabalhadores. É dono de indústrias básicas, de grandes plantações e de enormes latifúndios. Detém em suas mãos as alavancas de comando da vida econômica de cada país.

Em última instância, a América Latina está sob o contrôle da Standard Oil, General Motors, United States Steel, Ford, General Electric, Bethleham Steel, United Fruit, Dupont e de outros grandes consórcios de Wall Street.

A dependência econômica acarreta, inevitàvelmente, a perda da independência política. Na verdade, desde há muito, os países da América Latina transformaram-se em semi-colônias dos Estados Unidos. Sua soberania é apenas nominal, pois se encontram envoltos em uma rêde de dependência financeira, econômica, diplomática e militar que os torna escravos do imperialismo norte-americano. Nas condições atuais, o jugo dos monopólios ianques faz-se ainda mais brutal. Orienta-se no sentido da recolonização do Hemisfério. Como o velho colonialismo está desacreditado e em completa bancarrota, os imperialistas estadunidenses utilizam novas formas de domínio. É o neocolonialismo em ação.

Êste neocolonailismo se exprime, em especial, na participação direta dos agentes ianques nos assuntos administrativos do Estado. Os governos latino-americanos continuam revestidos de formas nacionais e chegam, mesmo, a ser eleitos por setôres da população. Mas, na realidade, estão estreitamente ligados a Washington. Quando surgem governantes burgueses, que, apesar de seu entreguismo, procuram, de uma ou outra forma, por mais tímida que seja, resistir ao total avassalamento de seus países pelos norte-americanos, são sumàriamente derrubados por meio de pronunciamentos militares. E quando o povo se rebela para alijar do Poder os lacaios do imperialismo, de que a República Dominicana à exemplo, os Estados Unidos intervêm com a fôrça armada. As instituições políticas se adaptam cada vez mais às necessidades da dominação estadunidense. Em quase todos os países latino-americanos foram impostas, de diferentes maneiras, constituições autoritárias ou as existentes sofreram profundas alterações de sentido reacionário. Os chamados órgãos representativos do povo, como os Congressos Nacionais, perdem suas prerrogativas, são meras fachadas que não decidem nada de fundamental.

Nos países dêste Hemisfério, os governos são orientados pelas Embaixadas dos Estados Unidos. Dos gabinetes dessas embaixadas partem diretrizes gerais para a administração de cada país e nêles também se controla tôda a vida política nacional. Os imperialistas ianques não se satisfazem ùnicamente com o contrôle dos departamentos governamentais. Paralelamente à máquina administrativa, montam sua própria máquina. Neste particular, a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional) é um dos instrumentos mais utilizados. Seus escritórios, dispondo de numerosos funcionários norte-americanos, espalham-sè pelas grandes e pequenas cidades, vilas e lugarejos da América Latina. A pretêxto de ajuda, exercem funções privativas do Estado. Acobertados pela Aliança para o Progresso, introduzem-se nos serviços públicos, nas universidades, nas associações profissionais, na planificação e execução de obras, nos meios rurais. O Fundo Monetário Internacional também é um instrumento da ação neocolonialista norte-americana. Esta entidade, a serviço dos Estados Unidos, dita a orientação econômico-financeira contrária aos interêsses nacionais dos países latino-americanos e sôbre êstes exercem rigorosa fiscalização.

Notadamente, nas fôrças armadas da América Latina faz-se sentir a presença dos agentes ianques. Estas fôrças, de fato, estão submetidas ao Pentágono. Isto se realiza através de todo um conjunto de ajustes, a título de aprimoramento técnico, que incluem desde o treinamento de tropas e a padronização das armas até a adoção da doutrina militar norte-americana. As missões militares dos Estados Unidos, geralmente numerosas, supervisionam o exército, a aeronáutica e a marinha, onde têm influência decisiva. Os generais e oficiais superiores cursam obrigatòriamente escolas militares estadunidenses e seguem as concepções e as teorias agressivas de domínio do mundo dos belicistas de Washington. Transformam-se em portavozes e executores da política predatória dos Estados Unidos na América Latina. Hoje, as camarilhas militares constituem um dos principais apoios políticos da Casa Branca em sua atividade neocolanialista no Continente.

A base social e política do domínio ianque

Os monopolistas dos Estados Unidos não poderiam espoliar e dominar os países latino-americanos se nêles não dispuzessem de uma base social e política. São as oligarquias carcomidas de grandes fazendeiros e de capitalistas ligados a interêsses ianques, verdadeiros bastiões do atraso e do obscurantismo, que abrem as portas de seus países à recolonização. Na defesa de seus injustos privilégios e temerosos da ação popular, juntam-se ao pior inimigo da América Latina. Procurando perpetuar uma estrutura económica superada, recorrem aos empréstimos estrangeiros, fazem as concessões mais vergonhosas ao capital monopolista e tornam a economia nacional ainda mais dependente dos Estados Unidos. Seu destino está indissolùvelmente ligado ao do imperialismo. Por isso, estão dispostas a arrastar seus países às aventuras guerreiras dos belicistas ianques e a desempenhar o papel de polícia de repressão contra os povos, como aconteceu com a clique militar do Brasil por ocasião dos acontecimentos de São Domingos. No passado, estas oligarquias gozavam de maior liberdade de movimento na escolha dos governantes. Agora, porém, em muitos países, é o próprio imperialismo que impõe os nomes de sua preferência para os postos-de-mando.

O panorama da América Latina, sob o domínio dos imperialistas norte-americanos e das oligarquias reacionárias, evidencia um quadro de violentos contrastes. Ao lado de faustosos palácios, de hotéis de luxo, de suntuosos casinos, onde um punhado de ricaços esbanja fortunas, proliferam as favelas, as casas-de-cômodo e os prostíbulos, onde as populações pobres se envilecem. Majestosas metrópoles como Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, México, Santiago e Lima, e um mar de vilarejos, povoados, aldeias e pequenas cidades desprovidos de qualquer confôrto da civilização moderna. Massas de tuberculosos, maláricos, leishmaniosos, leprosos e sifilíticos, abandonados à própria sorte, e uns poucos hospitais e sanatórios de apurado nível técnico para servir a grandes

capitalistas e abastados fazendeiros. Elevados índices de analfabetismo e uma juventude ansiosa de saber e de cultura. Latifúndios sem fim, em sua maioria improdutivos, e dezenas de milhões de camponeses sem terra, vegetando sem qualquer esperança.

Êste quadro se torna mais sombrio quando se observa que a América Latina se ressente da falta de liberdades democráticas. Na maioria de seus países reina um clima de terror e de perseguição aos patriotas. As conquistas sociais vão sendo anuladas. Imperam o militarismo e as ditaduras reacionárias. Argentina, Brasil, Paraguai e Bolívia vivem sob o tacão de generais truculentos. Na Venezuela, Colômbia, Guatemala, Honduras e Nicarágua vigoram leis de exceção. O Equador saído de um regime de junta militar, tem um govêrno despótico. Chile e Peru encontram-se constantemente sob ameaça de golpe das fôrças armadas. E até mesmo o Uruguai encaminha-se para a reação mais aberta. Não se trata de fenômeno acidental. É uma característica da época presente, que se acentua cada vez mais. O imperialismo e as oligarquias não podem manter seu jugo na América Latina por outro meio que não seja a brutalidade mais descarada e a negação completa da democracia.

À medida que aumenta a espoliação ianque e se aprofunda a crise crônica de estrutura nesta parte do Continente, mais se agravam as contradições básicas da sociedade, que sé podem ser superadas pelas soluções radicais; maior é o descontentamento e a revolta das massas, cujas explosões são difìcilmente contidas por uma violência sempre mais intensa; maior é o choque entre o sentimento nacional e a opressão estrangeira, que sòmente pode ter fim com a libertação dos países latino-americanos das garras do capital financeiro dos Estados Unidos. O imperialismo ianque e seus sustentáculos internos, em cada país, tentam abafar os anseios de progresso e a luta das grandes massas através do terror e dos regimes ditatoriais. E os povos da América Latina voltam-se corajosamente para a luta revolucionária.

As massas levantam-se contra o imperialismo e as oligarquias

A dominação da América Latina pelos imperialistas ianques e o atual processo de recolonização não se têm dado sem a resistência popular. Desde os alvores dêste século, foi-se formando, no combate à ação de rapina dos abutres estadunidenses, o arraigado sentimento antinorte-americano que, hoje, se expande por todo o Hemisfério. Sandino imortalizou-se como símbolo da luta antiimperialista, enfrentando com destemor os marines que desembarcaram arrogantemente na Nicarágua. Cresceu no Continente a luta libertadora. Em 1935, o povo brasileiro empunhou armas para conquistar um govêrno nacional-revolucionário. Na Colômbia, ficou célebre a revolta de Bogotá contra a interferência dos Estados Unidos na vida daquela nação e daí por diante floresceu o movimento guerrilheiro que, presentemente, inclui em seus objetivos a conquista da efetiva independência. Na década de 50, uma das mais belas páginas de heroísmo foi escrita pelos mineiros bolivianos quando destroçaram o exército e derrubaram o govêrno serviçal de interêsses estrangeiros e dos magnatas do estanho. A Revolução Cubana, que varreu a opressão imperialista da terra de Marti, despertou a América Latina para a luta armada contra seus mais ferrenhos inimigos. E, mais recentemente, o povo de São Domingos derramou seu sangue generoso, combatendo os traidores da nação, os soldados intervencionistas ianques e as tropas títeres do Brasil.

Aproxima-se na América Latina, com crescente rapidez, a grande tormenta revolucionária. Atualmente, muito mais do que no passado, maior é o ódio das massas populares ao imperialismo ianque e às oligarquias pôdres e corrompidas que lhe servem de sustentáculo. Ergue-se, partindo dos mais diversos setôres da população, uma onda de protesto contra os Estados Unidos. As chamas das guerrilhas estendem-se na Colômbia, Venezuela e Guatemala. O anseio de deflagrar a luta armada manifesta-se no Brasil, Paraguai, Peru, Equador, Bolívia, Argentina, República Dominicana e em quase todos os países do Hemisfério. O

povo do Panamá, em grandes manifestações patrióticas, reclama a retirada dos norte-americanos da Zona do Canal. Poderosas greves desenvolvem-se no Chile e no Uruguai. Êste processo de radicalização das massas prenuncia a marcha dos países latino-americanos para as ações revolucionárias de nível mais elevado e para combates decisivos.

As ditaduras militares e os governos reacionários, implantados sob a égide dos Estados Unidos, não poderão deter o ímpeto do movimento libertador popular e democrático que se alastra por tôda parte.

Caráter nacional e democrático da revolução

As nações latino-americanas têm seu progresso entravado pelos mesmos obstáculos — a dominação imperialista estrangeira e o sistema do latifúndio; têm os mesmos inimigos — os monopólios norte-americanos, os grandes proprietários de terra e a parte da burguesia ligada aos interêsses ianques. Os atuais objectivos das lutas dos povos latino-americanos visam, assim, a resolver tarefas de cunho nacional e democrático.

A revolução nos diversos países da América Latina, pelas tarefas que agora precisa enfrentar, tem caráter democrático burguês. Em todos êles os problemas a solucionar são semelhantes em seu conteúdo econômico-social, ainda que cada país tenha um diferente grau de desenvolvimento, apresente suas características e particularidades. Mas esta revolução democrática-burguesa é uma revolução de nôvo tipo. Faz parte da revolução proletária mundial. Sua perspectiva é a transição para o socialismo. Justamente por isso, é indispensável que o proletariado, cujos interêsses estão diretamente ligados à conquista do socialismo, seja a fôrça dirigente.

Não tem procedência e é totalmente errônea a afirmação de certas correntes de esquerda de que a revolução nos países da América Latina seja socialista. Não têm também razão os que, não podendo negar os aspectos nacional e democrático da revolução, procuram mesclá-la com os objetivos socialistas, asseve-

rando que a revolução é socialista de libertação nacional — como fazem certos agrupamentos católicos de esquerda — ou definindo seu carácter como «de luta pela independência nacional, emancipação em relação às oligarquias e o caminho socialista para seu pleno desenvolvimento econômico e social» — a exemplo do que declara a I Conferência Latino-americana de Solidariedade (OLAS).

Postular o socialismo como tarefa da atual etapa da revolução é entravar o avanço do processo revolucionário porque restringe grandemente o campo das fôrças revolucionárias e facilita a ação dos inimigos do povo. Significa negar o papel dos camponeses. Nas atuais circunstâncias da América Latina, o movimento camponês, principal base de massas da revolução, é essencialmente democrático. Objectiva fundamentalmente liquidar o latifúndio e resolver o problema da entrega da terra aos camponeses. Não tem, assim, caráter socialista. Por sua vez, as grandes massas urbanas, mesmo a classe operária, se bem que manifestem simpatia pelo socialismo, estão imbuídas de preconceitos democrático-burgueses e não sentem a necessidade da ditadura do proletariado. Tôdas elas, porém, aspiram a liquidar os atuais obstáculos ao progresso de seus países. Além disso, na luta contra o imperialismo muitos outros setôres da população estão diretamente interessados e dela podem participar. Levantar como palavra-de-ordem imediata o socialismo é afastar da revolução tais setôres.

É inegável que a América Latina sòmente poderá alcançar um brilhante futuro no socialismo. Só êste regime social transformará radicalmente as nações latino-americanas, dando plena expansão às suas fôrças produtivas, assegurando o bem-estar das massas, o amplo desenvolvimento da cultura e a verdadeira democracia para o povo. Mas o caminho para atingí-lo passa necessàriamente pela etapa nacional e democrática. Na consecução das tarefas dessa etapa, criam-se as condições, objetivas e subjetivas, favoráveis à transição para o socialismo.

Convém destacar ainda que, em tôda luta, há sempre o inimigo principal a combater, cuja derrota possibilita a liquidação dos demais adversários. Isto

tem relação direta com o caráter da revolução. Concentrar esforços contra o inimigo principal, contra êle mobilizar o máximo de aliados e neutralizar fôrças que por êle poderiam ser mobilizadas — é princípio estratégico fundamental. Não se consegue a vitória se não se leva em conta êste princípio. Na atualidade, o imperialismo e o latifúndio são os inimigos principais dos povos latino-americanos. Por que agragar a êstes inimigos o capitalismo nacional em seu conjunto, levantando medidas socialistas como reivindicações imediatas? Ao apresentar as exigências democráticas e antiimperialistas, que uma vez satisfeitas atingem de morte àquêles inimigos, o proletariado pode aliar-se temporàriamente com uma parte da burguesia, mesmo vacilante, neutralizar outra e golpear apenas os setôres burgueses ligados ao imperialismo.

Aplicação magistral e criadora dêsse princípio básico de concentração de esforços foi realizada no período da II Guerra Mundial, na luta contra o facismo. A união dos mais amplos setôres da população contra o inimigo comum ensejou a sua derrota e abriu o caminho para a vitória da revolução em vários países da Europa e da Ásia. Éste princípio foi, hàbilmente, empregado na China. Neste país, até a vitória final da revolução, sòmente foram apresentadas as reivindicações inerentes à etapa democrático-burguesa e, durante um longo período da luta revolucionária, a direção do ataque principal foi orientada contra o imperialismo nipônico, procurou-se atirar a burguesia para a luta antijaponesa e atenuou-se inclusive a luta contra os latifundiários. É bastante ilustrativo também o exemplo da Revolução Cubana. Seus líderes concentraram os ataques na ditadura de Fulgêncio Batista e contra ela orientaram a direção do golpe principal das fôrças revolucionárias. Com êste objetivo, levantaram ùnicamente a bandeira da democracia, o que possibilitou isolar o inimigo e fortalecer a revolução. Ernesto **Ché** Guevara, em seu artigo «Cuba: Caso Excepcional ou Vanguarda na Luta Anti-colonialista?», de 9.4.61, afirmou: «Não acreditamos que se possa considerar excepcional o fato de que a burguesia, ou pelo menos uma boa parte dela, se tenha mostrado favorável à guerra revolucionária contra a tirania».

Adiante agregou: «Levando em conta as condições em que se travou a guerra revolucionária e a complexidade das tendências políticas que se opunham à tirania, nada há de excepcional no fato de alguns elementos da classe latifundiária terem adotado uma atitude neutra, ou pelo menos, não-beligerante, em relação às fôrças insurretas». Isto prova que a Revolução Cubana teve uma etapa democrático-burguesa bem marcante. É de lamentar que essa experiência fôsse abandonada pelos dirigentes cubanos, inclusive pelo autor do artigo, bravo e provado revolucionário, que pouco antes de morrer considerava ser socialista o caráter da revolução nos países da América Latina. Agora, as fôrças revolucionárias do Vietnã unem todos os patriotas no combate aos imperialistas ianques e seus lacaios e contra êles voltam o gume de seus ataques. O programa da Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul, recentemente publicado, inclui sòmente reivindicações da etapa nacional e democrática. E isto quando a parte norte do país já é socialista.

Estas experiências demonstram o quanto é importante definir de maneira correta o caráter da revolução e o quanto é nocivo estabelecer agora objetivos que correspondem a outra etapa do processo revolucionário. Para os povos do Continente esta é uma questão vital. Em todos os países da América Latina é bastante evidente a natureza nacional e democrática, o cunho agrário e antiimperialista e o aspecto popular da revolução.

Caminho revolucionário e caminho reformista

As transformações de carácter democrático-burguês nos países da América Latina estão, desde há muito, colocadas na ordem-do-dia. A conquista da independência estatal não desbravou o caminho para um rápido desenvolvimento das fôrças produtivas. A indústria sòmente começou a ter certo impulso, assim mesmo bastante fraco, no início dêste século. A burguesia industrial nascente encontrou, porém, sérias resistências do imperialismo, que já penetrava na América Latina e se defrontou com a falta de mercado interno,

devido à predominância do latifúndio. Após a I Guerra Mundial, apesar das dificuldades, o capitalismo conseguiu avançar, embora lentamente. Apresentou-se, então, com mais premência a necessidade de se levar a cabo as transformações democrático-burguesas, isto é, modificar a estrutura agrária, opor-se à ação espoliadora do imperialismo e fazer profundas alterações progressistas na superestrutura política. Com o correr dos anos, esta necessidade se tornou ainda mais imperiosa.

O início das lutas pelas modificações de cunho democrático burguês data das primeiras décadas dêste século. O México foi um dos primeiros a enfrentar, embora sem consequência, problemas da revolução democrática, como, por exemplo, a questão da terra. Depois da Grande Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, com o surgimento dos Partidos Comunistas, o proletariado de diversos países dêste Continente apresentou um programa de lutas contra o imperialismo e pela reforma agrária. Mas, como era ainda uma fôrça política bastante débil, não influía de modo decisivo no curso dos acontecimentos. A burguesia nacional, especialmente a partir da década de 30, trata de levantar, à sua maneira, a necessidade de modificações de cunho burguês. Ao mesmo tempo procura fortalecer suas posições no Poder. Nesta atividade, contava momentâneamente com o apoio dos imperialistas norte-americanos que, então, desenvolviam uma ofensiva econômica e política para deslocar do Hemisfério seus concorrentes inglêses.

Apesar de a classe operária ter organizado e dirigido movimentos democráticos e antiimperialistas de certa envergadura, a burguesia nacional na maioria dos países da América Latina tem sido a fôrça hegemônica nas transformações de sentido democrático-burguês. Vargas no Brasil, Peron na Argentina, Paz Estensoro — em seu primeiro govêrno — na Bolívia, Arbenz na Guatemala, Gaitán na Colômbia e, mais recentemente, Goulart no Brasil e Frei no Chile são expressões, entre outras, da ação da burguesia nacional, visando a levar a cabo algumas modificações na estrutura econômica e na superestrutura política das nações latino-americanas.

A burguesia nacional entra, no entanto, na arena política numa época em que a revolução socialista já

triunfara num grande país e em que a classe operária adquiria consciência de sua fôrça e lutava pelo Poder. Por isso mesmo e devido às suas ligações com o imperialismo e o latifúndio, as soluções que apresenta são tímidas e bastante limitadas. A burguesia nacional postulou medidas de interêsse da nação e chegou a pôr em prática algumas delas. No Brasil, através do Código de Minas, nacionalizou o subsolo, instalou sob a égide do Estado, a grande indústria siderúrgica, tornou a exploração do petróleo um monopólio estatal. Na Bolívia, nacionalizou as minas. Na Argentina, colocou nas mão do Estado a exploração petrolífera. Na Guatemala, iniciou a reforma agrária. Favoreceu no terreno político a implantação de certos direitos democráticos, como o voto secreto, o sufrágio feminino, a sindicalização dos trabalhadores e a livre organização estudantil. Desenvolveu sob a pressão do proletariado, a legislação trabalhista, procurando sempre manter a classe operária debaixo de seu contrôle.

Mas as soluções da burguesia nacional são essencialmente reformistas. Em nenhuma época, na América Latina, excluindo-se o período da revolução Mexicana de 1910, a burguesia nacional foi revolucionária. Trata de conseguir, de modo gradativo, as transformações de caráter burguês, sem atingir em profundidade o sistema do latifúndio e sem romper por completo as amarras com o imperialismo. Simultâneamente, procura aumentar sua influência no Poder, utilizando ora os processos eleitorais, ora a fôrça militar sem, entretanto, recorrer às ações armadas que possam envolver as massas populares. Um dos métodos principais que utiliza é a demagogia trabalhista, tendo em mira fazer do proletariado uma força caudatária. Esforça-se para introduzir no movimento operário suas idéias reformistas e fazer com que os trabalhadores adotem a política burguesa como se fôra a própria política da classe operária. Criou neste sentido, em muitos países, uma elite operária da qual a maioria dos dirigentes sindicais é a expressão mais destacada. Esta elite é um dos porta-vozes da burguesia nacional no movimento proletário.

A burguesia nacional mostrou, inúmeras vêzes, que não pode levar a bom têrmo as tarefas democráticas

e antiimperialistas. Por seu turno, sempre que as fôrças mais reacionárias investiam contra os governos em que ela tinha preponderância, capitulou vergonhosamente, receiando a radicalização das massas. É o caso de Vargas e Goulart, de Peron e Arbenz, que preferiram render-se aos golpistas a resistir com o povo.

Acresce ainda que, na época presente, quando se travam grandes batalhas de classe no cenário internacional e está em jôgo a própria existência do sistema imperialista, a burguesia nacional não tem possibilidades de levar adiante nem mesmo uma política de pequenas reformas. O imperialismo norte-americano propõe-se a dominar o mundo inteiro. Na América Latina pretende recolonizar seus países. O neocolonialismo significa precisamente submissão total da economia dos países latino-americanos à economia dos Estados Unidos. Nos últimos anos, algumas providências que resguardavam, em certa medida, interêsses nacionais, adotados por governos reformistas, foram sendo anuladas em favor dos norte-americanos. A Argentina voltou atrás no que se refere à legislação protecionista do petróleo. A Bolívia aos poucos vai liquidando a nacionalização das minas. O Brasil fêz concessões entreguistas no que se refere às riquezas naturais e acabou com as restrições contidas na Lei de Remessa da Lucros para o exterior. Tudo isto mostra a falência da direção burguesa no movimento nacional e democrático, evidencia a bancarrota de suas soluções reformistas.

As grandes e profundas transformações de carácter democrático-burguês, cada vez mais prementes, só podem ser realizadas pela revolução popular, sob a direção do proletariado. Não há outro meio para acabar com a dominação, sempre maior, dos imperialistas ianques, com o arcaico sistema do latifúndio nem para alcançar um govêrno efetivamente democrático que assegure a liberdade para o povo, cultura e bem-estar para as massas e a independência nacional.

As fôrças que têm efetivo interêsse nessa revolução popular são os operários, os camponeses e a pequena burguesia urbana. Os camponeses, os semiproletários do campo e os assalariados agrícolas, que constituem a maioria da população da América Latina,

demonstram grande vontade de luta. Pelas próprias condições em que vivem, aspiram a varrer a opressão e a miséria. São a mola real das ações revolucionárias. Também a pequena-burguesia urbana é uma das fôrças principais do movimento nacional e democrático. Esta camada social tem grandes tradições de luta. Particularmente os estudantes e a intelectualidade progressista revelam combatividade e enraizados sentimentos antiimperialistas. Mas nem o campesinato nem a pequena-burguesia urbana reúnem as condições necessárias para assumir a direção da luta.

Quanto à burguesia nacional, pode participar de ações antiimperialistas e a favor de reformas agrárias. Pode defender a existência de certas liberdades democráticas. Alguns de seus setôres chegarão mesmo a apoiar a luta revolucionária ou a ela se incorporar. Isto porque tem, objetivamente, contradições com o imperialismo e o latifúndio, sofre a concorrência e a pressão dos monopólios estrangeiros e necessita ampliar o mercado interno. No entanto, a burguesia nacional, como fôrça vacilante e inconsequente, pode também, em determinadas circunstâncias, aliar-se às fôrças mais reacionárias e combater a revolução.

Cabe ao proletariado, interessado não apenas no cumprimento das tarefas nacionais e democráticas, mas na conquista do socialismo, o papel dirigente da revolução na presente etapa. Esta direção é indispensável para o êxito do movimento libertador. Mas a classe operária só assegurará a sua função dirigente se fôr capaz de aliar-se às grandes massas camponesas e, à base dessa aliança, forjar uma ampla frente-única de tôda as fôrças democráticas e antiimperialistas.

Apresentam-se, portanto, na América Latina, no que diz respeito às transformações democráticas exigidas pelo desenvolvimento da sociedade, dois caminhos: o revolucionário e o reformista. Um é indicado pelo proletariado revolucionário e o outro pela burguesia nacional. Estas classes sociais disputam a direção das massas a fim de conduzí-las pelos caminhos que defendem.

Ao contrário da burguesia nacional, que preconiza reformas, o proletariado, através de sua vanguarda, não pretende introduzir nos regimes vigentes na Amé-

rica Latina simples modificações parciais e sim instaurar um poder popular revolucionário que represente o conjunto das fôrças democráticas e antiimperialistas capaz de liquidar os entraves ao progresso de cada país e de descortinar novos horizontes às massas trabalhadoras.

Conquistar as massas para as posições revolucionárias

Ganhar as massas para o caminho revolucionário é uma grande batalha na esfera política e ideológica. As idéias reformistas, difundidas pela burguesia nacional, conseguiram penetrar profundamente no seio da classe operária, entre a intelectualidade e mesmo em alguns setôres do campo. A medida que a burguesia nacional ia adquirindo fôrça e conquistando importantes posições nos governos, aumentava seu trabalho de corrupção, propiciando cargos políticos e bons emprêgos a elementos que podiam servir a seus objetivos. Intensificava a propaganda de suas concepções, procurando infuir em camadas mais amplas da população. Criou todo um corpo de doutrina tendo em vista apresentar suas soluções para os problemas de cada país. O **trabalhismo, o justicialismo e o desenvolvimento** são expressões dessa doutrina. Tanto nos parlamentos, na imprensa e nas universidades, como nos sindicatos e no movimento democrático e antiimperialista, fizeram-se sentir com intensidade crescente os porta-vozes das soluções reformistas. Surgiram os ideólogos do capitalismo nacional.

As idéias da burguesia nacional sempre se refletiram nos partidos da classe operária da América Latina. Mas, em geral, procurava-se combatê-las. No entanto, com o advento do revisionismo contemporâneo, a partir de 1956, estas idéias acabaram por predominar nestes partidos. Isto significou uma grande ajuda à burguesia nacional em seu empenho de arrastar as massas pelo caminho das reformas. Durante os últimos doze anos, o revisionismo não fêz mais do que pregar as soluções oportunistas e procurar submeter os trabalhadores à política da burguesia nacional. A experiência da América Latina revela o quanto tem

sido nociva a ação dos partidos revisionistas. Êles servem, em última instância, às fôrças reacionárias, uma vez que contribuem ativamente para desviar as massas da luta revolucionária. Aí estão, entre outros, os exemplos do Brasil, Chile, Argentina e Venezuela.

Apesar da influência do reformismo, grandes massas latino-americanas começam a se voltar para a idéia da revolução. Isto se deve à falência da política da burguesia nacional, que não resolveu nem resolverá nenhum dos problemas do povo e se mostrou incapaz de resistir aos golpes militares pró-imperialistas; à pregação dos partidos e correntes revolucionárias, que propugnam a luta armada e as soluções radicais; aos êxitos dos povos que conseguiram a vitória através das armas como aconteceu na China, Albânia, Cuba e, atualmente, se verifica no Vietnã, e, finalmente, ao agravamento das contradições internas e externas nos países dêste Hemisfério. A posição revolucionária da China e a difusão do pensamento de Mao Tse-tung têm atraído grandes massas para o caminho da luta, da guerra popular. O desmascaramento do revisionismo contemporâneo, no plano mundial e em cada país, serviu também para despertar os povos para a necessidade da revolução.

Todos êsses fatôres ajudaram largas camadas do povo a fazer sua experiência, a comprovar na vida a falsidade do caminho reformista e a concentrar suas esperanças na solução indicada pelo proletariado.

É preciso, no entanto, não dar tréguas ao reformismo e ao revisionismo. É uma luta que necessita ser travada em todos os terrenos. Sem derrotar as idéias reformistas será muito difícil, senão impossível, conquistar a vitória. Esta tarefa fundamental está intimamente ligada ao desenvolvimento das ações contra a reação e o imperialismo norte-americano. A prática revolucionária levará as massas a encontrar o caminho certo.

Justamente porque é indispensável ganhar as massas para o caminho revolucionário, não é possível aos verdadeiros lutadores da causa da emancipação dos povos latino-americanos manter-se indiferentes face ao grande e histórico embate que ora se realiza, no âmbito internacional, entre o marxismo-leninismo e o

revisionismo contemporâneo. Êste representa as idéias da burguesia, de tipo social-democrata, no plano mundial. Procura minar a combatividade dos povos e salvar o sistema imperialista da derrota. O revisionismo contemporâneo é tanto mais perigoso porque se encobre com a bandeira da Revolução de Outubro a fim de iludir os trabalhadores e os povos oprimidos. Difundido e sustentado pelos dirigentes de uma grande potência como a União Soviética e pelos partidos operários que, em outras épocas, desenvolveram grandes lutas e hoje traem a causa dos povos, o revisionismo é portador das idéias de capitulação ao imperialismo. Por isso, é imprescindível desmascarar constantemente as posições revisionistas do Partido Comunista da União Soviética e seus seguidores e, ao mesmo tempo, apoiar as forças que se situam no campo do marxismo-leninismo, como os comunistas chineses e albaneses. O marxismo-leninismo exprime os interesses do proletariado internacional e dos povos revolucionários. Assim, para os povos latino-americanos, o combate ao revisionismo é parte de sua luta libertadora. E para o proletariado, este combate é inseparável do esforço permanente pela conquista de sua hegemonia, condição primordial para a vitória da revolução.

Situação favorável à luta revolucionária

São extremamente favoráveis as condições econômicas, sociais e políticas à luta dos povos latino-americanos. A revolução amadurece simultâneamente em todos os países deste Continente. Isto, no entanto, não quer dizer que a revolução na América Latina se verifique fora dos marcos nacionais e passe a ser uma revolução continental, com exército revolucionário comum e comando único. Embora existam objectivos comuns a todos os países da América Latina, cada povo fará a sua revolução. Esta é fruto de processos objectivos internos relacionados com o aguçamento das principais contradições da sociedade, o grau de desenvolvimento da luta de classes, as tradições históricas e as peculiaridades da nação. Cada povo apoia-se, fundamentalmente, em seus próprios esforços.

Mas é inegável que o apoio recíproco entre os povos constitui um factor importantíssimo. Qualquer país deste Hemisfério que se levante em armas para livrar-se de seus opressores e exploradores tem como aliado mais próximo os demais países da América Latina. Deste modo, assume particular relevo o fortalecimento dos laços de amizade e solidariedade entre os movimentos de emancipação nacional no Continente. Quando o imperialismo ianque e as oligarquias latino-americanas coordenam medidas de repressão e planejam acções conjuntas contra os povos, impõem-se mais ainda a intensificação do intercâmbio de experiências e a ajuda mútua entre os revolucionários. Ao mesmo tempo que o povo chileno, argentino, brasileiro, peruano e outros desenvolvem suas próprias lutas, apoiam firmemente o povo colombiano, guatemalteco, venezuelano e outros que respondem com a violência revolucionária à violência da reacção e do imperialismo.

A revolução na América Latina conta também com poderosos aliados na Ásia e na África. As lutas que ocorrem nestes continentes auxiliam os patriotas latino-americanos. Destacada significação tem a gloriosa resistência do povo vietnamita em sua guerra justa contra os invasores de sua pátria. Dando mostras de bravura sem par, os combatentes vietnamitas assestam golpes demolidores nos impelialistas ianques. Infundem com suas vitórias novo ânimo aos revolucionários deste Hemisfério. Demonstram na prática que é possível enfrentar e vencer os arrogantes exércitos estadunidenses. A ampliação e o fortalecimento das acções guerrilheiras no Laos, Tailândia, Birmânia e em outros países asiáticos, dirigidas fundamentalmente contra os belicistas ianques, fundem-se com o movimento libertador das Américas. O mesmo sentido têm as guerrilhas no Congo, Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa. Os povos latino-americanos, por sua vez, consideram seu dever dar todo o apoio a estas lutas, sobretudo a dos vietnamitas, que estão nas primeiras linhas de combate aos odiados soldados do dólar.

Unem-se à causa dos povos latino-americanos os trabalhadores dos países imperialistas que se levantam contra a burguesia monopolista. As grandes mani-

festações de massa no Japão contra a ocupação ianque e contra a utilização de bases japonesas para o ataque ao Vietnã; os vigorosos protestos nos Estados Unidos contra o prosseguimento da guerra no Sudueste Asiático; o poderoso e combativo movimento dos negros norte-americanos por sua libertação — tudo isto constitui factor favorável à luta revolucionária neste Continente.

A China Popular é a principal base de apoio do movimento revolucionário, com a qual os povos da América Latina podem sempre contar. Imenso país de 700 milhões de habitantes, onde o proletariado triunfou e realiza com êxito a Grande Revolução Cultural, mantém uma atitude irreconciliável face ao imperialismo ianque e aos revisionistas contemporâneos que a ele se juntaram. Guiando-se pelo internacionalismo proletário, a China de Mao Tse-tung é a campeã da luta pela emancipação nacional e não mede sacrifícios para ajudar os povos oprimidos a se libertar. O facto de ser a China o centro da estratégia agressiva da Casa Branca e do Pentágono obriga os imperialistas estadunienses a concentrar grandes forças na Ásia, favorecendo a luta emancipadora na América Latina. A República Popular da Albânia é também uma base de apoio da revolução. Embora um país pequeno, defende com valentia as posições revolucionárias na Europa.

Nas actuais circunstâncias, a luta dos povos tende a se fundir numa ampla frente mundial de combate aos imperialistas norte-americanos. Depois da Segunda Grande Guerra, os Estados Unidos se propuseram a dominar todos os países e se transformaram em gendarmes da reação mundial. Nestas últimas décadas, os círculos dirigentes de Washington, desde Truman até Johnson, fomentaram golpes militares na América Latina e intervieram em todos os lugares onde as massas se rebelaram. Tornaram-se, assim, os Estados Unidos o inimigo comum da Humanidade. Defrontá-los é tarefa magna dos povos. Nesta tarefa, os latino-americanos estão chamados a ocupar um posto de honra.

(Transcrito do número 22, de maio de 1968, de A CLASSE OPERÁRIA, órgão do Comité Central do Partido Comunista do Brasil).

GUERRA POPULAR — CAMINHO DA LUTA ARMADA NO BRASIL

Os militares que assaltaram o Poder vivem apavorados com o fantasma da revolução. Em tôda parte, em qualquer acontecimento, por mais banal que seja, vislubram subversão e revanchismo. Já não se trata de temor diante de greves operárias ou de poderosas manifestações de rua. Tais são os crimes por eles praticados que uma tímida crítica da imprensa, uma cena de teatro contra a tirania, uma simples canção exaltando a liberdade, leva o pânico aos generais armados até os dentes. E quanto mais atormentados pelo mêdo, mais ferozes se tornam e mais violências cometem contra o povo.

A ditadura que se instalou no país com golpe do primeiro de abril coloca-se frontalmente contra os interesses nacionais. Nenhum governo como o actual foi tão despótico e entreguista. Os movimentos democráticos e patrióticos são duramente perseguidos. As massas populares sofrem as consequências da nefasta política ditatorial e quando se erguem para lutar por suas reivindicações têm que enfrentar a polícia e tropas do Exército. Mas os imperialistas norte-americanos e seus agentes gozam de todos os privilégios. Apossam-se de ramos inteiros da produção, apoderam-se de vastas áreas do território brasileiro e exercem contrôle directo da administração pública.

Nestes últimos anos, milhares de pessoas passaram pelos cárceres e inúmeros presos políticos foram tor-

turados barbaramente. Muitos brasileiros tombaram assassinados nas praças públicas. Supervisionados pela CIA, bandos terroristas atacam universidades, teatros e manifestações populares. Igrejas e conventos são invadidos. Padres são detidos e seviciados pelo facto de expressar sentimentos de seus paroquianos. Com suas organizações na clandestinidade, os estudantes são tratados como criminosos. A intelectualidade, vítima de odiosas restrições, não pode desenvolver livremente suas actividades. Políticos de oposição são discriminados e marginalizados. Mandatos de parlamentares são cassados e suspensos os direitos políticos de cidadãos.

O povo brasileiro, que sempre desejou construir uma pátria livre da opressão, da miséria e do atraso, não aceita o infame regime que vigora no Brasil. Arrostando o banditismo dos militares, lança-se à luta e realiza enérgicos protestos. Nunca foram tão altos os reclamos de liberdade, jamais atingiu tanta veemência a condenação ao imperialismo ianque e aos seus lacaios. A idéia da revolução amadurece na consciência das grandes massas. Cada vez é maior o número de brasileiros que sente, como exigência imperiosa, a necessidade de derrubar a ditadura através da luta armada.

Desde fevereiro de 1962, em seu Manifesto-Programa, o Partido Comunista do Brasil afirmava que as classes dominantes tornavam inviável o caminho pacífico da revolução. Os comunistas estão convencidos de que o povo, mais dia menos dia, terá que recorrer à luta armada. Não por amor à violência ou pelo desejo absurdo de derramar sangue. Mas sim como resposta à política terrorista da reacção interna e do imperialismo norte-americano. Onde há opressão, torna-se inavitável a luta revolucionária.

Aos brasileiros não resta outra alternativa: erguer-se de armas nas mãos contra os militares retrógrados e os imperialistas ianques ou viver submissos aos reacionários do país e aos espoliadores estrangeiros. Não há dúvida que a grande maioria da nação optará pelo recurso às armas e não pela submissão. A história das massas populares no Brasil é marcada por rebeliões contra as tiranias e assinala movimentos armados contra o despotismo.

A elaboração do caminho da luta armada para derrubar o actual regime e conquistar a verdadeira independência nacional, o progresso e a liberdade é problema decisivo que preocupa amplos setores populares e diversas correntes políticas de esquerda. Elementos essenciais deste caminho foram apresentados pelo Partido em alguns de seus documentos. Mas isto não é suficiente. Agora, baseado no marxismo-leninismo, nas geniais contribuições de Mao Tse-tung sobre a guerra popular, o Partido deve examinar as premissas para o surgimento e desenvolvimento da luta armada e delinear, num plano mais geral, o curso provável desta luta.

A forma, a estratégia e a táctica da luta armada dimanam de determinadas condições históricas, da experiência revolucionária e de certas características nacionais. É necessário ter isto em conta para traçar com justeza o caminho revolucionário.

I

FACTORES QUE INFLUEM NA DEFINIÇÃO DO CAMINHO ARMADO

O Brasil é um país dependente com sobrevivências pré-capitalistas bastante acentuadas. A propriedade da terra é monopolizada por um pequeno grupo de pessoas e a imensa maioria dos que se encontram no campo não possui terra para trabalhar. Métodos arcaicos de produção entravam o desenvolvimento da agricultura e a pecuária extensiva ocupa a maior parte da terra aproveitada. A dominação imperialista norte-americana faz-se sentir cada vez mais pesadamente no país. Setôres fundamentais da economia estão nas mãos dos monopolistas ianques. Esta dominação aumenta dia a dia e tende a transformar o Brasil em colônia dos Estados Unidos.

Embora dispondo de imensas riquezas naturais, o Brasil encontra-se num estágio de subdesenvolvimento. Nêle coexistem alguns centros industriais adiantados, como São Paulo e Guanabara, e numerosas regiões cuja economia e sistema de vida pouco diferem da época colonial. O ritmo de seu crescimento é demasiadamente vagaroso e, em relação a países avançados, seu atraso é progressivo. A esmagadora maioria da população brasileira, de 90 milhões de habitantes, atravessa tôda espécie de dificuldades, enquanto uma reduzida minoria vive no luxo e na abundância.

Apesar de ser uma nação única, o Brasil contém de fato dois brasís: o Brasil das grandes cidades, com relativo desenvolvimento econômico e cultural, e o Brasil do interior, quase totalmente abandonado. Dois terços da população brasileira encontra-se nas regiões próximas do litoral. Se a densidade demográfica apresenta no Brasil das grandes cidades índices elevados, no Brasil do interior tais índices são baixíssimos, embora aí existam zonas de relativa concentração de camponeses e de assalariados agrícolas. Há imensos vazios na vastidão do território nacional.

Nos últimos cinquenta anos, o povo tentou de diferentes maneiras arrancar a nação do atraso e da dependência estrangeira. Viveu experiências de luta armada, como a de novembro de 1935, e conheceu períodos de poderoso ascenso das lutas de massas, como o de 1945 e o de 1963-64. Criou um movimento democrático e antiimperialista de certa envergadura que vem se avolumando e cresce em combatividade e espírito revolucionário, apesar do baixo nível de organização das massas. Extensas camadas da população tomam consciência de que sem liquidar o sistema do latifúndio e o domínio imperialista é impossível conquistar uma vida melhor. Contingentes sempre mais numerosos da população tornam-se partidários da ação armada.

Atua no país um partido marxista-leninista, o Partido Comunista do Brasil, que acumulou experiência revolucionária e que passou pelo crivo de uma acirrada luta ideológica contra o oportunismo e o revisionismo. Seu programa corresponde às tarefas da atual etapa da revolução brasileira, possui clareza de objetivos e orienta-se por uma teoria de vanguarda. Tem condições para dirigir com êxito a luta emancipadora do povo brasileiro.

Além disto, o Brasil é um país de dimensões continentais. Possui regiões montanhosas e grande parte de seu território está coberta por densas florestas. Tal circunstância possibilita às fôrças revolucionárias um imenso campo de manobra.

Em seu conjunto, estas características são fatôres favoráveis à revolução.

De outra parte, as Fôrças Armadas, principal instrumento de opressão do povo, em certa medida são fortes. O Exército brasileiro é o mais numeroso e bem armado da América Latina, treinado e equipado pelos Estados Unidos. Controla rìgidamente as Polícias Militares de todos os Estados. Atualmente, as Fôrças Armadas detêm as alavancas de comando da vida administrativa do país. A maior parte de seus efetivos concentra-se nas grandes cidades. Elas estão estreitamente vinculadas ao Pentágono, do qual recebem apoio e ajuda, e acham-se enquadradas na estratégia global do imperialismo norte-americano.

O povo brasileiro não possui ainda suas fôrças armadas e sua experiência de luta armada, nas últimas décadas, é muito limitada. Não há tradição de grandes lutas no campo. O movimento revolucionário no interior desenvolve-se lentamente, está atrasado em relação ao que se processa nas cidades.

Ao contrário do que acontecia antes de 1930, quando eram acentuadas as contradições interimperialistas no Brasil e, em conseqüência, as classes dominantes se dividiam, apoiadas neste ou naquele imperialismo, presentemente predomina no país de forma quase total a influência norte-americana, que penetra em todos os poros da vida da nação. A divisão entre as classes dominantes se dá, fundamentalmente, entre os que são ligados a certos interêsses nacionais e os que se encontram mais diretamente unidos aos monopólios ianques. Também na luta pelo Poder, ocorrem choques entre bandos das classes dominantes, uns e outros ligados aos Estados Unidos, mas êstes choques são amainados pela interferência norte-americana. A possibilidade de um conflito armado entre as classes dominantes, apoiadas em grupos imperialistas rivais, é pouco provável.

Êstes três aspectos da realidade — inimigo forte, ausência de fôrças armadas do povo e predomínio da influência norte-americana — são fatôres desfavoráveis e indicam que a luta armada no Brasil será dura e prolongada. Mas êstes fatôres são transitórios. Se é certo que as fôrças armadas reacionárias são, hoje, fortes, sua tendência, no curso de uma luta prolongada, é se enfraquecer. Por sua vez, o povo brasileiro

que, na atualidade, não possui fôrças armadas, nem suficiente experiência militar, no decorrer de uma luta prolongada, adquirirá esta experiência e criará seu exército. O movimento revolucionário no interior que, presentemente, ainda é fraco, transformar-se-á, no quadro de uma luta prolongada, em poderoso e combativo movimento de massas.

Os fatôres favoráveis, ao contrário, atuam de maneira permanente e tendem a influir de forma sempre mais favorável. A existência do monopólio da terra, por exemplo, fará com que os camponeses se voltem cada vez mais para o lado da revolução. De igual modo, a dominação crescente do imperialismo norte-americano despertará um número cada vez maior de patriotas para a luta revolucionária. O movimento democrático e antiimperialista marcha no sentido de se tornar sempre mais forte. E o partido da classe operária também crescerá e sua influência se estenderá contìnuamente.

II

O CAMINHO DA LUTA ARMADA

Os fatôres favoráveis e desfavoráveis à revolução, inerentes à realidade brasileira, são elementos essenciais para definir o caminho da luta armada e dêles decorrem os aspectos básicos do curso da guerra revolucionária no Brasil.

Quais são êstes aspectos?

1) A luta armada em que se empenhará o povo brasileiro terá um profundo conteúdo popular, englobando as mais amplas massas da população. O fato de ser o Brasil um país dependente e de a terra estar monopolizada por uma pequena minoria de latifundiários imprime à revolução um caráter nacional e democrático, o que permite a mobilização de imensas fôrças sociais para derrubar o atual regime reacionário. As classes dominantes não podem resolver a contradição entre o rápido aumento da população e a carência, sempre maior, de empregos, de meios de educação e de assistência. Tampouco podem evitar o contraste cada vez mais chocante entre o Brasil das grandes cidades e o Brasil do interior. Tudo isto provoca um descontentamento crescente de vastos setôres populares cujas aspirações só serão satisfeitas pela revolução. A circunstância de o povo brasileiro já ter usufruído de certas liberdades em recentes pe-

ríodos de ascenso democrático e de ter elevado grandemente sua consciência política o impele a lutar, mais e mais, contra a reação e o domínio imperialista. Uma luta armada de profundo conteúdo popular não pode ser dirigida pela burguesia nacional ou pela pequena burguesia, fôrças sociais inconseqüentes. A direção do Partido Comunista do Brasil, partido do proletariado e defensor intransigente dos interêsses das massas mais pobres, dará ensejo a que a luta revolucionária abarque a esmagadora maioria da população e tenha a necessária conseqüência. **Assim, a luta armada das fôrças revolucionárias terá um cunho eminentemente popular, será uma guerra do povo.**

2) As grandes cidades não podem ser o cenário principal da guerra de libertação do povo brasileiro. Nelas estão concentrados os contingentes mais numerosos e mais fortes das fôrças armadas do inimigo. Em centros urbanos, como Rio de Janeiro, São Paulo, Pôrto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Salvador e outros, estão sediadas guarnições militares dispondo de grandes recursos e treinadas para esmagar as lutas do povo. Estas guarnições têm possibilidades de cercar e derrotar as massas rebeladas que não possuem suficiente armamento para enfrentá-las.

Isto não significa que as grandes cidades não tenham importante papel a desempenhar. Não só na preparação como em todo o curso da guerra popular. Nos centros urbanos encontram-se 3 milhões de operários e uma grande camada da pequena burguesia, os quais, juntamente com os camponeses e assalariados agrícolas, constituem as fôrças motrizes da revolução. As cidades têm tradição de amplos e combativos movimentos de massas. Nos últimos anos, o movimento estudantil e as greves operárias alcançaram elevado nível de combatividade. Estas lutas minam o Poder das classes dominantes e obrigam a reação a conservar nas cidades ponderáveis fôrças militares. A ação dos revolucionários pode atingir os órgãos de decisão política e militar do inimigo, bem como sua base logística, situados nos centros urbanos. Grande será o número de patriotas que as cidades enviarão para o interior, a fim de integrar as fôrças armadas populares.

A correta e estreita coordenação das atividades revolucionárias, armadas e não-armadas, no campo e nas cidades, é o caminho para tornar vitoriosas as fôrças do povo. O movimento político de massas nas cidades ajuda a preparar e a desencadear as ações armadas no campo e estas, por seu turno, darão impulso às lutas de massas nos grandes centros.

O interior é o campo propício à guerra popular. Aí existe uma população que vive no abandono, na ignorância e na miséria. Nos mais diversos níveis, os camponeses empenham-se na luta pelos seus direitos. Devido à repressão brutal dos latifundiários e da polícia, as ações no campo assumem logo caráter radical. Sobretudo nas regiões de posseiros são freqüentes os choques armados com os grileiros. Como acentuou a VI Conferência Nacional do Partido, a massa camponesa é uma grande fôrça a ser mobilizada para a conquista dos objetivos nacionais e democráticos. Tem manifestado, inúmeras vêzes, sua aspiração à posse da terra. Representa um grande potencial revolucionário que, embora no momento não esteja despertada, é sensível às lutas mais altas e capaz de fornecer a massa principal dos combatentes da guerra popular. O interior é o elo mais débil da dominação das fôrças reacionárias no país. Estas não contam com suficientes efetivos militares para ocupar as vastas áreas rurais. Nem alguns milhões de soldados, brasileiros ou norte-americanos, poderão ocupar as regiões mais agrestes do Brasil. Nestas regiões, as tropas reacionárias atuarão em ambiente adverso: situação geográfica que favorece os combatentes do povo e dificulta a ação das unidades repressoras, meios de transporte difíceis ou inexistentes, ausência de fontes de abastecimento para fôrças regulares numerosas, condições sociais desfavoráveis, etc. Suas linhas de comunicação para êsses lugares, além de precárias, são bastante vulneráveis. Sòmente para garantí-las serão necessários enormes contingentes. Quanto mais regiões sejam obrigadas a ocupar, as tropas da reação mais dispersarão suas fôrças e com isto se enfraquecerão porque serão forçadas a se subdividir, ficando expostas aos golpes dos revolucionários. No interior, as fôrças armadas populares terão a seu dispor amplo campo de manobra que

lhes permitirá evitar o cêrco, poupar e acumular fôrças. Nêle é possível assegurar a sobrevivência dos grupos combatentes na difícil fase inicial da guerra popular. **Assim, o terreno onde se desenvolverá a guerra popular será fundamentalmente o interior.**

3) Os brasileiros não podem esperar uma vitória rápida na luta contra seus inimigos mortais. Para tornar vitoriosa a revolução em todo o país, é necessário destruir as fôrças armadas dos reacionários — Exército, Marinha, Aeronáutica e demais instrumentos de repressão. Será preciso derrotar também numerosas tropas norte-americanas que, sem dúvida, serão enviadas ao Brasil. Tal a importância do Brasil nos planos imperialistas dos Estados Unidos que êles não renunciarão fàcilmente o seu domínio no país. A tarefa de derrotar inimigos tão poderosos encerra enormes dificuldades e, por isso, demandará um período longo. Se bem que as fôrças revolucionárias, com o correr do tempo, venham a dominar extensas regiões e nelas criar um poder popular, é evidente que a vitória completa do povo brasileiro só será alcançada após árdua e demorada luta.

Para assestar golpes demolidores, capazes de aniquilar as fôrças vivas do inimigo, será preciso mobilizar, organizar e armar as grandes massas de milhões de brasileiros, ganhar poderio e experiência. Tudo isto implica num imenso trabalho político e ideológico para arrancar as massas da influência dos latifundiários e da burguesia. Semelhantes tarefas só serão realizadas no curso de uma guerra de vários anos. O tempo de duração da guerra popular será determinado pela maior ou menor mobilização do povo, pelo grau de sua participação na luta e pela maior ou menor capacidade de combate do inimigo diante das fôrças revolucionárias. **Assim, será prolongada a guerra de libertação do povo brasileiro.**

4) A guerra popular exigirá grandes recursos humanos e materiais. Não é fácil alimentar, vestir, armar e municiar fôrças armadas que irão se expandindo cada vez mais, quando se atua em regiões de parcos recursos e quando o inimigo, com superioridade de

fôrças, tudo fará para impedir que os revolucionários recebam suprimentos. Êste encargo terá de ser cumprido pelas fôrças populares, baseando-se nos próprios esforços. Não se deve alimentar ilusões no apoio logístico do exterior. Nas fronteiras do Brasil situam-se países de regime reacionário. Fundamentalmente, os recursos materiais serão obtidos no país. Incumbe ao povo brasileiro realizar a guerra popular. Ninguém de fora poderá substituí-lo nessa missão histórica. Mas êle não está só. Conta com a solidariedade dos povos revolucionários, tem o apoio das massas populares da América Latina. Isto muito o ajudará na luta que realizar baseado nos próprios esforços.

A maior parte do armamento e do equipamento das fôrças populares terá de ser capturada ao inimigo, ainda que o povo deva produzí-los na medida de suas possibilidades. Quando existirem áreas libertadas então será possível fabricar armas e outros apetrechos necessários à guerra em quantidades maiores. A alimentação terá de provir do campo. Por esta razão, os combatentes, desde o início, a par de sua atividade militar, dedicar-se-ão, juntamente com os camponeses, ao trabalho produtivo, a fim de não sobrecarregar a população local no fornecimento de gêneros. **Assim, o povo fará a sua guerra apoiado principalmente nas próprias fôrças.**

5) A guerra de guerrilhas será a forma principal de luta na fase inicial da guerra popular. Através dêste tipo de luta é que se poderá iniciar a ação armada contra os inimigos da nação e começar a estruturar as fôrças armadas do povo. É o meio pelo qual grupos de combatentes, inferiores em número e em armas ao inimigo, conseguirão vitórias e irão paulatinamente se transformando em exército regular.

De certa maneira, a guerrilha já foi empregada em diversos movimentos populares que registra a História do Brasil. Nos quilombos negros da época da escravidão, na Cabanagem no Pará, em Canudos na Bahia e no Contestado nos limites de Paraná e Santa Catarina, entre outros, as táticas de luta tinham muito de guerra de guerrilhas. Particularmente na resistência de Canudos, os combatentes tinham por norma evitar

o mais possível a luta frontal. Mostravam-se sempre fugidios às expedições militares do govêrno. Assediavam-nas e fustigavam-nas freqüentemente. Durante dez meses de combate, as tropas governistas sentiam a todo instante a presença dos homens de Canudos, mas tinham enormes dificuldades para localizá-los fora do arraial. Os sertanejos, com armas rudimentares, agiam de surprêsa, realizavam emboscadas levando a confusão às hostes do Exército. Na tocaia, liquidavam inclusive os comandantes que se afastavam dos locais protegidos.

O povo brasileiro, ao recorrer à guerra de guerrilhas combaterá à sua maneira, criará os mais diversos métodos de luta de acôrdo com as peculiaridades locais. Nas condições de um país como o Brasil, a guerrilha se desenvolverá levando em conta a fôrça e a situação do inimigo, a topografia do terreno, as vias e os meios de comunicação, os fatôres de ordem climática, o estado de ânimo da população em determinado momento e lugar e a situação em que se encontrar a fôrça guerrilheira. Só poderá crescer apoiada nas massas.

A guerrilha evitará o ataque aos pontos fortes do adversário e atacará os pontos fracos; assegurará sempre a sua liberdade de avançar e se retirar; e estará preparada para empenhar-se em pequenos combates de rápida decisão. Mao Tse-tung sintetizou a tática da guerrilha da seguinte maneira, «quando o inimigo avança, recuamos; quando pára, o fustigamos; quando se cansa, o atacamos; quando se retira, o perseguimos».

Devido a que o povo brasileiro não possui fôrças armadas e o inimigo tudo faz para impedir que elas se formem, a guerra de guerrilhas é o instrumento adequado para iniciar a luta armada e o ponto de partida para construir o exército regular. Dela surgirão os quadros capazes de comandar grandes unidades militares. **Assim, a guerrilha será elemento imprescindível da guerra popular.**

6) O povo, para derrotar as fôrças armadas da reação e tropas dos imperialistas norte-americanos, terá de forjar a arma capaz de a elas se opor e de

aniquilá-las. Esta arma é o exército popular. Mao Tse-tung, o grande mestre da guerra popular, ensina que «sem um exército popular não haverá nada para o povo».

O exército popular só poderá surgir no curso da própria luta e só dominará a arte de combater na própria guerra. Seus embriões serão os pequenos grupos de combatentes que empregarão o método da guerrilha. Terá que ser um exército constituído fundamentalmente pelas massas mais pobres da população, isto é, os camponeses, os assalariados agrícolas e os operários, e incorporará também estudantes e intelectuais. Estará a serviço do povo e será completamente diferente do atual exército da reação. Guiar-se-á por uma disciplina consciente e seus componentes deverão ser exemplo de heroísmo, desprendimento e devoção à causa revolucionária.

Ao se desenvolver a guerra de guerrilhas, chegar-se-á a um momento em que os grupos armados aumentarão de tal modo seu número e capacidade de combate que se tornará possível o emprêgo de unidades militares em nível de companhia, batalhão, regimento, etc. Formar-se-á exército regular. O povo terá então em suas mãos o instrumento mais eficaz para enfrentar seus opressores. Sòmente criando um exército do povo é que se poderá travar combates decisivos pela tomada do Poder. **Assim, será indispensável construir o exército popular.**

7) Para o sucesso da guerra popular é vital a construção de bases de apoio no campo. Estas bases têm caráter estratégico e sem elas é impossível desenvolver a guerra de guerrilhas e construir um poderoso exército popular. Com o fortalecimento e expansão das bases de apoio, as fôrças armadas do povo irão estendendo o cêrco ao inimigo até o seu aniquilamento total.

As fôrças armadas reacionárias possuem suas bases fortemente assentadas nas grandes cidades, enquanto são relativamente fracas no campo. Por sua vez, as forças armadas populares devem construir suas bases precisamente no campo porque aí existe enorme

potencial revolucionário — as massas camponesas — e é onde se encontra muito difundida a economia de subsistência, fato que possibilita uma vida económica e social, em certa medida, autônoma.

A construção de bases de apoio no campo é a garantia fundamental para a preservação e o desenvolvimento das fôrças revolucionárias, a base de sustentação das guerrilhas e do exército popular para uma guerra prolongada, permitindo o estabelecimento de sólidas retaguardas que darão ensejo à formação de quadros, ao descanso da tropa e ao recrutamento de novos combatentes, à acumulação de fôrças, à organização de fontes de suprimentos permanentes, à criação de serviços médicos, etc.

As bases de apoio não poderão surgir de uma hora para outra. Já na preparação da guerra popular, é imprescindível ter em vista zonas propícias à criação de bases de apoio e nelas trabalhar com esta perspectiva. Tais bases serão estabelecidas no próprio curso da luta armada. Os guerrilheiros operarão em áreas determinadas, objetivando sempre construir bases de apoio. Êles terão grande mobilidade, não se apegarão à defesa de territórios, mas não serão jamais grupos errantes. Tendo como função precípua ganhar as massas para a revolução, tratam de lançar raízes profundas entre os habitantes da área em que atuam. Ajudam os trabalhadores do campo a resolver suas dificuldades e os defendem das violências dos jagunços e soldados da reação, procuram despertar sua consciência política e estimulam sua organização para a luta. A medida que se ligam estreitamente à população local, esta se tornará cada vez mais hostil ao inimigo e cada vez mais simpática às fôrças revolucionárias. Com o tempo, aquelas áreas transformar-se-ão em sólidos pontos de apoio da guerra popular. Nelas o poder estará em mãos do povo. **Assim, a guerra popular exigirá a formação de bases de apoio.**

8) As fôrças armadas do povo não podem se propor objetivos imediatos que não tenham condições de atingir. Realizarão combates que lhes serão vantajosos e não aceitarão os que lhes poderão causar danos de certa monta. Mesmo os combates que lhes propiciem

vantagens momentâneas, mas que podem também ocasionar dificuldades sérias ao desenvolvimento da guerra popular, serão evitados. Orientar-se-ão, na primeira fase da luta, pelos princípios da defensiva estratégica, porque são fracas e o inimigo é forte. Êste é que se encontra na ofensiva, pois tem o domínio sôbre o país. A defensiva estratégica não significa, porém, passividade. As fôrças armadas revolucionárias precisam ter o máximo de iniciativa e travar inúmeras lutas, sem contudo pôr em risco a sua própria existência.

Sòmente quando mudar a correlação de fôrças entre os litigantes, isto é, quando os revolucionários se tornarem fortes é que surgirá a fase do equilíbrio de fôrças e, posteriormente, a da ofensiva estratégica, que ocorrerá quando as fôrças populares tiverem adquirido superioridade no terreno militar e estiverem em condições de assestar golpes mortais no inimigo. Mas, ainda assim, é provável que surjam fatôres que alterem a fase do equilíbrio de fôrças ou a fase da ofensiva estratégica, obrigando os combatentes populares a voltar à fase anterior. Isto ocorreria, por exemplo, se fôssem cometidos sérios erros ou se fôrças armadas reacionárias de outros países interviessem com poderosos exércitos expedicionários.

Tudo indica que a fase da defensiva estratégica será a mais prolongada da guerra popular. A tarefa de transformar pequenos grupos de combatentes em exército regular demandará muita luta e bastante tempo. **Assim, para acumular fôrças e adquirir poderio, os combatentes do povo, na primeira fase da guerra popular, terão que desenvolver sua luta no quadro da defensiva estratégica.**

9) Sem uma orientação política justa, a guerra popular não poderá alcançar êxito. Sendo uma guerra das massas, ela deverá expressar as aspirações mais sentidas do povo. Por isso mesmo, seu objetivo primordial é livrar o país do domínio norte-americano, das velhas estruturas que entravam o progresso do Brasil e do atual regime reacionário. Visa a criar um govêrno popular revolucionário que assegure a independência nacional, as liberdades para o povo, a cultura

e o bem-estar para as massas, a terra para os camponeses e o pleno desenvolvimento econômico da nação. Se a luta armada apresentar um programa político que não corresponda à realidade estará condenada de antemão ao fracasso.

Na presente situação, em que predomina odiosa ditadura militar, que se volta não sòmente contra os operários, camponeses e estudantes mas contra todos os cidadãos que não concordam com o regime despótico, a guerra popular deverá desfraldar bandeiras políticas bem amplas e constituir-se realmente na grande esperança da maioria esmagadora dos brasileiros.

A guerra popular, nas áreas onde obtiver a vitória, criará o poder popular e executará seu programa. Acabará com a opressão e dará liberdade às massas. Respeitará os direitos democráticos de todos os cidadãos, exceto dos que se colocarem contra o povo. Atenderá as reivindicações populares e procurará resolver o problema da terra. Mobilizando as massas populares, organizará a vida econômica, política e social da região de acôrdo com os interêsses de seus habitantes. Respeitará a religião e a família. Dentro das possibilidades existentes, desenvolverá a educação, propiciará trabalho para todos e promoverá assistência médica aos necessitados. **Assim, a guerra popular deverá guiar-se por uma política correta.**

Em resumo, o caminho da luta armada apresenta os seguintes aspectos básicos: será uma guerra de cunho popular, travar-se-á fundamentalmente no interior e mobilizará as grandes massas camponesas, será prolongada, deverá apoiar-se em recursos do próprio país, empregará o método da guerrilha em grande escala, forjará o exército popular, estabelecerá bases de apoio no campo. Terá que se orientar, durante muito tempo, pelos princípios da defensiva estratégica e deverá guiar-se por uma política correta.

A guerra popular não é uma concepção estática. Todos os seus aspectos básicos são processos complexos e interdependentes, que estão em permanente movimento. A maneira de encará-los deve partir da idéia de que o pequeno se torna grande, a inexistência dá lugar à existência, a debilidade se transforma em fôrça. A guerra popular não surge inteiramente confi-

gurada. Tem sua fase de preparação e seu começo encerra dificuldades. Muitos dos elementos que a constituem são, no início, simples embriões que irão se afirmando no curso da luta. «A revolução e as guerras revolucionárias — diz Mao Tse-tung — vão do nascimento ao desenvolvimento, do pequeno ao grande, da ausência de poder à tomada do poder, da ausência de Exército vermelho à criação do Exército vermelho, da ausência de bases revolucionárias à criação das bases revolucionárias».

II

APRECIAÇÃO CRÍTICA DE OUTROS CAMINHOS DA LUTA ARMADA

Na elaboração do caminho da luta armada no Brasil, o caminho da guerra popular, também foi levada em conta a experiência de todo um período de erros e acertos das lutas do povo brasileiro, assim como o exame crítico de falsas teorias sôbre a luta armada.

No Brasil, nos últimos 50 anos, foram tentados vários caminhos de luta armada, a fim de conquistar objetivos democráticos e patrióticos de maior ou menor alcance. Os levantes de quartel foram o método mais utilizado. Em 1922-24, militares oriundos da pequena burguesia, expressando descontentamento contra o sistema de govêrno então existente, revoltaram alguns quartéis em diferentes pontos do país. Estas tentativas fracassaram. Em 1931, em Recife e Terezina, ocorreram levantes de quartel, dirigidos por cabos e sargentos. Seu conteúdo era popular e traduzia a insatisfação das massas pobres do povo. Restritos aos quartéis, não conseguiram vingar.

Em 1935, sob a direção da Aliança Nacional Libertadora, eclodiram no Rio de Janeiro, Recife e Natal rebeliões de quartel contra a fascistização do país e por um govêrno popular nacional revolucionário. Estas rebeliões não tiveram caráter estritamente militar, uma vez que surgiram no quadro de um amplo movimento

de massas, antiimperialista e democrática, realizado em todo o país. Foram acontecimentos de importância histórica dos quais se orgulha o movimento revolucionário no Brasil. Mas a insurreição de 1935, apesar de seus lados positivos, circunscreveu-se fundamentalmente à luta em unidades militares e por isso não alcançou êxito.

O levante de quartel que não se baseia na ação das massas, nem se subordina às necessidades do movimento revolucionário, é um método que conduz o povo à passividade. Seguindo êste método, não cabe às massas participar ativamente da luta armada. Elas devem ficar à espera da sublevação vitoriosa dos quartéis. Assim, a realização da luta revolucionária em sua forma mais alta passa a ser obra da conspiração de um pequeno número de pessoas.

Outro caminho da luta armada no Brasil foi o empreendido pela Coluna Prestes, de 1924 a 1927. É uma experiência que deve ser estudada. A Coluna suportou, durante dois anos e meio, no interior do país, a perseguição das fôrças do govêrno, bastante superiores em efetivos e armamentos. Não se deixou derrotar, apesar das enormes dificuldades que arrostou. Mas não conseguiu a vitória. Acabou por internar-se e dissolver-se em território estrangeiro. Demonstrou, desta forma, não ser o verdadeiro caminho da luta armada do povo brasileiro. Palmilhando mais de duas dezenas de milhares de quilômetros, de sul a norte do país, não conseguiu, nem podia conseguir, pelo seu nomadismo, enraizar-se nas populações do interior. Desprezava as massas camponesas e seus objetivos políticos não contribuíam para despertá-las e mobilizá-las. Sem fixar-se em nenhum território, a Coluna Prestes não reunia condições para organizar fôrças armadas capazes de derrotar o inimigo. Tinha uma concepção exclusivamente militar e seu propósito era provocar, sob seu estímulo, levantes de quartel em diferentes pontos do país. Nas atuais circunstâncias, com o desenvolvimento dos meios de comunicação e com o maior emprêgo da aviação como arma de combate, uma guerra realizada nos moldes da Coluna teria possibilidades muito menores de sucesso.

No período do govêrno de Goulart, pugnando por reivindicações democráticas, ocorreu o levante dos sargentos de Brasília, que durou apenas algumas horas. Ainda neste período, sob a influência do reformismo, uma boa parte das massas populares acalentou ilusões em um caminho que se apoiava no chamado dispositivo militar do govêrno. Confiava que os oficiais tidos como democratas e patriotas impediriam a ação golpista dos militares mais reacionários e que, desta forma, o movimento popular avançaria por meio de sucessivas reformas. Mas em março-abril de 1964, apesar do movimento democrático e patriótico contar com a simpatia de oficiais das Fôrças Armadas e, especialmente, de sargentos e marinheiros, não houve qualquer resistência ao golpe militar. O apoio em dispositivo militar de governantes considerados nacionalistas nada tem de revolucionário e é extremamente pernicioso. Coloca as massas a reboque da burguesia, quebra seu espírito de luta e infunde no povo falsas esperanças numa solução pacífica.

Depois de abril de 1964, começou a ser difundida a idéia de que o caminho da luta armada do povo brasileiro seria o preconizado pela teoria do «foco». Esta teoria não tem em conta a situação objetiva, as fôrças de classe em presença e o processo político em curso. É uma concepção voluntarista. Segundo os teóricos do «foco», a guerrilha se desenvolve harmônicamente, «a partir de um núcleo central único», situado em regiões pouco acessíveis e com combatentes provindos das cidades. Êste núcleo cresce até se transformar numa coluna-mestra que, ao atingir 120 a 150 homens, dá origem a outra coluna que, por sua vez, origina mais outra e assim por diante. Sua existência e manutenção dependem fundamentalmente dos centros urbanos. Seu método não tem em vista ganhar as massas para que elas mesmas façam a sua guerra, O «foco», segundo seus defensores, por si só, através de atos heróicos de pequenos grupos, atrai novos combatentes e conduz a revolução à vitória. O partido revolucionário do proletariado é desnecessário. A guerrilha é o próprio partido.

Esta teoria idealista, pequeno-burguesa, tem-se revelado na prática inteiramente falsa. Fracassou no

Peru, Argentina, Bolívia e outros países, apesar do heroísmo e do desprendimento de muitos guerrilheiros que por ela se orientaram. No Brasil, surgiram duas tentativas de luta armada baseadas na teoria do «foco»: a do coronel Jeferson Cardim, no Rio Grande do Sul, e a de um grupo de ex-militares e civis na Serra de Caparaó. Ambas tiveram efêmera duração. A primeira durou alguns dias e foi derrotada. A outra não chegou mesmo a concretizar-se. Há ainda no país grupos políticos que defendem o «foquismo».

A teoria do «foco» conduz à renúncia do trabalho entre as massas e não confia na capacidade destas de assimilar as idéias revolucionárias e de lançar-se à luta. Por isso, a guerrilha baseada no «foco» é alheia às massas e dedica-se quase exclusivamente às ações armadas. O «foquismo» é uma concepção puramente militar da revolução. Seus adeptos não compreendem que a guerra revolucionária envolve três aspectos inseparáveis — o militar, o político e o de massas — e que o aspecto político é o determinante. Não compreendem também que a revolução é obra de cada povo e objetiva a realização de um programa que corresponda às condições objetivas de um dado país. Não pode ser uma revolução continental como querem os «foquistas».

A concepção do «foco» nega a necessidade do Partido, contrapõe a guerrilha ao Partido e defende que o grupo armado é a vanguarda política da revolução. É pois, grandemente nociva. Sem a existência de um partido revolucionário, que prepare e dirija em todos os terrenos, e em âmbito nacional, a luta armada, é impossível alcançar a vitória. A luta do povo contra seus inimigos mortais não se pode reduzir à ação de um grupo armado. É muito mais ampla e multifacética. É simplesmente ridículo negar a necessidade do Partido na realização da luta armada, como faz Fidel Castro, e atribuir, na apresentação do DIÁRIO de Guevara, o fracasso da guerrilha de Santa Cruz à falta de apoio de partidos da Bolívia e da América Latina. Não há contradição alguma entre a guerrilha e o Partido. Esta contradição existe quando se trata de uma organização oportunista. Mas os partidos verdadeiramente de vanguarda são instrumentos indis-

pensáveis à revolução. A negação do Partido é, no fundo, uma forma de se opor à hegemonia do proletariado na revolução em benefício da pequena-burguesia.

A guerra revolucionária exige uma orientação política e uma linha militar justas, uma direção firme, audaz e com capacidade de guiar-se acertadamente em tôdas as situações, com ampla visão política e domínio da arte militar. Reclama um intenso trabalho ideológico entre as massas e, especialmente, entre os combatentes. Nesta guerra, o povo e suas fôrças armadas devem ter alta compreensão política, moral elevada e arreigada consciência patriótica, absolutamente necessárias para enfrentar as dificuldades de uma luta tão difícil e cruenta. Só uma organização identificada com os explorados e oprimidos e que expresse as aspirações nacionais e democráticas, como o Partido Comunista, está em condições de realizar estas tarefas.

Para forjar a união do povo, elemento básico da guerra revolucionária, e para levar a cabo a mobilização permanente das massas do campo e das cidades, não se pode prescindir de uma organização política que, por sua concepção e objetivos, esteja a serviço da unidade do proletariado e da aliança operário-camponesa, aliança em tôrno da qual se aglutinarão tôdas as demais fôrças progressistas. Esta organização é o Partido Comunista.

É evidente, pois, que não será pelos falsos caminhos de levantes de quartel, de colunas errantes, de apoio em dispositivo militar de govêrno ou da chamada teoria do «foco» que o povo brasileiro conseguirá a sua libertação. Êle terá de recorrer a outros métodos para derrotar seus inimigos. O método que corresponde à realidade e às exigências da revolução brasileira é o da guerra popular.

IV

SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA GUERRA POPULAR

Como todo fenômeno na sociedade e na natureza, a guerra popular tem seu início, seu desenvolvimento e seu fim. Cada aspecto deste processo único diferencia-se do outro e tem suas particularidades.

O início da guerra popular não pode ser um ato voluntarista desta ou daquela corrente política. Na realidade, surge numa determinada situação em que se torna necessária a passagem da fase da luta de massas não-armada para a fase da luta armada de massas. Em tal situação, o trabalho consciente da vanguarda desempenha um papel muito importante, tanto no que respeita à indicação de um rumo acertado, como no referente à ação prática orientada no sentido da passagem de uma fase à outra. Nesta questão é sumamente falsa qualquer posição espontaneísta.

«Teóricos» da Escola Superior de Guerra e enfatuados generais do Conselho de Segurança Nacional afirmam que a guerra revolucionária é uma criação artificial, fruto da conjura de grupos radicais ou dos manejos diabólicos de «extremistas». E vão mais longe. Declaram que se trata de conspiração urdida no exterior. Em sua estupidez e ignorância, são inca-

pazes de perceber que o irrompimento da guerra revolucionária resulta de processos internos, obedece a leis objetivas.

A revolução é produto do agravamento das contradições de classe da sociedade. E avança, como dizia Marx, pelo fato de que cria uma contra-revolução forte e unida, isto é, força o inimigo a recorrer a meios de defesa cada vez mais violentos o que obriga a revolução, por isso mesmo, a elaborar meios de ataques cada vez mais potentes.

O início da luta armada é processo que demanda soluções justas e adequada preparação política e militar. Relaciona-se diretamente com a questão de que os primeiros grupos de combatentes são débeis, enquanto o inimigo é forte. As fôrças da reação intensificam seus esforços para impedir o surgimento da luta armada ou esmagá-la no nascedouro. Dêste modo, para os revolucionários não se trata apenas de começar as ações armadas. A sobrevivência e o desenvolvimento dos grupos combatentes constituem problema vital.

Mesmo que a situação esteja madura, impõe-se que os combatentes tenham forjado sólidos vínculos com as massas da região e saibam formular suas reivindicações, conheçam perfeitamente o terreno em que vão atuar e que êste, por suas condições geográficas, seja favorável às fôrças revolucionárias e desfavorável às do inimigo. É necessário também que se tenham preparado física e moralmente para a luta.

O início da guerra popular não é algo que apresente obstáculos intransponíveis. Existem motivações diversas para o desencadeamento da luta armada no campo. Pode ser resultado da luta popular contra injustiças e arbitrariedades; consequência do movimento de massas no interior por suas reivindicações específicas; fruto da luta política que envolve todo o país; decorrência da ação de grupos de propagandistas armados.

No interior, são comuns as violências contra as pessoas simples. Qualquer soldado de polícia comete as maiores tropelias. Jagunços a serviço de grileiros incendeiam casas, maltratam seus moradores e matam posseiros. São frequentes os espancamentos e

assassinatos de camponeses por latifundiários e seus capangas. As autoridades policiais roubam descaradamente objetos, armas e dinheiro de trabalhadores. Muitos dêstes fatos acarretam grande indignação entre as massas. No entanto, quando surge resistência a tais desmandos ela se limita a certas ações individuais ou de grupos desorganizados. Os que assim procedem quase sempre são encarcerados ou obrigados a fugir da região. Mas esta resistência pode ser feita de maneira organizada. É o que mostra o recente exemplo de Guairacá, no Estado do Paraná. Elevando-se o nível de consciência das massas, é possível mobilizá-las para resistir a tôdas as violências contra elas praticadas. Por isso, torna-se necessário formar grupos clandestinos que sejam o braço armado do povo e tomem medidas apropriadas contra os achacadores, opressores e carrascos. Êstes grupos têm possibilidade de se transformar, nos choques com as fôrças repressivas, em destacamentos guerrilheiros.

As populações interioranas vivem no mais completo desamparo, não têm assistência médica, não contam com escolas em número suficiente e seus meios de transporte são bastante precários. Seus direitos são esbulhados e seus interêsses feridos. É muito sentida a destituição arbitrária de certos prefeitos amigos do povo ou a perseguição odiosa a sacerdotes, médicos e professores estimados pelas massas. Os camponeses são espoliados nos preços dos seus produtos. Muitas vêzes os latifundiários e seus prepostos não pagam aos trabalhadores do campo. Em tôrno de questões como estas, podem ser deflagradas sérias lutas. Quanto mais firmes forem estas lutas, mais a reação se encarniçará. Tais movimentos de massas, bem conduzidos, podem evoluir para choques armados, o que, por sua vez, reclama a formação de grupos de combate.

Também a luta armada pode surgir no interior em vinculação com problemas que afetam a todo o país. O ódio contra a ditadura e o imperialismo norte-americano estende-se até as regiões mais longínquas. As massas do interior condenam repetidamente a política antipopular do govêrno, em particular os pesados impostos que recaem sôbre os produtores agrí-

colas. Repelem as perseguições a conhecidos políticos de projeção nacional ou a elementos de prestígio local. Os militares são repudiados pelas massas rurais que vêm nêles a imagem da opressão e do arbítrio. O açambarcamento de vastíssimas áreas de terra pelos norte-americanos é motivo de preocupação dos homens do interior que sentem neste fato grave ameaça à integridade do país e expansão do latifúndio em mãos de estrangeiros. Dêste modo, a bandeira de luta contra a ditadura e o imperialismo norte-americano pode atrair as massas para a luta armada no campo. Isto se tornará ainda mais viável à medida em que nas cidades se intensificarem os choques das massas populares com o govêrno ditatorial.

A luta armada pode começar, igualmente, pela acção de grupos de propagandistas armados. Para mobilizar as massas do interior e elevar sua consciência política, a propaganda revolucionária desempenha destacado pepel. Mas esta propaganda não pode ser realizada facilmente. Nas condições de ditadura em que vive o país, a menor agitação feita entre as massas leva o inimigo a investigar e a deter os que a realizam. Daí porque a propaganda revolucionária no interior terá que ser, em boa parte, levada a efeito por elementos capazes de se defender da perseguição dos reacionários. Os propagandistas devem conhecer bem a região e seus habitantes e estar em condições de não se deixar prender ou aniquilar. Seu objectivo principal é despertar as massas para a defesa de seus interesses, ajudá-las a organizar-se, ganhá-las para a idéia da guerra popular e, de uma ou outra forma, incorporá-las à luta revolucionária. Esta actividade inevitavelmente atrairá sobre eles a sanha do inimigo que procurará destrocá-los. Defendendo-se, os propagandistas acabarão entrando em choques armados com as forças repressivas.

Desta forma, a luta armada poderá surgir de distintos motivos e em vários pontos do Brasil do interior. Em seu começo, as acções armadas têm em vista infundir maior confiança às massas em suas forças, aumentar sua capacidade de luta e ajudá-las a compreender a necessidade de apelar para as armas como o único meio de conquistar uma vida melhor.

Pouco a pouco, com os êxitos e as experiências obtidos, a luta armada irá se estendendo a diferentes áreas. Chegará a ocasião em que, devido ao fortalecimento das forças revolucionárias a à dispersão e ao debilitamento do inimigo, a guerra popular se travará não só nas regiões mais distantes, mas também em áreas próximas dos grandes centros. Sem recursos materiais e humanos para ocupar a vastidão do território brasileiro, as forças da reacção não poderão estar em toda parte. Ver-se-ão acossadas e golpeadas por todos os lados. Então, a luta armada do povo adquirirá novo nível e se travarão combates de maior envergadura.

Embora o interior seja o cenário onde deverá surgir a luta armada, não está excluída a possibilidade de que se verifiquem choques armados nas cidades. A ditadura torna-se cada vez mais brutal e a indignação das massas nos centros urbanos, diante da violência dos militares, aumenta sem cessar. Em tais circunstâncias, as explosões populares serão inevitáveis. Já no ano passado, com o assassinato do estudante Edson Souto, grandes massas na Guanabara, Brasília, Salvador, Fortaleza, São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba realizaram poderosas demonstrações de rua que puseram em pânico as forças da reacção. Agora, com as novas investidas da ditadura, estas explosões tendem a adquirir um carácter bem mais radical. Numa ou noutra cidade, o impulso do movimento de massas pode transformar-se em revolta generalizada. Como são poucas as possibilidades de as forças revolucionárias manter-se nas cidades, elas se empenharão numa resistência organizada e devem estar preparadas para retirar-se para o interior, quando suas posições tornarem-se insustentáveis. Também não se deve descartar a hipótese de que venham a ocorrer choques armados nas cidades entre bandos das classes dominantes na disputa pelo domínio do governo. Neste caso, as forças revolucionárias devem aproveitar a oportunidade para armar-se e organizar-se como força militar independente, fazer intensa propaganda revolucionária e, quando a situação exigir, deslocar-se para as regiões mais propícias ao desenvolvimento da luta armada.

Seja qual for a motivação para desencadear a luta armada no interior, ela se apresentará no início sob a forma de guerra de guerrilhas. Esta guerra precisará ter carácter organizado. Deverá contar sempre com uma firme liderança política e militar e com um trabalho político-ideológico permanente. A guerrilha precisa contar com homens firmes e de grande lealdade ao povo, com consciência revolucionária e confiança em si mesmos, que sejam perseverantes, tenham certo conhecimento de organização, capacidade de ligar-se às massas e vigilância contra a atividade desagregadora do inimigo. O espontaneísmo e a indisciplina são incompatíveis com os grupos guerrilheiros que devem ser homogênaos e de grande poder combativo. «Destacamentos guerrilheiros indisciplinados não podem absolutamente almejar a vitória» (Mao Tse-tung). A disciplina na guerrilha, ainda que se diferencie radicalmente da que é imposta no Exército da reação, por ser voluntária e consciente, deve ser inflexível. As ordens emanadas do comando deverão ser cumpridas incondicionalmente.

Em todas as oportunidades, o guerrilheiro prestará ajuda ao povo, jamais causará qualquer dano aos bens das massas. Atenderá com desvelo os feridos e estabelecerá adequadas relações com os prisioneiros. A fraternidade deverá presidir as relações entre os membros da guerrilha, que precisarão estar sempre prontos a ajudar seus companheiros, não só durante os combates como também nos períodos em que não se confrontam directamente com o inimigo. O guerrilheiro procurará aprefeiçoar-se no manejo das armas, tiro, engenharia militar, passagem de obstáculos, organização de acampamentos, conhecimento do terreno, orientação nas marchas, eliminação dos rastos e cuidará de sua educação política e ideológica. Seu preparo físico deverá merecer particular atenção.

A guerrilha é uma forma de luta das massas. É a força armada das massas na luta em defesa de suas reivindicações específicas e dos interesses da maioria da Nação. Em sua actividade, os grupos guerrilheiros devem reflectir a vontade dos habitantes da região em que operam. Combatem as injustiças, as arbitrariedades e as violências contra o povo. A guerrilha terá

conteúdo de massas e objectivos políticos claros. Mesmo se tiver tais objectivos e estes não corresponderem aos interesses e sentimentos da população, ela não contará com seu apoio e terminará por ser destruída. Esta é a razão pela qual a guerrilha é uma forma de luta que só pode ser empregada com êxito por forças revolucionárias.

Os grupos guerrilheiros incursionarão contra o adversário, perturbarão sua formação, martelarão seus flancos e pontos débeis e realizarão sabotagem na retaguarda — tudo com o fim de confundir, conter e desorganizar o inimigo, tendo como objectivo retardá-lo, desgastá-lo, desmoralizá-lo e, finalmente, derrotá-lo.

A fase inicial será a mais difícil para a guerrilha. O inimigo tem condições de concentrar grandes efectivos militares com o propósito de tentar esmagar os primeiros grupos guerrilheiros. Tratará de apagar o fogo antes que este se estenda. A guerrilha sobreviverá se tiver apoio das massas e grande mobilidade para impedir o cerco. Deve saber ocultar-se, cortar contacto com o inimigo e romper o cerco quando isto acontecer. Terá de contar com refúgios seguros.

No início, a preocupação dos guerrilheiros será menos a de travar combates repetidos com o inimigo e mais a de fazer propaganda revolucionária entre as massas, despertar nelas a consciência dos seus direitos e o ânimo de luta contra os opressores. Ao realizar golpes de mão, sabotagem e emboscadas o farão da maneira mais rápida e eficaz possível. Actos desta natureza podem ser feitos em apenas alguns minutos e a retirada deve ser imediata. Nos ataques ao inimigo, é necessário ter sempre superioridade absoluta em homens a fim de cercá-lo e aniquilá-lo. Em toda acção armada, é indispensável estabelecer previamente um plano que inclua a maneira de enfrentar as eventualidades, em particular o modo de retirar e o local de reencontro dos guerrilheiros. Muita atenção precisam merecer as tentativas de contra-emboscada do inimigo, que também procurará utilizar formas de luta da guerrilha. Por isso, os guerrilheiros devem estar prevenidos, evitar os caminhos e locais que favoreçam este tipo de acção militar e informar-se bem sobre os movimentos do adversário.

Em qualquer fase da guerra de guerrilhas, como da guerra popular em seu conjunto, é de extrema valia a existência de um serviço de informação. Especialmente no estágio inicial, quando há profunda desigualdade de forças entre os beligerantes, a informação assume importância decisiva para a parte mais fraca, no caso, a representada pelos combatentes populares. O êxito e a sobrevivência das forças armadas revolucionárias dependerá, em boa parte, de um bom serviço de informação, capaz de fornecer dados sobre os movimentos e planos do inimigo. A fonte principal de informação para a guerra popular é o povo.

V

A GUERRA POPULAR TERÁ QUE DERROTAR OS INIMIGOS DO POVO

Os principais inimigos do povo brasileiro, que ele terá de vencer na guerra popular, são os imperialistas norte-americanos e as forças reacionárias internas, entraves ao desenvolvimento da Nação. Para manter seu domínio sobre o país, estes inimigos apoiam-se fundamentalmente nas Forças Armadas. Sem destroçá-las completamente o povo não poderá livrar-se do jugo imperialista e do regime retrógrado vigorante no Brasil. Do ponto de vista militar, a guerra do povo terá que se defrontar com as atuais Forças Armadas e, posteriormente, com tropas norte-americanas que, inevitavelmente, virão em seu socorro.

As Forças Armadas, assessoradas e equipadas pelos Estados Unidos, hoje, não estão mais voltadas para a defesa do país face a uma agressão externa. Sua doutrina militar, seu sistema de treinamento, suas repetidas manobras objectivam a reprimir as lutas do povo e a preparar tropas para combater a guerra popular. As teses básicas da teoria militar ensinada na Escola Superior de Guerra e nas Escolas de Estado-Maior consideram «que se acabou a época em que prevaleciam os exércitos convencionais voltados para a fronteira, para a defesa do país de uma guerra clássica, acadêmica». Sob a directa orientação do Pentágono,

as Forças Armadas engendraram a chamada política de Segurança Nacional, à qual subordinam toda a actividade do governo.

Particularmente depois do golpe do primeiro de abril, as três Armas intensificaram seus preparativos para reprimir os movimentos populares. A construção de aeroportos nas regiões mais distantes, a abertura de comunicações entre zonas longínquas não visam a favorecer o povo. São parte de um plano para esmagar as lutas das massas.

O Exército vem-se dedicando à formação de tropas de elite especializadas no combate à guerra de guerrilhas, sobrevivência na selva, travessia de raios por processos improvisados e aumentou o poder de fogo de elementos isolados. Organizou em Manaus um curso para formar militares especialistas na luta contra a guerrilha. Grande número de oficiais e sargentos estudou e treinou nos centros norte-americanos de instrução militar antiguerrilheira.

A Aeronáutica reorganizou suas unidades de vôo e adaptou grande parte de seu equipamento às necessidades das acções contra a guerra de guerrilhas. Criou o PARASAR, tropa de choque antiguerrilheira e também com a missão de reduzir actos terroristas nos centros urbanos. Comprou aviões e helicópteros destinados àquele tipo de acções. Adestra numerosos oficiais e sargentos para combater os movimentos populares, tanto nas cidades como no campo.

A Marinha, de igual modo, procura se adaptar ao combate às guerrilhas. A chamada Operação Unitas, realizada conjuntamente pelas esquadras de vários países da América Latina e navios de guerra norte-americanos, é manobra naval que serve ao treinamento da marinheiragem para a guerra convencional e para a luta antiguerrilheira. Os Fuzileiros Navais preparam-se principalmente para levar a efeito operações de guerra contra levantes populares.

Nos quartéis, ensina-se actualmente diversas técnicas de dispersão de manifestações de rua e mesmo de liquidação física de manifestantes. As Polícias Militares, sob o comando de oficiais do Exército, especializam-se no combate às demonstrações de massas

nas cidades e na repressão aos movimentos camponeses. O general Meira Matos, que se celebrizou como serviçal dos militares ianques quando comandou tropas brasileiras em São Domingos, afirmou que as Polícias Militares devem estar «prontas para as chamadas missões repressivas quando lhes cabe a dissolução e o contrôle de tumultos e distúrbios e também, a defesa de pontos sensíveis em áreas urbanas ou rurais».

As Forças Armadas estão, deste modo, em guerra contra o povo. No momento, sua função principal é reprimir as massas populares. Agem como se estivessem empenhadas em acções militares de envergadura.

O que mais temem os comandos das Forças Armadas é o surgimento da guerra popular. Para impedí-lo criaram um vasto aparelho de informação e espionagem. Sob a supervisão do SNI e dos Serviços Secretos do Exército, Marinha e Aeronáutica, funciona toda uma rede de agentes que actuam nas Juntas de Recrutamento, Mesas de Rendas, Coletorias, Prefeituras, Campanha de Erradicação da Malária e em outras repartições públicas. Além disto, as Forças Armadas realizam infiltração e espionagem entre os estudantes, professores, intelectuais e também nos meios oposicionistas. Procuram colocar informantes no movimento operário, camponês e nas organizações de partidos revolucionários.

Ultimamente, os serviços secretos das Forças Armadas, em colaboração com a CIA, têm fomentado alguns actos de terrorismo e assaltos a bancos. Em várias destas acções foram mortas pessoas simples do povo. Aqueles serviços tratam de atribuir os crimes que praticam às forças revolucionárias, objetivando incompatibilizá-las com a opinião pública.

A par destas actividades das Forças Armadas, os imperialistas norte-americanos também tomam no Brasil medidas destinadas a combater a guerra popular. A CIA montou extenso sistema de informação em todo o país e coopera estreitamente com os serviços secretos das Forças Armadas na repressão ao movimento patriótico e democrático. Sob o rótulo de Voluntários da Paz, agentes ianques fazem levantamentos militares em vastas zonas do país. Em regiões longínquas, gru-

pos de norte-americanos têm «fazendas» com pistas de aviação, estações de rádio, depósito de armas e até serviços médicos.

As Forças Armadas da reacção, porém, não são tão fortes como procuram aparentar. Ao contrário, são bastante vulneráveis. A causa que defendem é repudiada pela esmagadora maioria da nação. Seu moral é alicerçado em princípios antidemocráticos e antinacionais. Não resistirá aos embates de uma guerra popular. Os soldados são oriundos do povo e não pensam do mesmo modo que os generais fascistas. Boa parte deles não está disposta a dar sua vida para manter a infame ditadura que humilha o Brasil e serve aos monopolistas ianques. Também sargentos e alguns oficiais são sensíveis à luta patriótica. Isto dá ensejo a que, no curso da guerra popular, elementos isolados e até mesmo unidades das Forças Armadas sejam neutralizados ou ganhos para o campo da revolução. Numa luta encarniçada, as Forças Armadas tendem à desagregação e não terão grande combatividade. Sua tradição militar é quase nula. Empenharam-se pouquíssimas vezes em renhidos combates. Nos últimos anos, dedicaram-se especialmente a prender, espancar e torturar presos, manifestação evidente de extrema covardia.

A guerra popular derrotará as Forças Armadas. Mesmo que os generais conheçam os métodos da guerra popular e adestrem numerosas tropas para esmagá-la, eles não poderão vencê-la. Marcharão inexoravelmente pelo mesmo rumo de todos os reacionários: oprimir o povo, agredí-lo e ser por ele derrotados.

O inimigo acabará afogado no oceano da guerra popular. A chama da luta revolucionária, ainda que acesa em lugares distantes, infundirá novas esperanças a milhões de brasileiros que se mostrarão desejosos de incorporar-se, de corpo e alma, a uma luta que é sua e pela qual estarão dispostos a derramar seu sangue. Setôres cada vez mais amplos das massas irão se juntando aos combatentes da guerra popular. Todo patriota terá um papel a cumprir. Enquanto uns lutam de armas nas mãos, outros ocupam-se de diferentes tarefas.

Ao deslocar suas tropas para regiões longínquas, o Exército terá suas linhas de comunicações e abastecimento atacadas em toda a extensão de seu percurso pela acção dos patriotas. Aparecerá sempre, no silêncio da noite, quem erga obstáculos na estrada, quem dispare uma mina no caminho, quem destrua uma ponte, quem ateie incêndio em depósitos de combustíveis e alimentos do inimigo, quem dê uma informação errada que o desnorteie, quem realize ataques de surprêsa.

Todas as pequenas cidades do interior, vilas, vilarejos, patrimônios e fazendas criarão seus grupos de acção, organizados com pessoas capazes de realizar as mais diversas missões. Actuando na clandestinidade, constituirão verdadeiro pesadelo para as forças reacionárias e seus aliados dos Estados Unidos. Eliminarão Voluntários da Paz, militares norte-americanos disfarçados e agentes da CIA que lá se encontrarem. Destruirão estações de rádio, depósitos de armas e demais instalações pertencentes aos ianques. Mas os perseguidos pela reacção, os feridos e combatentes a serviço do povo encontrarão naqueles povoados ajuda e apoio.

As montanhas e as florestas, as quebradas e os capões de mato, as grutas e as plantações mais densas, abrigarão os heróicos guerrilheiros, protegidos pela simpatia e vigilância das massas .

As cidades criarão também seus grupos de autodefesa para proteger as manifestações de massa, os quais, no processo da guerra popular, atingirão pontos nevrálgicos do inimigo, organizarão acções de fustigamento e trabalho diversionista. Mas suas acções em nada serão semelhantes aos actos terroristas actualmente realizados nas grandes cidades. Dirigir-se-ão contra a força militar do inimigo e contra tudo que lhe serve de apoio.

Simultâneamente com as acções armadas, se desenvolverão as lutas de massas nas cidades e no interior. Milhares e milhares de operários, estudantes, assalariados agrícolas, camponeses, donas de casa e intelectuais erguerão suas vozes reivindicando seus direitos e protestando contra a ditadura. Poderosas greves, ocupações de fábrica e demonstrações de rua assestarão golpes nos inimigos do povo. As lutas das massas

urbanas contribuirão para reter nos grandes centros enormes contingentes das forças reacionárias, ajudando com isto os que combatem no campo.

E, na grande contenda da guerra popular, o povo brasileiro irá se unindo cada vez mais, forjando a união de todos os patriotas pela independência, o progresso e a liberdade. Os operários e camponeses, a parte mais sofrida da população, numa aliança indestrutível, constituirão a base desta união. Dela participarão os mais amplos setores populares, todos os brasileiros que não compactuam com a ditadura nem querem ser lacaios dos imperialistas ianques.

Empunhando as armas, o povo brasileiro acabará derrotando as forças armadas da reacção. «A experiência da luta de classes na época do imperialismo — diz Mao Tse-tung, o maior marxista-leninista da actualidade — nos mostra que a classe operária e as massas trabalhadoras não podem vencer as forças armadas da burguesia e dos grandes latifundiários senão pelos fuzis. Neste sentido, pode-se dizer que não é possível transformar o mundo senão com o fuzil».

VI

TAREFA DE TODO O PARTIDO

Não foi subitamente que o Partido chegou à actual compreensão do caminho da luta armada. Ao se reorganizar, em fevereiro de 1962, tinha como centro de suas preocupações o combate irreconciliável à linha pacífica defendida pelos revisionistas. Intensa foi sua propaganda em favor da solução violenta. Em agosto de 1964, analisando as causas da derrota do primeiro de abril, o Partido deu um grande passo na elaboração do caminho da luta armada. Indicou que a questão camponesa é o problema-chave da revolução; que o imperialismo norte-americano é o principal inimigo do povo; que a frente-única nacional e democrática adquiriu carácter bastante amplo; que a direcção do movimento democrático antiimperialista tem que estar nas mãos do proletariado. E salientou o papel das Forças Armadas como o instrumento principal de repressão das classes dominantes. Na VI Conferência Nacional, em 1966, o Partido definiu o caminho da luta armada como o da guerra popular e estabeleceu seus princípios mais gerais. Traçou a tática política cuja essência é a preparação e o desencadeamento da guerra popular. Nas Resoluções do Comité Central de novembro de 1967 e de maio do ano passado, o Par-

tido refutou a teoria do «foco», destacou a missão das cidades na luta revolucionária e explicou a justa relação entre o movimento armado no campo e a luta nos grandes centros urbanos.

Agora, o Partido formula, de maneira mais completa, sua concepção sobre o caminho da luta armada no Brasil. O estudo das obras de Mão Tse-tung sobre a guerra revolucionária serviu de guia na elaboração deste caminho.

Consciente de sua missão, o Partido Comunista do Brasil deve, mais e mais, trabalhar tendo em vista a guerra popular. Sendo esta uma tarefa de todo o povo é, em especial, uma tarefa de todo o Partido. Não é trabalho exclusivo de alguns setores partidários ou, como pensa o inimigo, de alguns especialistas. Todos os membros do Partido precisam actuar em função da guerra popular.

A essência da estratêgia do Partido, definida em seu Manifesto-Programa, é a conquista de um governo popular revolucionário através da luta armada, da guerra popular. A este objectivo subordina-se a táctica do Partido expressa na política de união dos patriotas, concentração dos ataques no imperialismo ianque e na ditadura militar, acções de massas cada vez maiores nas cidades e no campo, primazia para o trabalho no interior e utilização de todas as formas de luta, preparação e desencadeamento da luta armada que é a essência desta táctica. Toda a actividade partidária é regida por esta orientação. Tudo quanto realizarem os militares precisa ligar-se, directa ou indirectamente, a esta finalidade. O Partido trabalha nas cidades e no campo, entre os operários e os camponeses, entre os estudantes e os intelectuais, de forma aberta ou clandestina, faz propaganda em círculos limitados e agitação de massas, recruta novos membros e organiza suas fileiras. Qualquer que seja o tipo de trabalho do Partido ou o lugar em que ele se realize, seu conteúdo fundamental será sempre a preparação e o desencadeamento da guerra popular.

Assim, nas cidades os comunistas participam activamente do movimento de massas e o fazem tendo em vista ampliar e radicalizar as lutas, desmascarar

a ditadura e ajudar o povo a avançar para novas posições revolucionárias. Cada luta em que se empenhem serve para elevar a consciência política das massas, reforçar a sua organização, difundir a idéia da guerra popular. Por isso, combatem as tendências conciliadoras e o amainamento da luta. Opõem-se igualmente ao aventureirismo que desgasta as forças revolucionárias e as isolam das grandes massas. Especial atenção os comunistas devem dar ao trabalho entre a classe operária. A movimentação cada vez maior do proletariado por suas reivindicações e contra a ditadura, ao mesmo tempo em que se desenvolve a luta no campo, ajuda a constituir a aliança operária-camponesa e contribui para criar condições favoráveis à guerra popular. As greves dos trabalhadores, assim como as demonstrações estudantis, são factor de primordial importância para acelerar a desintegração do actual regime.

Desde a sua VI Conferência Nacional, o Partido indicou ser necessário transferir o centro de gravidade de seu trabalho para o campo. Esta é uma questão decisiva, considerando-se que a guerra popular se desenrolará fundamentalmente no interior e terá nos camponeses a massa principal dos combatentes. Intensificar o envio de militantes para as áreas rurais é um imperativo para o partido que tem em vista a preparação e o desencadeamento da guerra popular. Para lá deve ir o maior número de militantes, que sejam combativos, abnegados e com capacidade de ligar-se às massas, pessoas que se disponham a viver de facto no interior, a integrar-se na população rural, a defender ardorosamente os interêsses dos homens do interior são superadas quando se tem consciência de que é preciso fazer a revolução e servir o povo.

Os comunistas têm ainda pouca experiência de trabalho no campo. Por isso mesmo, modestamente, devem aprender com as massas do interior e procurar compreender seus usos, hábitos, moral, modo de pensar e agir. Não podem proceder à maneira das grandes cidades e muito menos querer impor seus costumes e as regras de comportamento próprios dos grandes centros urbanos. Apesar do atraso em que vivem, as

massas do interior sabem o que querem e dão soluções adequadas à realidade local. Neste sentido, muitas coisas podem ensinar ao homem da cidade.

É necessário cuidar atentamente da construção do Partido no interior. A criação de organismos partidários no campo é uma garantia para o cumprimento de sua tarefa básica de preparação e desencadeamento da guerra popular. Em toda parte — nas fazendas, concentrações de assalariados agrícolas, zonas de posseiros, povoados, vilarejos e cidades ligadas ao campo — faz-se mister a organização de células do Partido.

O aumento das fileiras comunistas nas cidades também é indispensável. Quanto mais forte for o Partido nas cidades, maior será a sua capacidade de mobilização das massas e maior o número de quadros que terá a sua disposição para realizar o trabalho revolucionário nas zonas urbanas e rurais.

É preciso estender sempre mais a influência do Partido entre as amplas massas. A difusão em grande escala de seus materiais e documentos é uma forma de ampliar esta influência. Eles transmitem as idéias revolucionárias, indicam a justa solução para os problemas do povo. Cabe ao Partido explicar às massas o caminho da guerra popular. Ajudá-las a assimilar o método da guerra popular, a fim de que elas possam tomar a iniciativa e aplicá-lo na luta contra seus opressores.

A necessidade, cada vez mais premente, de fazer a guerra popular coloca novas e maiores responsabilidades para os comunistas que precisam dominar e aplicar a linha política e estudar a arte militar. O Brasil atravessa uma situação em que todo verdadeiro democrata e patriota não pode fugir ao dever de tudo realizar em favor da derrubada da ditadura e da liquidação do domínio ianque no país. Cada comunista é um soldado da revolução e pode ser convocado para quaisquer tarefas, inclusive a da luta armada. O militante comunista organiza a sua vida em função dos interesses do povo, livra-se de tudo que possa criar dificuldades insuperáveis ao seu trabalho revolucionário.

* * *

Será extremamente dura a luta armada em que se empenhará o povo brasileiro, mas representará o período mais glorioso da História do Brasil. A vitória desta luta abrirá radiosos horizontes à nação e terá dias de felicidade e bem-estar para as grandes massas. O povo recorrerá à guerra popular porque não se resigna a viver como escravo e aspira a derrotar a ditadura. «Na guerra revolucionária — escreveu Lin Piao — o sacrifício de um pequeno número de pessoas é recompensado com a segurança de toda a Nação, de todo o país e até de toda a Humanidade. E à custa de sofrimentos temporários se alcançará uma paz e uma felicidade duradouras e mesmo para sempre. A guerra tempera o povo e faz a História avançar. Pode-se dizer, neste sentido, que a guerra é uma grande escola» (*).

A luta de libertação no Brasil é parte da luta comum de todos os povos contra a santa aliança dos imperialistas norte-americanos, dos revisionistas soviéticos e dos reacionários de todos os países. As acções revolucionárias que se desenvolvem na Ásia, África e América Latina são um apoio e um estímulo para o povo brasileiro. Cada golpe desfechado pelas massas populares naqueles inimigos, em qualquer parte dos cinco continentes, ajuda os que no Brasil levantam bem alto a bandeira da emancipação nacional. A firme posição da China Popular, alvo principal do criminoso conluio soviético-norte-americano, é a mais valiosa contribuição a todos os que combatem o imperialismo ianque. Constitui também importante ajuda aos revolucionários a atitude consequente da República Popular da Albânia diante dos imperialistas e dos revisionistas. Ao realizar a guerra popular, o povo brasileiro contará com inúmeros e poderosos aliados no campo internacional.

(*) Esta referência do P. C. do Brasil a Lin Piao é anterior ao complot por ele urdido contra o P. C. da China e contra Mao Tse-tung. Posteriormente à morte do renegado revisionista Lin Piao **A Classe Operária**, órgão do C. C. do P. C. do Brasil, pronunciou-se contra a sua traição (N. E.).

Nas actuais condições do mundo, a guerra popular é o caminho provado de que dispõem os povos oprimidos para alcançar sua libertação. Já demonstrou sua eficiência na China, Vietnã e outros países. Trilhando por este caminho, os brasileiros descortinarão as mais promissoras perspectivas de vitória. O povo passará por provas difíceis, terá de fazer ingentes sacrifícios, perderá muitos de seus melhores filhos. Mas aprenderá com a vida o manejo das armas, aprenderá a arte de combater, acabará dominando com maestria o método da guerra popular.

Que os militares fascistas e os imperialistas ianques espumem de ódio! A guerra popular será uma realidade. E o povo vencerá!

Rio de Janeiro, janeiro de 1969.

O COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO
COMUNISTA DO BRASIL

ATITUDE FIRME E CONSEQUENTE

(Mensagem do Partido Comunista do Brasil à Albânia)

Ao Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia

Ao prezado camarada Enver Hodja

O Comité Central do Partido Comunista do Brasil congratula-se entusiasticamente com o Partido do Trabalho da Albânia e, por seu intermédio, com o heróico povo albanês pela oportuna e corajosa resolução de romper em definitivo com o Pacto de Varsóvia. Esta resolução expressa firmeza e consequência na luta contra o revisionismo contemporâneo. Eleva ainda mais o prestígio da República Popular da Albânia em todo o mundo.

O Pacto de Varsóvia mostrou ser um instrumento de agressão e escravidão a serviço da camarilha de renegados que governa a União Soviética. Concebido, em 1955, como um meio de defesa dos povos socialistas da Europa, transformou-se, pouco a pouco, em perigosa arma nas mãos dos dirigentes revisionistas russos para fazer chantagens e dominar outros povos. Foi em nome deste Pacto que os fascistas de Moscou

mobilizaram suas tropas e de seus aliados para invadir pèrfidamente a Tchecoslováquia.

A República Popular da Albânia, um dos países signatários do Pacto de Varsóvia, teve a valentia e o grande mérito de combater, desde há muito, as mudanças que se vinham operando no carácter deste tratado militar. Não deixou de desmascarar, em todas as oportunidades, a natureza anti-socialista que esse Pacto adquiria. Os últimos acontecimentos da Tchecoslováquia comprovaram a justeza e a sabedoria da posição do Partido do Trabalho da Albânia, dirigido por uma das mais destacadas figuras do movimento comunista mundial, o camarada Enver Hodja.

A decisão agora adoptada pelo Governo Albanês, formalizando a rutura total com o Pacto de Varsóvia, assesta novo golpe nos planos contra-revolucionários dos revisionistas soviéticos e marca, nitidamente, a diferença entre um país verdadeiramente socialista, como a Albânia, e os países dominados pelos revisionistas, que se submetem aos ditames dos governantes da URSS ou capitulam covardemente diante deles. Que enorme diferença entre os dirigentes albaneses, altivos, decididos a defender bravamente, junto com os operários, camponeses e intelectuais, a independência e a soberania nacionais, e os dirigentes tchecoslovacos, amedrontados, desmoralizados, incapazes de opor qualquer resistência aos invasores de seu país! Com a razão do seu lado e imbuída de elevado espírito revolucionário, a pequena Albânia, com seu povo unido e disposto à luta, não teme as ameaças dos imperialistas soviéticos, seus tanques e suas armas nucleares. Contando com a solidariedade dos povos de todo o mundo e, em particular, com a ajuda fraternal do glorioso povo chinês, a Albânia socialista derrotará qualquer tentativa de agressão estrangeira.

O Comité Central do Partido Comunista do Brasil, certo de expressar os sentimentos patrióticos e internacionalistas dos revolucionários brasileiros, dá a sua mais firme solidariedade e caloroso apoio ao Partido do Trabalho da Albânia, exemplo de partido mar-

xista-leninista, e compromete-se a intensificar mais e mais sua luta contra o revisionismo contemporâneo e os imperialistas dos Estados Unidos.

Viva a República Popular da Albânia, destacamento avançado do socialismo na Europa!

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1968.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO
COMUNISTA DO BRASIL

QUE FAZER?

CADERNOS MARXISTAS-LENINISTAS

SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA NÃO HÁ MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

A SAIR BREVEMENTE

SEDE PROVISÓRIA:
RUA DA FÉ, 26, 2.° — LISBOA-2

ÍNDICE

Desenvolver a Luta Ideológica e Fortalecer a Unidade do Partido 9

O Partido Comunista do Brasil na Luta contra a Ditadura Militar 23

Preparar o Partido para Grandes Lutas . . . 71

Alguns Problemas Ideológicos da Revolução na América Latina 93

Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil 115

Atitude Firme e Consequente 161

Este livro foi composto e impresso
na Tip. Garcia & Carvalho, Lda.
em Outubro de 1974
para
Edições Maria da Fonte